



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rejane Baptista do Nascimento


**Um estudo de caso sobre o Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ):
histórias e memórias de vinte anos de formação cultural em São Gonçalo**

São Gonçalo

2016

Rejane Baptista do Nascimento

Um estudo de caso sobre o Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ): histórias e memórias de vinte anos de formação cultural em São Gonçalo



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Tereza Goudard Tavares

Coorientadora: Prof.^a Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira

São Gonçalo

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

N244 Nascimento, Rejane Baptista.
TESE Um estudo de caso sobre o Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ):
histórias e memórias de vinte anos de formação cultural em São Gonçalo. /
Rejane Baptista Nascimento. – 2016.
150f. :il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Tereza Goudard Tavares.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Teses. 2. Cultura – São Gonçalo (RJ). 3. Projeto Amo
Salgueiro. I. Tavares, Maria Tereza Goudard. II. Oliveira, Elaine Ferreira
Rezende de. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de
Formação de Professores.

CDU 371 (815-3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rejane Baptista do Nascimento

Um estudo de caso sobre o Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ): histórias e memórias de vinte anos de formação cultural em São Gonçalo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em: 28 de junho de 2016.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Tereza Goudard Tavares (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof.^a Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira (Coorientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof.^a Dra. Márcia Soares de Alvarenga
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof.^o Dr. Leandro de Proença Lopes
Universidade Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

São Gonçalo

2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe por todo cuidado tanto na minha educação quanto no incentivo à escola e à vida acadêmica.

Ao meu filho, motivo maior de todos os desafios que me proponho a alcançar na vida para melhorar a nossa família.

Ao meu amigo Jorge Canela, que me permitiu olhar o Salgueiro de maneira diferenciada. A trajetória com você jamais poderá ser esquecida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo fôlego de vida.

À Universidade Estadual do Rio de Janeiro por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação, o PPGEDU, que com pessoas competentes muito contribuiu para mais esse degrau na minha formação.

Às minhas orientadoras: Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Goudard Tavares e Prof.^a Dr.^a Elaine Ferreira Rezende de Oliveira, pela partilha na pesquisa, que muito contribuiu para a escrita desta dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Márcia Soares de Alvarenga que, ao homenageá-la, o faço a todos os professores do Mestrado. Professores competentes e humanos, com um olhar especial para nós, alunos trabalhadores e, por suas preciosas discussões no grupo de pesquisa que muito enriqueceram o percurso da minha pesquisa.

Ao Prof.^o Doutorando William Mello pela leitura crítica do meu texto no percurso da escrita.

À minha turma do Mestrado 2014, onde me apoiou e fez excelentes amigos. A aprendizagem coletiva com profissionais do mais alto gabarito ficará como marca desta trajetória que construímos juntos de parceria e diálogo.

À Claudia Nascimento pela preciosa revisão do texto e a Rita Chagas pela revisão do inglês.

À instituição Associação Comunitária Amo Salgueiro, pela disponibilidade de pesquisa, aprendizado e aos educadores sociais que compartilharam suas práticas e saberes.

Às minhas diretoras: Cláudia Leite e Clarice Barcelos, Maria de Fátima Santos, Kátia Cruz e Valéria Oliveira por compreenderem e favorecerem meu trabalho nas redes nesse momento importante de formação.

À Secretaria Municipal de Maricá por ter me licenciado para estudos no final do Mestrado.

Aos tutores-amigos: Allan Charles, Janete Oliveira e Sidirley Venâncio pela insistência para que eu participasse da seleção do Mestrado, e durante todo o caminho para que eu não desistisse.

A Pablo Oliveira por ler meu projeto inicial e tecer considerações.

A todos os meus amigos, os quais não daria para citar nesta folha, por toda torcida, incentivo, lágrimas, nesses dois anos de muito trabalho.

A Wellington Torão, presidente do PAS por me acompanhar em entrevistas no Salgueiro.

A todos os jovens, adolescentes, crianças do PAS, que me ensinaram sobre a cultura do Salgueiro.

Quanto mais o povo dominado se mobiliza dentro de sua cultura, mais ele se une, cresce e sonha – sonhar é também parte da cultura – e está envolvido com o ato de conhecer. A fantasia, na verdade, antecipa o saber do amanhã. Eu não sei por que tanta gente faz pouco da fantasia no ato de conhecer. De qualquer maneira, todos esses atos constituem a cultura dominada que quer se libertar.

Paulo Freire

RESUMO

NASCIMENTO, Rejane Baptista do. *Um estudo de caso sobre o Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ): histórias e memórias de vinte anos de formação cultural em São Gonçalo*. 2016. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

A Pesquisa foi desenvolvida em uma instituição da sociedade civil, denominada Associação Comunitária Projeto Amo Salgueiro (PAS), localizada no Complexo do Salgueiro, região metropolitana do Rio de Janeiro. O objetivo principal da dissertação é o de compreender a atuação desta associação, nas trajetórias de pessoas oriundas dessa região e o impacto da produção cultural nesse ambiente de educação não formal. O referencial teórico usado na pesquisa trata da cultura da classe trabalhadora e seu papel nos processos de reprodução e superação das desigualdades sociais (BOURDIEU, 1997, 2008; FREIRE, 1997, 2005, 2014; GRAMSCI, 1991, 2000, 2004). Bourdieu trouxe um entendimento da contribuição de diferentes instituições, principalmente a escola, para uma reprodução da cultura de classe dominante. Apoio-me em Gramsci (1989) para pensar a relação da cultura, no que diz respeito à criação de uma ideologia que ajuda uma classe a ter hegemonia sobre a outra, sentida fortemente na vida cotidiana dos pobres trabalhadores do Salgueiro, parte da classe dominada de uma periferia urbana. Freire auxilia a pensar como a cultura popular, traduzida numa Pedagogia da Margem, pode ser contra-hegemônica, experimentada e recriada no diálogo com a cultura local. Desse modo os dados da pesquisa foram construídos por meio de levantamento de literatura, estudo de caso, pesquisa documental e entrevistas com educadores sociais e coordenadores que participam das atividades desenvolvidas no Projeto Amo Salgueiro, o PAS.

Palavras-chave: Associação Comunitária Projeto Amo Salgueiro (PAS). Produção de cultura em periferias urbanas. Sociedade civil organizada.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Rejane Baptista. *A case study on the Project Love Salgueiro in São Gonçalo (RJ): Stories and Memories of twenty years of Cultural Education in São Gonçalo*. 2016. 150f. Dissertation (Master of Education) – Faculty of teacher training, University of Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

The research was developed in an institution of civil society, called Community Association Project Love Salgueiro (PAS), located in the Complexo do Salgueiro, metropolitan region of Rio de Janeiro. The main purpose of this work is to understand the role of this association in people trajectories from the northern region and the impact of cultural production in this non-formal education environment. The theoretical framework used in the research deals with the culture of the working class and its role in reproduction and overcoming social inequalities (Bourdieu 1997, 2008; FREIRE, 1997, 2005, 2014; Gramsci, 1991, 2000, 2004). Bourdieu brought an understanding of the contribution of different institutions, especially schools, for a reproduction of the dominant class culture. Use Gramsci (1989) to consider the relationship of culture, regarding the creation of an ideology that helps a class to have hegemony over the other, strongly felt in everyday life of the working poor Willow, of the dominant class in the periphery urban. Freire helps to think how popular culture, reflected in a margin of Pedagogy, can be counter-hegemonic, experienced and recreated in dialogue with the local culture. Thus the survey data were constructed through literature survey, case studies, desk research and interviews with social educators and coordinators participating in the activities developed in Project Love Salgueiro, PAS.

Keywords: Community Association Project Love Salgueiro (PAS). Crop production in urban peripheries. Organized civil society.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa de São Gonçalo com número de escolas municipais por bairros.....	17
Figura 2 –	Mapa da região metropolitana do RJ, com São Gonçalo em destaque.....	23
Figura 3 –	Mapa de São Gonçalo, com destaque para os bairros e os distritos.....	26
Quadro 1 –	Oficinas oferecidas pelo Projeto Amo Salgueiro.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM	Banco Mundial
CEDERJ	Consórcio Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CECIERJ	Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EPSJV	Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FMI	Fundo Monetário Internacional
IACS	Instituto de Artes e Comunicação Social
LANTE	Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONG	Organização Não Governamental
OSCIP	Organização Social de Interesse Público
PAEM	Programa de Apoio ao Ensino Médio
PAETEC	Programa de Apoio ao Ensino Técnico
PAS	Projeto Amo Salgueiro
PPP	Projeto Político Pedagógico
PIGEAD	Programa de Implementação, Gestão em Educação a Distância
PROJOVEM URBANO	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PROTEJO	Programa de Proteção ao Jovem
SBPC	Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência
UNIRIO	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIVERSO	Universidade Salgado de Oliveira
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNICEF	União das Nações Unidas para Infância e Juventude
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	O PAS E SUA A TRAJETÓRIA DE 20 ANOS NA LOCALIDADE DO SALGUEIRO: OS EFEITOS DO LUGAR SOBRE A PRODUÇÃO DE CULTURA E A PEDAGOGIA DA MARGEM.....	21
1.1	Os efeitos do lugar no Salgueiro.....	28
1.2	O projeto do PAS: objetivos e formas de atuação.....	31
1.3	A institucionalização do PAS como Associação Comunitária.....	38
2	UMA INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA, SUAS MUTAÇÕES E A OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	40
2.1	Revisitando os conceitos de ‘estado ampliado’ e ‘sociedade civil’.....	42
2.2	A produção de cultura popular como resistência: uma das armas de luta política da sociedade civil organizada.....	49
2.3	A opção teórico-metodológica na investigação do PAS: o estudo de caso e as entrevistas.....	54
3	O QUE FALAM OS EDUCADORES SOCIAIS? A MISSÃO DO PAS NA ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DE QUEM CONSTRUIU O PROJETO NESSES VINTE ANOS DE HISTÓRIA.....	56
3.1	As primeiras impressões pelos percursos no campo da pesquisa.....	58
3.2	O movimento campo-teoria nas falas dos atores do PAS.....	62
3.2.1	<u>Autoestima.....</u>	64
3.2.2	<u>Cultura e memória.....</u>	67
3.2.3	<u>Cultura versus religião.....</u>	71
3.2.4	<u>O PAS como agência de socialização.....</u>	75
3.2.5	<u>Ausência do estado, sociedade civil, OSCIP e ONG.....</u>	79

3.2.6	<u>Educação popular e a pedagogia da margem</u>	83
	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	86
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
	ANEXO 1 – Roteiro das entrevistas.....	96
	ANEXO 2 – Folder.....	97
	ANEXO 3 – Entrevistas na íntegra.....	98
	ANEXO 4 – Estatuto Social da Associação Comunitária.....	112
	ANEXO 5 – Edital Itaú Social Unicef.....	125
	ANEXO 6 – Edital Ponto de Cultura.....	132
	ANEXO 7 – Plano de Desenvolvimento Comunitário.....	134
	ANEXO 8 – Fotos do Projeto Amo Salgueiro.....	135
	ANEXO 9 – Termo de Consentimento (Entrevistas).....	140
	ANEXO 10 – Livretos do Ponto de Cultura.....	141
	ANEXO 11 – Letras das músicas dos vídeos do PAS.....	144
	ANEXO 12 – Logotipo do PAS.....	147
	ANEXO 13 – Jornal Extra – Beltrame: tem gente da PM que não quer a UPP – Área de Niterói e São Gonçalo teve maior aumento de mortes. Secretário de Segurança diz que números são “péssimos”.....	148

INTRODUÇÃO

O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca as suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse em contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado. Por isso fala-se na imprevisibilidade do evento, a que Ricoeur chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história de ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos.

Milton Santos

O lugar foi a primeira dimensão que me chamou a atenção e despertou o olhar de pesquisadora para a associação da sociedade civil em que trabalhei como formadora de educadores sociais¹ por 3 anos antes do mestrado. Foi reconhecendo o lugar da rua, ocupado pela Associação Comunitária Projeto Amo Salgueiro (PAS), que comecei a pensar em questões sobre ações culturais desenvolvidas por vinte anos naquela localidade. Neste movimento, me questionei por que aquela Associação estaria no Complexo do Salgueiro² e não em outro lugar? Começava ali o percurso de pesquisa.

Conforme Bourdieu (1997a) nos aponta, os efeitos dos lugares abandonados, definidos por outros pela ausência do Estado, da escola, das instituições de saúde e educação são marcantes nas desigualdades sociais. Observando tal situação, no cenário em que atuo e

¹ O termo “educador social” é utilizado, segundo Gohn (2009), para designar pessoas que trabalham, ministrando aulas com um caráter socioeducativo em ambientes não formais de educação. Carregam além da dimensão educativa uma prática social e política em suas localidades.

² O jornal “O São Gonçalo” já utiliza o termo “Complexo do Salgueiro” (localizado no 1º distrito do município de São Gonçalo) para se referir aos bairros localizados nessa região, que sofrem grande influência da violência urbana, personificada na atuação do tráfico de drogas. Disponível em: <<http://www.osaogoncalo.com.br/site/polícia/2009/11/10/4439/guerra+do+tráfico+também+na+internet>>. Acesso em: 10 nov. 2009 (OLIVEIRA, 2010).

atuava na localidade do Salgueiro, município de São Gonçalo, comecei a me interrogar com algumas importantes questões.

Por que tanto abandono do Estado? Onde estavam os equipamentos públicos de esporte e lazer para os jovens e adolescentes do Salgueiro? Onde estava o direito de ir e vir, que muitas vezes era, e é cerceado pelos conflitos entre facções que controlam o tráfico de drogas e a polícia?

Existe uma funcionalidade no lugar habitado que vai além do 'estar' no lugar físico. São as relações sociais que são constituídas nessa localidade. A associação comunitária estudada nessa dissertação elegeu o espaço da rua como seu principal veículo de cultura. É lá que as oficinas e atividades começaram e onde os salgueirenses começaram a se perceber enquanto grupo social com laços firmados em uma comunidade.

As características locais, as marcas da origem social no lugar e nos indivíduos, como apontam Santos (2010) e Bourdieu (1997a), orientam os eventos. Por que as ações do PAS agregavam tantos jovens? Em que medida essas atividades dialogavam com o universo de escolarização? Seria possível construir uma nova estratégia de superação da pobreza pela produção de cultura? Quais os efeitos do lugar na produção cultural do PAS? Essas podem ser consideradas questões norteadoras desta pesquisa.

Desse modo, os sentidos da pesquisa social, segundo Ribeiro (2009), devem observar os vínculos entre sujeito social, conjuntura e lugar. Com esses questionamentos na cabeça, o objeto foi sendo passo a passo construído. Contudo, o tema de pesquisa não pode ser pensado, sem ser levado em conta o caminho percorrido para que nele se chegasse.

Os caminhos desta pesquisa se afinam com meu percurso pessoal, e principalmente a minha história enquanto profissional de educação da rede pública de ensino.

Minha escolarização foi construída na rede privada, do município de São Gonçalo, em que terminei minha educação básica.

No ensino médio, optei pela Formação Geral, por acreditar que melhor me prepararia para a universidade, minha grande meta. Mesmo com a Formação Geral, tinha como sonho o magistério.

Completei a formação pedagógica em um curso de complementação nas disciplinas pedagógicas. O ensino técnico permitiu o meu ingresso imediato na escola pública no município de São Gonçalo por meio de concurso público.

Assim, meus estudos na rede pública de ensino começam na graduação na Universidade Federal Fluminense (UFF), no curso de Pedagogia com habilitação nas áreas de:

Administração, Orientação Pedagógica e Educacional e o Magistério das Disciplinas Pedagógicas do antigo curso normal.

Na UFF fui bolsista de Iniciação Científica pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em uma pesquisa que tinha por objetivo principal verificar a eficácia ou não da Revista Ciência Hoje das Crianças, por meio da análise de aulas de Ciências no primeiro segmento do ensino fundamental, na rede pública municipal de Niterói.

Além dessa experiência, fui bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), com outra bolsa de iniciação científica em que atuei durante quatro anos na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). O projeto no qual fui inserida era um Programa de Capacitação para os professores que atuavam no Ensino Técnico em Saúde, o Programa de Apoio ao Ensino Técnico (PAETEC).

O desdobramento da pesquisa deu origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que teve como objetivo estudar a relação entre ensino e pesquisa no processo de estágio e confecção de monografias dos alunos do Ensino Técnico da EPSJV.

Essa experiência acadêmica foi muito rica e rendeu expectativas de ingresso na pós-graduação. A partir desta experiência fui convidada a coordenar a equipe de professores do Programa de Apoio ao Ensino Médio (PAEM) que preparava os funcionários para prestar os exames de suplência do Estado. Nesta ocasião, também na FIOCRUZ, estava quase finalizando o curso de Pedagogia. Fiquei no Programa o tempo que ele durou, cerca de quatro anos.

Com o tempo, os alunos foram se desestimulando, pois a FIOCRUZ não podia aplicar as provas e promover a certificação. Isso ficaria a cargo do Estado do Rio de Janeiro, por meio dos Exames de Suplência, que aconteciam de seis em seis meses. Com a evasão, o Programa acabou extinto.

Fiquei um tempo sem participar da vida acadêmica. Casei e investi no sonho da maternidade. O que não me arrependo, mas adiei momentaneamente o meu desejo de continuar na pós-graduação.

Em 1998, fiz concurso público ao terminar o curso superior e comecei a atuar na Rede Pública Municipal de São Gonçalo. Inicialmente como professora da Educação Básica, depois como Orientadora Pedagógica, Orientadora Educacional, até a gestão de uma Escola Pública. Depois de 10 anos da Rede Municipal em São Gonçalo ingressei na Rede Pública Municipal de Maricá, onde atuo até hoje como Orientadora Educacional.

Enquanto estava Diretora Geral, concluí o curso de pós-graduação lato-sensu a distância pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO) no ano de 2010. A pesquisa estava relacionada à gestão escolar pública e ao processo de construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma escola da rede municipal de São Gonçalo.

Em 2010, fiz concurso para tutoria presencial do consórcio CECIERJ-CEDERJ, no Ensino Superior, onde atuei inicialmente no Polo Saquarema, no curso de Pedagogia com as disciplinas História na Educação 1 e 2, Educação & Trabalho, Artes Visuais, Dinâmicas das Organizações Escolares e Gestão 1 e 2.

Em 2011, fiz mais uma especialização a distância, pelo LANTE-UFF, em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância (PIGEAD). A pesquisa investigou o perfil dos alunos da modalidade EAD, buscando dimensionar diferenças e semelhanças entre alunos de polos interioranos e de polos urbanos.

Em 2013 fiz novo concurso e atuo, até o presente momento, no Polo Niterói, nos cursos de Pedagogia e Geografia, nas disciplinas Fundamentos da Educação, Prática de Ensino e Gestão e Estágio, como tutora presencial. Há um ano coordeno o Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO/CECIERJ/CEDERJ).

No Ensino Superior atuo como tutora a distância, desde 2014, no curso de Pedagogia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), nas disciplinas: Pedagogia Social, Ambientes não escolares, História da Educação e Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil.

Rememorar esses fatos e encontros faz-se necessário para o entendimento da minha entrada no Complexo do Salgueiro, onde iniciei meu trabalho no PAS, contato que ocorreu a partir da necessidade de entrosamento entre escola, comunidade e instituições locais por ocasião da minha inserção como gestora pública da escola municipal local.

A proposta de articular o contexto social em que vivem os jovens moradores do Complexo do Salgueiro e suas trajetórias de escolarização surgiu a partir da reflexão sobre a prática pedagógica em uma escola pública, da rede municipal de ensino de São Gonçalo, localizada nesta região, para a qual fui nomeada diretora geral em 2009. Trabalhei em uma unidade de ensino recém-inaugurada, no bairro de Itaúna, localidade que faz parte do Complexo do Salgueiro.

O Complexo do Salgueiro é uma das localidades do Município de São Gonçalo, considerada pela mídia um ‘bolsão de pobreza’ e o maior foco de violência urbana da cidade, em que ocorrem confrontos diretos, entre diferentes facções do tráfico de drogas e o

policciamento do Estado. Segundo o jornal oficial da prefeitura, “O São Gonçalo”, esta localidade tem sido frequentemente apontada como um dos principais cenários de vulnerabilidade e risco social da cidade. E é em meio a este contexto e a estes conflitos, que nasce o meu objeto de estudo, a Associação da Sociedade Civil – PAS, criada em 1995.

Esta escola de Itaúna me fez conhecer seu entorno, pessoas, organizações e o cotidiano da localidade. Ela atendia na época crianças com quatro anos, por meio do ensino regular, e a adultos, por meio do programa “Pro Jovem Urbano”³, e tinha como meta uma gestão democrática que dialogasse de “dentro para fora” e de “fora para dentro”, procurando oferecer oportunidade para que todos os seus atores tivessem vez e voz.

Hoje o programa Pro Jovem Urbano ainda funciona na mesma escola, a Escola Municipal Pastor Haroldo Gomes, localizada no Salgueiro, com uma frequência de alunos bastante reduzida. Alguns alunos atendidos pelo PAS ainda estão na briga por escolarização e outros conseguiram inserção no programa. Esta redução no quantitativo de alunos, oficiosamente pode ser atribuída ao aumento da violência nesses lugares. Os alunos ficam com receio de sair de sua localidade (como era de costume antes, quando estudavam na escola mais próxima de suas residências, na Palmeira) para uma escola mais distante, em Itaúna.

A Educação de Jovens e Adultos, que era oferecida em uma escola no bairro da Marinha, teve que fechar por conta das questões da comunidade. Todos os alunos foram transferidos para Itaúna, o que dificultou em parte o deslocamento e aumentou a evasão.

As duas escolas municipais localizam-se em bairros muito próximos, no mesmo distrito de São Gonçalo, mas que necessitam de condução, e apresentam características um pouco diferentes, como comércio mais abundante, pessoas com poder aquisitivo maior do que na da Palmeira⁴, com modos de vida distintos. O mapa do número de escolas municipais por

³ Segundo a página do Ministério da Educação, o objetivo do Programa Federal Pro Jovem Urbano é elevar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos, que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando à conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania, na forma de curso, conforme previsto no art. 81 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ele acontece em parceria com os municípios. A Escola onde fui diretora geral era, e ainda é um Polo deste Programa Federal. Cabe ao governo federal as seguintes ações: apoiar técnica e financeiramente Estados, Municípios e o Distrito Federal para a oferta e o desenvolvimento de cursos do Projovem Urbano, bem como conceder auxílio financeiro mensal aos jovens atendidos, durante os 18 meses de desenvolvimento do curso, no valor de R\$100,00, condicionado a 75% de presença deste jovem nas atividades presenciais e a entrega de trabalhos pedagógicos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17462&Itemid=817>. Acesso em: 23 jan. 2015.

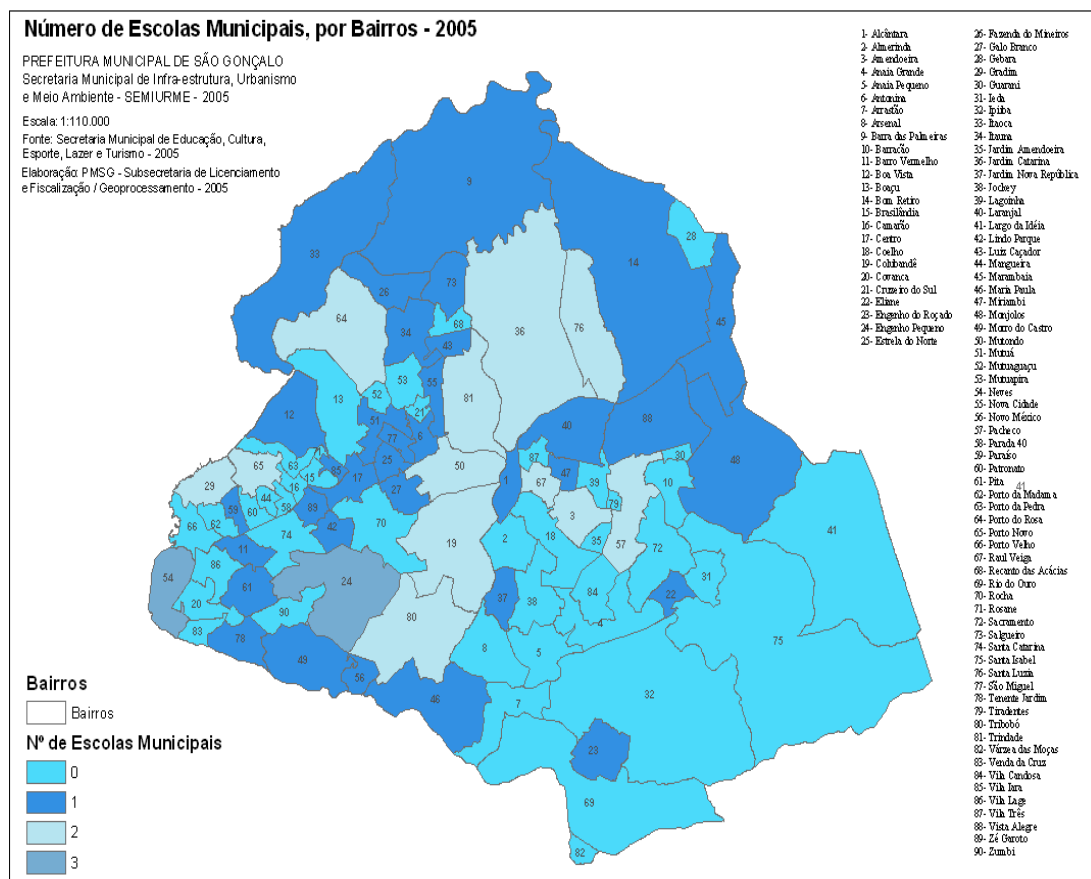
⁴ O Complexo do Salgueiro, onde está localizado o PAS compreende localidades da redondeza, como: Salgueiro, Itaúna, Fazenda dos Mineiros, Palmeira, Marinha, Itaoca.

bairros em São Gonçalo que apresentamos a seguir reflete as carências de instituições escolares públicas no bairro do Salgueiro.

Em 2005, havia apenas uma. Atualizando os dados pela observação no bairro, vemos que, depois de mais de 10 anos, esse número aumentou somente para mais uma. A oferta para o número de crianças ainda se apresenta insuficiente na fala de algumas diretoras da região.

Esse dado nos leva a refletir sobre a importância de projetos culturais que, não tirando o lugar da escola no processo de escolarização, oferece aos jovens e adolescentes que são ‘estigmatizados’ (BOURDIEU, 1997a), algum conhecimento através da cultura local de suas raízes, que lhes é negado cotidianamente, na localidade em que se encontram, desprovida de políticas públicas que financiem a aquisição de equipamentos de cultura, esporte e lazer na periferia urbana.

Figura 1 – Mapa de São Gonçalo com número de escolas municipais por bairros.



Fonte: Site Oficial da Prefeitura Municipal de São Gonçalo.⁵

⁵ Disponível em: <<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/mapas/mneb.gif>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

Neste movimento, e com grandes dificuldades para implantação de um projeto de Educação Integral⁶, conforme foi o desejo da Secretaria Municipal de Educação ao idealizá-lo, não havia funcionários suficientes para que fosse oferecida uma jornada de 8 horas diárias, pois não contávamos com o quadro de professores completo. Desse modo, houve a necessidade da realização dessas atividades em contraturno, sem a oferta de professores que realizassem tais atividades. Foi discutido, então, com a equipe técnico-pedagógica no momento de construção do (PPP) da escola, como seriam oferecidas à comunidade atividades em contraturno, sem a oferta de profissionais na unidade de ensino mencionada.

Deste primeiro passo, conheci Organizações Não Governamentais (ONG) que atuavam na comunidade com diferentes propósitos. Para atender às mulheres e sua profissionalização, muitas instituições religiosas, demandando por retirar os jovens das drogas, e uma instituição que se propunha a oferecer cultura, já que, segundo as pessoas com que conversei na época, os jovens não dispunham de nenhum equipamento público que oferecesse cultura e lazer no próprio bairro, e que, além disso, precisavam da própria cultura para redescobrir seu valor em meio a uma comunidade que só é representada pela mídia com aspectos negativos. Esse conjunto de aspectos chamou a atenção e nos fez estreitar laços de parceria com a Associação Comunitária Projeto Amo Salgueiro, fundada em 1995.

Na sua origem o PAS foi pensado como uma Associação Comunitária idealizada por amigos que frequentavam uma mesma igreja para oferecer atividades que atraíssem as crianças para outras coisas que não fossem as mazelas do tráfico e da violência. Com o passar do tempo, a associação, por questões de sobrevivência, passa a se enquadrar como ONG, por ter que se adequar às novas lógicas dos editais e chamadas públicas por verbas. Importante ressaltar que nesse contexto surgem os reflexos da globalização, como por exemplo, a lei do voluntariado e a corresponsabilização da sociedade civil, como marcas do final da década de 1990, que reorientam as ações do Estado e dos movimentos sociais. O caminho de luta desta associação se expressa através dos registros, aos quais tivemos acesso, e são fontes que permitem nossas primeiras impressões e suscitam questões a serem investigadas ao longo da pesquisa, questões essas tratadas no segundo capítulo. Apresento alguns desses registros, como o folder no anexo 2 desta dissertação.

⁶ A Educação Integral para a rede pública municipal estava sendo pensada naquela ocasião como ampliação temporal do horário escolar, principalmente em função das mães trabalhadoras do Complexo do Salgueiro. As atividades e oficinas foram pensadas em contra turno ao horário escolar e tinham como objetivo oferecer atividades culturais e pedagógicas às turmas de Educação Infantil e 1º ano de escolaridade, inicialmente. Não havia nenhuma orientação de como fazer, na prática, esta modalidade funcionar sem a menor estrutura para tal.

A minha entrada no PAS se deu por meio de um contato feito em 2010, com o seu coordenador Jorge Canela, que procurava uma escola para uma parceria, pois necessitava de salas para desenvolver um projeto, denominado PROTEJO com a ONG Viva Rio.⁷ Cederíamos salas e em troca seriam oferecidas oficinas de formação para os educadores sociais que fariam atividades com as crianças da escola no contraturno. Na época havia uma preocupação com a ausência de um pedagogo no PAS, já que essa era uma das exigências dos editais de financiamento. Foi nesse período que passei a integrar a equipe do PAS.

A experiência como formadora dos educadores sociais por mais de dois anos me fez refletir sobre a prática dos movimentos sociais naquela localidade. Como surgiram? Que motivações deram origem à construção de um pensamento coletivo? Como se organizaram? Com que meios físicos, estruturais e financeiros o projeto conseguiu manter as ações? Como chegaram aos financiamentos? Como conseguiram manter a unidade colaborativa mesmo depois da morte do seu mentor? Estas primeiras questões me motivaram a me inscrever no processo seletivo para o Mestrado nesta Universidade, por acreditar que o aprofundamento teórico e o diálogo com a práxis cotidiana dos movimentos sociais e culturais me ajudariam a entender o meu papel enquanto educadora e cidadã naquele Projeto.

Nesse sentido, os principais objetivos deste trabalho de pesquisa são: analisar a experiência da Associação Comunitária Projeto Amo o Salgueiro como uma trajetória de 20 anos de produção cultural no bairro do Salgueiro; pensar criticamente as estratégias de avanço das Organizações da Sociedade Civil dentro da esfera pública e o desdobramento de suas ações no poder local durante esse período de atuação; pesquisar o estudo de caso da instituição como uma possibilidade de pensar a ação de outras organizações da sociedade civil nas políticas públicas culturais.

⁷ Para compreender a parceria que viabilizou o protejo, transcrevemos integralmente como o Programa Viva Rio apresenta sua missão na página oficial da instituição na web: “O Viva Rio é uma organização comprometida com a pesquisa, o trabalho de campo e a formulação de políticas públicas com o objetivo de promover a cultura de paz e a inclusão social. A instituição foi fundada em dezembro de 1993, por representantes de vários setores da sociedade civil, como resposta à crescente violência que assolava o Rio de Janeiro. Nessas duas décadas, desenvolveu e consolidou atividades e projetos que se tornaram políticas públicas reproduzidas pelo Estado, por empresas, mercado e outras organizações. Missão: Promover a cultura de paz e viabilizar a inclusão social. Visão: Uma sociedade que integre segurança e direitos civis, justiça e liberdade, desenvolvimento e meio ambiente, modernidade e diversidade cultural. O Projeto Protejo (RJ), um dos programas do Viva Rio, em parceria com comunidades do Complexo do Salgueiro foi um curso de capacitação em ferramentas multimídia que, junto com a Comcat (RJ), propunha capacitação de lideranças comunitárias para o desenvolvimento de canais de comunicação virtual com os jovens”. Disponível em: <<http://vivario.org.br/quem-somos-2/>>. Acesso em: 08 abr. 2015. Todo discurso e descrição é de responsabilidade do site do VIVA RIO. Não é nossa intenção analisar o discurso, e sim, apresentar o programa tal qual ele foi concebido pelos seus idealizadores e é difundido para a sociedade.

Os autores que fundamentaram a pesquisa são considerados teóricos críticos do papel da cultura na sociedade capitalista. Adotamos como principal referencial teórico, as análises produzidas por Bourdieu (1997, 2008), Freire (1978, 1979, 1997, 2005 e 2014) e Gramsci (1989, 1991, 2000, 2004) que criticaram o papel da cultura nos processos de dominação social, mas trataram também do papel da cultura na libertação dos indivíduos e das classes sociais subalternizadas.

A opção teórico-metodológica combinou: estudo de caso com observação participante e entrevistas semiestruturadas. Esta opção foi eleita por se adequar aos objetivos da pesquisa e ao tema escolhido. O objeto definiu e orientou o caminho para a pesquisa que considerou métodos quantitativos e qualitativos para a compreensão de um determinado fenômeno social. (BOURDIEU, 1997b).

A vivência do pesquisador em meio às ações do PAS permitiu uma aproximação não violenta com as relações produzidas no cotidiano do projeto. Segundo Bourdieu (1997b), as entrevistas revelam uma dimensão onde é permitido ao entrevistado revelar mais do que os dados estatísticos podem promover, pois com esse instrumento há uma abertura para que o pesquisado possa falar para além do roteiro pré-estabelecido.

A dissertação está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo, trataremos do percurso de luta da Associação Comunitária PAS, pensada inicialmente para promover o renascimento da cultura local, como forma de valorização do bairro do Salgueiro, com vistas a evitar o contato da juventude da localidade com a criminalidade e o tráfico de drogas. No segundo capítulo, apresentaremos uma breve discussão sobre a história dos movimentos sociais e as transformações históricas que os movimentos atravessaram nas últimas décadas, assim como explicar o caminho teórico-metodológico adotado nessa dissertação. Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos as entrevistas realizadas com educadores sociais e a equipe diretiva do Projeto Amo Salgueiro, indicando as possibilidades e limites da atuação dessa sociedade civil na construção de uma Pedagogia da Margem nos últimos 20 anos.

1 O PAS E SUA A TRAJETÓRIA DE 20 ANOS NA LOCALIDADE DO SALGUEIRO: OS EFEITOS DO LUGAR SOBRE A PRODUÇÃO DE CULTURA E A PEDAGOGIA DA MARGEM

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas 'originais'; significa também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, 'socializá-las' por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.

Antônio Gramsci

Com o processo de urbanização e desenvolvimento econômico ocorrido entre os anos 30 e 70 do século XX, o Brasil experimentou, e porque não dizer o Rio de Janeiro, uma redistribuição de bens sociais (BURGOS; PAIVA, 2009), personificada em uma desigualdade social expressa por: renda, etnia, gênero e regionalidade.

Os reflexos desse processo apareceram na falta de equipamentos públicos básicos como de habitação, saúde e educação nas regiões mais pobres das cidades, as periferias dos grandes centros. Os mais pobres foram privados de boa parte das ações do Estado nessas regiões denominadas de favelas e estigmatizados pelas frações de classes privilegiadas que puderam habitar áreas valorizadas das cidades.

Nos anos 1980 há uma retomada dos debates acerca dos direitos sociais no Brasil, que colocaram a sociedade civil como responsável por reivindicar o atendimento de demandas que não foram atendidas pelo Estado durante a ditadura militar.

Nesse sentido:

Pode se afirmar com segurança que, além das desigualdades regionais entre pequenas e grandes cidades no quadro de distribuição de equipamentos culturais, há no interior dos municípios, desigualdades tão ou mais brutais. Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares. (BRENNER et al., 2011, p. 179).

Tais autores ressaltam esta opinião na contemporaneidade ao explicitarem que as favelas e periferias urbanas brasileiras são verdadeiros desertos, no que se refere à oferta de aparelhos culturais estatais destinados às frações mais pobres das camadas populares. Neste cenário, produzido nas últimas décadas, as associações da sociedade civil e as ONGs se fortaleceram e se instalaram nas periferias das cidades brasileiras.

A Associação Comunitária Projeto Amo Salgueiro, é concebida em meio a esse cenário. Desse modo, os “efeitos do lugar” (BOURDIEU, 1997a), criaram as condições para que o projeto fosse idealizado na cidade de São Gonçalo.

O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital). É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço reificado. (BOURDIEU, 1997a, p. 161).

A literatura nos faz refletir sobre essa realidade, na medida em que nos deparamos com esse espaço reificado todos os dias no Salgueiro. Nessa localidade, uma periferia urbana do estado do Rio de Janeiro, encontram-se, cotidianamente, os efeitos do lugar nas trajetórias individuais de seus moradores. O lugar estigmatizado estigmatiza os indivíduos oriundos dessas localidades e os carrega de significados simbólicos no espaço social.

No Complexo do Salgueiro, como nas demais periferias urbanas do Rio de Janeiro, seus moradores têm seus direitos básicos negados, como o direito de ir e vir, cerceado pelo tráfico de drogas e tiroteios constantes causados por violenta atuação da força policial.

O Estado está ausente no que se refere à garantia de direitos. Assim, os jovens salgueirenses transitam entre o mundo da violência urbana, o mundo da Associação Comunitária e o mundo da escola.

Os “efeitos do lugar”, aquele que Bourdieu define como a justaposição das posições sociais definida pela “hierarquização” dessas posições se mostra aí em sua plenitude: *o espaço social da favela*, estigmatizado, não pode produzir efeitos positivos do lugar, uma vez que “degrada simbolicamente” os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privado de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, ele não tem em comum senão sua excomunhão. (BURGOS; PAIVA, 2009, p. 28).

Isto pode ser percebido no “*modus operandi*” dos sujeitos, um ‘ter’ que se torna ‘ser’ da favela e que o identifica à sua classe social. O morador de uma favela tem um *habitus*

formado no meio social mais próximo, que pode contribuir para o afastamento desses indivíduos de uma escolarização de sucesso, na medida em que, no interior do sistema de ensino, valoriza-se o *habitus* dos indivíduos das classes sociais abastadas.

Conforme afirma Ribeiro (2010), não se pode negar que existe um cenário de segregação residencial no Rio de Janeiro, em que:

as classes menos favorecidas tendem a sofrer de forma mais contundente os efeitos do isolamento provocados pela segregação, uma vez que a capacidade de se apropriar do espaço está em relação direta com a quantidade de capital, econômico e cultural, que se possui. (RIBEIRO, 2010, p. 252).

Esta realidade é presenciada por mim cotidianamente ao conviver e trabalhar em uma escola da região. A própria oferta de cultura pela Associação estudada demonstra a tentativa de oferecer atividades culturais ausentes na cidade de São Gonçalo e presentes em municípios vizinhos como Niterói e Rio de Janeiro.

Figura 2 – Mapa da região metropolitana do RJ, com São Gonçalo em destaque.



Fonte: Site Oficial da Prefeitura Municipal de São Gonçalo.⁸

⁸ Disponível em: <<http://www.agenciario.com/municipios/dados-gerais-geograficos.asp?codMunic=59>>. Acesso: em 15 mar. 2016.

A cidade de São Gonçalo é a 2ª maior população do estado do Rio de Janeiro, com mais de 1 milhão de habitantes⁹ e está localizada em uma área importante do estado, como podemos visualizar nesse mapa. São Gonçalo pode ser considerada uma metrópole que sofre com enorme carência de políticas culturais. Um dos sinais nesse sentido é que, apesar de sua emancipação política do município de Niterói ter ocorrido em 1890, somente agora o primeiro prédio destinado especificamente a um teatro público municipal está sendo construído na cidade. Nessa perspectiva, os salgueirenses podem apresentar marcas simbólicas dissonantes daquelas presentes na classe dominante o que pode atrapalhar os processos de escolarização dos seus habitantes no sistema educacional e o trânsito por outros lugares do Estado. Bourdieu (2014) denominou as ações e o modo de ser dos indivíduos de *habitus*:

um sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos e que seriam “predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é como princípio gerador e estruturador das práticas e representações” [...] O conceito de *habitus* seria assim uma ponte, a mediação entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social, ou simplesmente, entre a estrutura e a prática. (BOURDIEU, 2014, p. 24).

Segundo Bourdieu (1997a), o jovem das camadas populares carrega do lugar uma socialização que pode fazer com que esses indivíduos sejam estigmatizados em outros contextos sociais, diferentes do seu meio social mais próximo. Para o autor o *habitus* incorporado, pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação pessoal por parte de quem investe nele, trabalho feito desde muito cedo pelas famílias das classes dominantes.

Nesse sentido, as pessoas que habitam o Salgueiro, um conjunto de favelas da cidade de São Gonçalo, são consideradas pelo sistema de ensino, despossuídos de um jeito de ser socialmente valorizado, o que os prejudica nas suas relações sociais fora da localidade em que vivem. Seria um “*habitus*” traduzido no modo de pensar, ser e agir, nos diferentes espaços sociais e que não pode ser transmitido, nem adquirido por meio do dinheiro, mas é incorporado de acordo com a oferta social e cultural a que se expõem os sujeitos ao longo de suas vidas. O capital econômico acaba por se transmutar em capital simbólico, ou seja, o ‘nascido e criado-se’ na favela não produz o *habitus* legitimado pela cultura hegemônica e pela escola. Nessa perspectiva, é impossível dissociar a estrutura macrosocial da microssocial, pois o econômico também influencia nas interações cotidianas.

⁹ Dados estatísticos disponíveis no site do IBGE, disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330490>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

Seria necessário um suporte material que permitisse a essas pessoas travarem lutas por bens culturais que não estão disponíveis e acessíveis no meio em que vivem. No caso do Rio de Janeiro, a favela, embora não seja a única, é a forma espacial em que mais notoriamente aparecem as marcas dos efeitos da segregação urbana. Desse modo,

os processos de segregação social possuem efeitos contundentes na escolarização das crianças e das classes menos favorecidas, e é nesse sentido que se torna particularmente relevante compreender os mecanismos que engendram estratégias de contorno da situação postas pelo fato de residir num local cuja oferta educacional é limitada, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. (RIBEIRO, 2010, p. 252).

A falta de oferta de equipamentos públicos de cultura e lazer é um ponto que chama atenção no conjunto de favelas em que está localizada a Associação da Sociedade Civil, o PAS, o objeto de pesquisa desta dissertação de mestrado. Nesse sentido, o lugar estigmatizado pode carregar seus sujeitos de uma degradação simbólica, tornando-os marcados por um *habitus* que é rejeitado pela classe dominante, ou mesmo pelos professores no interior do sistema de ensino, efeito denominado por Bourdieu (2008) de ‘exclusão no interior’. Isso poderia explicar as dificuldades de ensino e aprendizagem presentes nas trajetórias de escolarização dos moradores da região, constatada na pouca escolarização dos jovens e seus familiares que frequentam as atividades culturais do PAS.

Observemos, que “o capital escolar é certamente um indicador valioso quando a questão é classificar sujeitos sociais e suas práticas culturais [...] mas não permite, por si só, restituir, ou resumir a diversidade e a complexidade das práticas”. (THIN, 2006, p. 30). Thin considera ‘capital escolar’, o nível de escolarização alcançado por um determinado indivíduo ou grupo social.

Durante a observação de uma saída com um grupo de jovens frequentadores do PAS isso ficou muito claro. Era uma premiação do Itaú Unicef¹⁰ e o presidente da instituição ficou deslocado porque não se sentia confortável naquele grupo, ainda que estivesse ali para ganhar o prêmio pelo PAS, semifinalista nacional. Em viagens de formação isso também acontecia – muitas vezes eu tive que representar o PAS externamente, por ser pedagoga ou por falta de interesse de membros do projeto de estarem ali com pessoas tão diferentes do seu meio social e do seu *habitus*, construído ou incorporado durante suas vidas no Salgueiro.

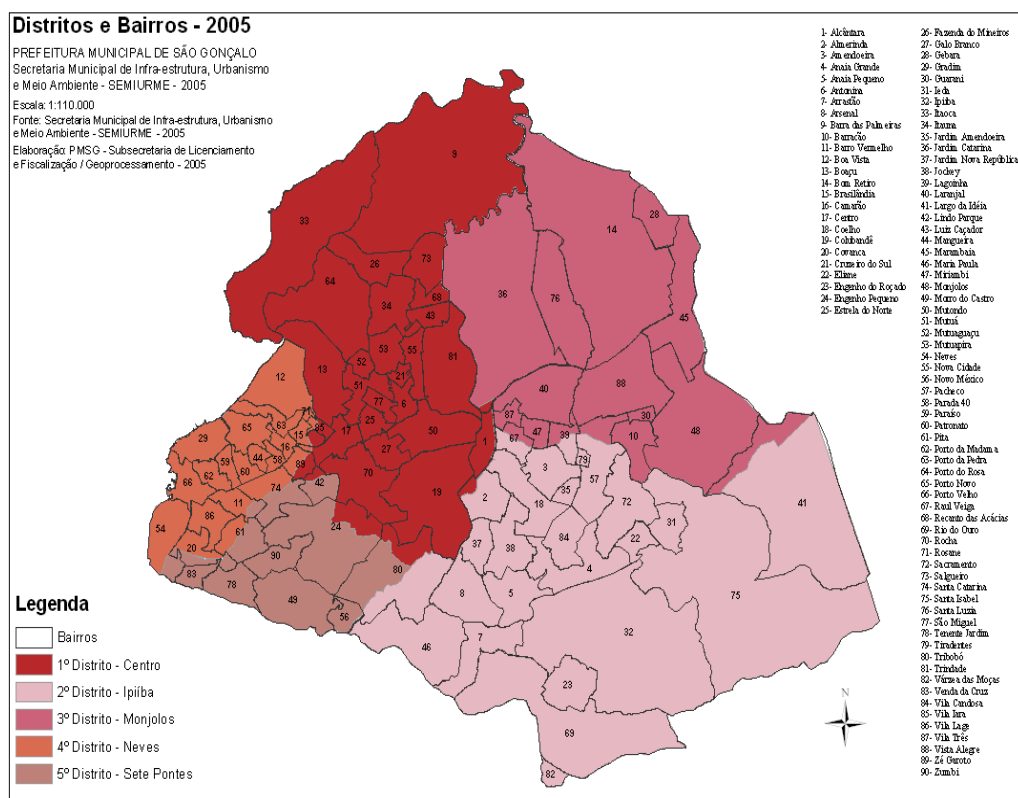
¹⁰Prêmio criado para reconhecer e estimular iniciativas bem sucedidas entre organizações da sociedade civil em parcerias com escolas públicas locais.

1.1 Os efeitos do lugar no Salgueiro

O PAS está localizado no Complexo do Salgueiro¹¹, que fica no 1º Distrito do Município de São Gonçalo. A história de constituição do PAS se mistura com a realidade da constituição das favelas cariocas. Conforme Campos (2007), podemos observar:

Historicamente, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, as favelas, assim como os cortiços, surgiram no cenário urbano carioca para suprir o hiato formado pelo déficit habitacional, abrigando, inicialmente, em sua grande maioria, uma massa de pobres que procuravam habitar próximo aos locais onde era oferecido trabalho, principalmente para aqueles que não tinham qualificação profissional. (CAMPOS, 2007, p. 21).

Figura 3 – Mapa de São Gonçalo, com destaque para os bairros e os distritos.



Fonte: Site Oficial da Prefeitura Municipal de São Gonçalo.¹²

¹¹Utilizaremos aqui o termo “Complexo do Salgueiro”, pois é assim que a localidade é conhecida, inclusive pelos veículos de mídia do estado e do município de São Gonçalo. No entanto, compreendemos esse lugar como um conjunto de loteamentos irregulares, desprovidos de atenção por parte das autoridades públicas. Não daremos ênfase somente ao conteúdo negativo que essa expressão representa, mas tentaremos analisar a localidade a partir dos dados que a pesquisa nos apresenta.

¹²Disponível em: <www.saogoncalo.rj.gov.br/mapas.php>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Segundo o Jornal O São Gonçalo, o único jornal impresso do município que circula nas cidades vizinhas, o bairro do Salgueiro é hoje considerado uma das localidades mais violentas do Leste Fluminense, e com mais vulnerabilidade social. Conhecido como um dos bolsões de pobreza da cidade, com forte presença do crime organizado, disseminação do tráfico de drogas e violência urbana. E está presente na pauta dos noticiários televisivos constantemente com as operações policiais, principalmente a partir dos últimos anos, com mudanças nas políticas de segurança pública do estado do Rio de Janeiro que visavam à pacificação das favelas do estado. Um dos sinais, nesse sentido, informa que:

Em particular na cidade do Rio de Janeiro, diferentes estratégias de “guerra às drogas” ocuparam a cena pública por quase 30 anos com pouco ou nenhum resultado frente aos indicadores de violência e também à sensação de insegurança vivenciada pelos cariocas. Ao mesmo tempo, é desde esse período que alguns governantes almejam transformar a cidade em palco para grandes eventos internacionais. Essa intenção vem se tornando possível a partir, principalmente, da escolha do Rio de Janeiro para sediar os jogos olímpicos em 2016 e receber jogos da Copa do Mundo em 2014. Essa possibilidade abriu caminho para grandes investimentos da iniciativa privada e dos setores públicos na tentativa de uma renovação urbana que possa, a partir do aumento do número de visitantes, fortalecer a economia carioca e oferecer uma cidade mais organizada e principalmente mais segura aos futuros visitantes. (CARVALHO, 2013, p. 286).

Fatos como esse nos levam a crer que, com a reorganização da cidade do Rio de Janeiro para os grandes eventos, desencadeou-se um movimento de transferência da marginalidade para outras cidades do estado, como São Gonçalo. A violência urbana que já era grande nesses centros, com esse advento, tornou-se ainda maior, conforme dados publicados em jornal de grande circulação e que serão apresentados posteriormente nesta dissertação. Pela própria vivência no Salgueiro pudemos notar o aumento desta criminalidade no cotidiano da favela nos últimos anos. Armas mais à vista, tiroteios constantes, aumento de confrontos diretos com a polícia. O cenário mudou e o lugar, que já era estigmatizado passou a ser mais temido pelo restante da população da cidade. Seguem abaixo duas manchetes que descrevem esse panorama social do Complexo do Salgueiro, a partir do ano de 2014:

Manchete 1

Cerca de 100 policiais fazem mapeamento do Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, postado em 13 de agosto de 2014.

O 7º BPM (São Gonçalo) iniciou uma operação de mapeamento do Complexo do Salgueiro, o maior conjunto de comunidades de São Gonçalo. Segundo o coronel do batalhão, Fernando Salema, a operação é de reconhecimento:

— Quero que fique claro que esta não é uma operação de guerra e sim de reconhecimento. A polícia precisa ter cautela para entrar em uma região tão grande, povoada por moradores que não têm nada a ver com o tráfico de drogas. A operação começou às 5h da manhã desta quarta-feira e conta com cerca de 100 policiais do

Batalhão de Ações com Cães (BAC), o Batalhão de Operações Especiais (Bope), o Batalhão de Choque e do Grupamento Aeromóvel (GAM). Duas aeronaves realizam uma varredura por cima do complexo para localizar os principais pontos de fugas dos traficantes. Durante o mapeamento, os policiais encontram um local chamado ‘Conjunto da PM’, localizado perto de um mangue, que tinha cerca de 4 kg de maconha e uma fardo material para endolação. Também foi localizada uma área conhecida como ‘Conjunto da Marinha’ onde os policiais apreenderam 15 motos roubadas e cinco depenadas. Em um outro ponto, os policiais acharam uma casa que servia para depenar carros e motos. Dentro da residência foram apreendidos mais de 50 celulares roubados.

O coronel Falema já foi comandante do 35º BPM (Itaboraí) e realizou um processo de pacificação no Complexo da Reta que teve bons resultados. Quando questionado se a intenção era fazer o mesmo no Salgueiro, ele disse que depende dos moradores: — A população da região precisa entender que o poder do estado é melhor do que o poder paralelo.

O Complexo do Salgueiro é uma das regiões que têm a atuação do traficante Schumaker, principal acusado de ter mandado matar um policial do Choque, no bairro Jardim Catarina, em São Gonçalo.¹³

Manchete 2

Suspeito controlaria a venda de drogas na comunidade de São Gonçalo na localidade conhecida como Manoel da Ilhota. Toda a região é dominada pelo Comando Vermelho

Um dos gerentes do Complexo do Salgueiro foi preso no último domingo por policiais do 7º BPM (São Gonçalo). O homem, de 22 anos, controlaria o tráfico em um ponto chamado Manoel da Ilhota.

De acordo com um policial militar que estava na ocorrência, o Complexo é dividido por diversas áreas com nomes diversos e controlados por gerentes do Comando Vermelho, facção que domina a região.

A polícia não revelou a quantidade de drogas e armas apreendidas com o suspeito.

Memória – O Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo é uma região conhecida por intenso tráfico de drogas e confrontos entre polícias e traficantes. A localidade é alvo de constantes patrulhas da polícia militar com o objetivo de coibir a criminalidade.

Em julho o Grupamento de Ações Táticas (GAT) do 7º BPM (São Gonçalo) prendeu um homem de 20 anos com 18 cápsulas de cocaína, além de R\$ 50 em dinheiro, em operação na comunidade do Salgueiro.

No início do ano, durante uma operação para reprimir o tráfico de drogas na comunidade, um menor de 17 anos foi apreendido por policiais do 7º BPM (São Gonçalo). Em poder do menor os policiais teriam encontrado cerca de 71 pedras de crack em estado de revenda e um colete a prova de balas.¹⁴

As manchetes trazidas nos fazem pensar acerca do cotidiano na localidade do Salgueiro, popularmente caracterizado como o maior conjunto de favelas da cidade de São Gonçalo, lugar de desprestígio social, onde a pobreza e a violência demonstrada nos noticiários acabam por criar uma representação negativa de seus moradores.

¹³Manchete 1 - Fonte: Extra. Disponível em: <<https://blogdocelerir.wordpress.com/2014/08/13/cerca-de-100-policias-fazem-mapeamento-do-complexo-do-salgueiro-em-sao-goncalo/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

¹⁴Manchete 2 – Fonte: <<http://jornal.ofluminense.com.br>. Disponível em: <<http://www.soumaisniteroi.com.br/noticias/39-cidade/6628-gerente-do-traffic-do-salgueiro-foi-preso-em-sao-goncalo.html>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Segundo Birman (2008):

Os jogos identitários que há muito tempo ocupam a cena pública em torno das favelas sugerem, pois, tanto uma presença constante de um tratamento dessas populações através de medidas segregadoras, como de resistência dessas populações a estas políticas e as formas variadas de serem identificadas em acordo com estas. Favelado, como há muito tempo estamos cientes, é uma das designações mais segregadoras de uso corrente na cidade. (BIRMAN, 2008, p. 103).

O fato de morar e conviver na favela com a criminalidade faz com que as pessoas do lugar sejam associadas a essas representações negativas, o que dificulta o estar na sociedade, no trabalho, na escola. O termo comunidade também é utilizado no sentido ideológico para designar esses lugares como resultado de um crescimento urbano desordenado, onde os menos favorecidos acabam por ocupar localidades distantes dos grandes centros e com falta de serviços básicos públicos, reflexos da estrutura desigual de classes no capitalismo.

Segundo Tavares (1992):

(...) a ideologia de comunidade encarregar-se-ia de (re) alimentar no imaginário social, a perspectiva de uma nova forma de organizar a vida dos setores excluídos da sociedade, conquistando uma dimensão muito ampla no conjunto das políticas públicas do Estado, à medida que visaria amortecer as reivindicações de grandes segmentos da sociedade por seus direitos sociais fundamentais, respondendo paulatinamente, de forma mais barata e diferenciada as demandas básicas das camadas populares. (TAVARES, 1992, p. 24).

Isso nos faz pensar sobre a inserção das associações da sociedade civil no Complexo do Salgueiro construindo práticas contra-hegemônicas para essa população. Segundo Gramsci (1989):

Poder-se-ia medir a "organicidade" dos diversos estratos intelectuais, sua mais ou menos estreita conexão com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para cima). Por enquanto, pode-se fixar dois grandes "planos" superestruturais: o que pode ser chamado de "sociedade civil" (isto é; o conjunto de organismos chamados comumente de "privados") e o da "sociedade política ou Estado", que correspondem à função de "hegemonia" que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de domínio direto" ou de comando, que se expressa no Estado e no governo "jurídico". Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os "comissários" do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso "espontâneo" dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce "historicamente" do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura "legalmente" a disciplina dos grupos que não "consentem", nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 1989, p. 10).

A sociedade civil organizada, como o grupo que criou e fundou o PAS, acaba por fazer o papel do Estado, e favorecer a institucionalização do pensamento: “Se eu não fizer o Estado também não fará”. Utilizamos aqui o conceito Gramsciano de sociedade civil como direito privado, uma força fora do Estado.

Nesse caso, o Estado deveria oferecer equipamentos de cultura e lazer para essa região, o que não faz. Assim, a associação se coloca como idealizadora e executora dessa função, promovendo atividades culturais, na medida em que o Estado não tem feito esse papel. Ribeiro (2011), em uma pesquisa acerca das disputas por políticas culturais em São Gonçalo afirma que:

Ora, as transformações operadas na dinâmica hegemônica pelos ajustes estruturais do atual estágio do capitalismo introduzem novas configurações à relação entre Sociedade Política e Sociedade Civil. No que se refere ao Estado ‘restrito’, se opera uma perspectiva minimalista de intervenção política, porém com exigências de estabilidade política através de uma atuação que construa uma relação aparentemente equilibrada entre o Estado, o mercado e a Sociedade Civil. No que se refere à Sociedade Civil, existe um esforço em garantir a dissociação do Estado ‘restrito’, na defesa da Sociedade Civil enquanto uma esfera à parte e que a sua atuação se apresente de forma mais eficiente no atendimento às demandas sociais, apregoando o discurso da solidariedade e da livre associação voluntária dos indivíduos. (RIBEIRO, 2011, p.14).

Nesse sentido, o PAS possibilita a construção do que foi denominado por Paulo Freire de uma Pedagogia da Margem (STRECK, 2009). Mesmo que de forma não escolarizada, como ocorre no sistema de ensino, por meio do currículo escolar, existe um fazer que é próprio da prática cultural que presenciamos nas oficinas e atividades da Associação Comunitária estudada.

Isso nos permite perceber uma valorização do saber local que pode empoderar esse grupo (através da valorização dos sujeitos e da identificação com a cultura popular do lugar), fato que contribui de forma indireta para o seu movimentar no mundo da vida e no mundo da escola.

Segundo Streck (2009), essa Pedagogia da Margem consistiria na revalorização de conhecimentos que estariam marginalizados socialmente, e que são resgatados na comunidade como forma de conhecimento acumulado e partilhado.

Com esses conhecimentos seria possível que as pessoas do Salgueiro se instrumentalizassem, se organizassem em movimentos populares e questionassem sua própria condição de existência, com vistas à superação do que o lugar impõe.

Em outras palavras, a cultura popular produzida na margem, cria possibilidades de ir além do que está determinado pela lógica do capitalismo, ou seja, cria oportunidades para quem nasce pobre, num sistema que não oferta possibilidades e perspectivas aos mais pobres das zonas periféricas das cidades.

1.2 O projeto do PAS: objetivos e formas de atuação

A ata de criação do PAS (anexo 4), foi idealizada pelo educador social Jorge da Silva Cruz, o Jorge Canela, como era conhecido. Uma pessoa simples, nascida no Hospital Municipal de São Gonçalo, e que, segundo os documentos, também faleceu no mesmo hospital de sua cidade de origem.

Ele foi funcionário da UFF, onde trabalhou na Faculdade de Comunicação Social, como iluminador. Mesmo com pouca instrução, idealizou toda a estrutura e funcionamento do PAS e colocou em prática as primeiras ações no lugar.¹⁵

Poderíamos nos arriscar a dizer que Canela, seria o que Gramsci chamou de ‘intelectual orgânico’, pois construiu, por meio de um movimento cultural, que vai além do conhecimento escolarizado, um saber que se consolida na *práxis cotidiana*. Uma reflexão pensada sobre a estrutura econômica que usa a superestrutura para mudanças possíveis, segundo Gramsci (1991):

Todo novo organismo histórico (tipo de sociedade) cria uma nova supraestrutura, cujos representantes especializados e porta-vozes (os intelectuais) só podem ser concebidos como ‘novos’ intelectuais, surgidos da nova situação, e não a intelectualidade precedente. (GRAMSCI, 1991, p. 177).

Em 1995, Jorge Canela, idealizador do PAS, cedeu parte do terreno de sua residência (nos fundos da casa) e convidou um grupo de amigos do bairro para construir uma proposta ousada. Ele os desafiou para que cada um doasse parte do seu tempo para realizar alguma atividade que tivesse um foco sócio educativo e cultural, com o objetivo de tirar a atenção das crianças do lugar do tráfico de drogas na região.

¹⁵Conforme percebemos no material produzido (anexo 2), o contato com a Universidade na Faculdade de Comunicação Social influenciou a trajetória de atuação de Canela à frente do PAS.

Naquela época já aconteciam na localidade do Salgueiro roubos, mortes, crianças vitimadas por balas perdidas, tráfico de drogas, violência contra a mulher, entre outras atividades ilícitas. O grupo aceitou a proposta e assim nasceu a associação.

Para alcançar seus propósitos o PAS busca promover a aproximação de seus moradores, valorizando a vida comunitária. Estimula e facilita as manifestações culturais, educativas, artísticas e esportivas da comunidade, que são suas propostas fundamentais, por meio de suas várias oficinas e atividades, oferecidas gratuitamente a crianças, adolescentes e jovens do Complexo do Salgueiro.¹⁶

Observando o primeiro vídeo produzido pela instituição “Mostrando ao salgueirense o Salgueiro que ele não conhece”, é possível captar a dimensão e os propósitos da associação. Segundo o próprio folder do “Espaço Cultural Jorge Canela”:

O levantamento histórico do bairro foi o primeiro passo de sua jornada. A produção de um vídeo com o tema: “Mostrando ao Salgueirense o Salgueiro que ele não conhece” foi o resultado de um trabalho que permitiu a comunidade ver e se ver de uma forma diferenciada. Inicialmente, pensou-se em produzir 4 (quatro) fitas, mas surpreendentes histórias surgiram, resultando 50 horas de filmagens, realizadas no prazo de dois anos, nascia ali o VER SE VENDENDO, que mais tarde se tornaria o Ponto de Cultura.¹⁷

Com o slogan “O povo que conhece seu passado vive melhor o seu presente”, o coordenador, Jorge Canela, à frente do seu grupo de voluntários na época, fez do resgate das raízes comunitárias o mote para a valorização desta cultura e da transmissão dela às novas gerações por meio de oficinas e atividades culturais.

¹⁶A história do PAS – Projeto Amo Salgueiro – foi iniciada em 1995, com o objetivo de resgatar a identidade sociocultural e educativa dos moradores do Complexo do Salgueiro, no município de São Gonçalo – RJ, segundo consta de seus documentos oficiais no site da instituição (www.pas-projetoamosalgueiro.com).

¹⁷Segundo a página da Secretaria de Estado de Cultura (SEC) do Rio de Janeiro (<http://www.cultura.rj.gov.br>), Pontos de Cultura é uma ação do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura (MinC), que, desde 2007, atua em parceria com os governos do estado, apoiando iniciativas culturais bem-sucedidas da sociedade civil. No estado do Rio de Janeiro, atualmente, o programa contempla 196 Pontos de Cultura. A princípio, o edital lançado em 2008 selecionaria 150 projetos, mas, devido ao recorde de 715 inscrições, a participação de 85 dos 92 municípios e a rica diversidade cultural dos grupos inscritos no processo seletivo, o MinC e a SEC decidiram contemplar mais 80 Pontos selecionados, o que resultou num investimento total de 41,5 milhões de reais. Cada grupo recebe 180 mil reais ao longo de três anos – 60 mil reais por ano. O perfil dos Pontos inscritos mostra a inversão de uma tendência histórica de concentração de projetos na capital, configurando um novo desenho cultural do estado: dos 715 proponentes, 51% vieram do interior do estado, da Baixada e do Leste Fluminense, enquanto 49% são da capital. Os selecionados recebem recursos para a realização de cursos e oficinas, produção de espetáculos e eventos culturais, compra de equipamentos e outras ações. Outro benefício para os selecionados é que eles passam a fazer parte da Rede Nacional de Pontos de Cultura, tendo, assim, contato com iniciativas culturais de todo o país. Dessa forma, participam de eventos como a Teia Brasil, que reúne todos os Pontos de Cultura do Brasil e de rica troca de experiências. Acesso em: 23 jan. 2015.

As descobertas feitas no vídeo apontam para a possibilidade de encontrar pedras brutas na comunidade, mas que se trabalhadas poderiam se tornar pérolas, resgatando o sentimento de valorização e apostando no potencial individual e coletivo dos salgueirenses. O vídeo é feito retratando a simplicidade do lugar. Ele inicia com a imagem de um menino negro, de 10 anos de idade, sambando em câmera lenta, com um uniforme de escola pública, uma mochila nas costas e um enorme sorriso no rosto¹⁸. Segundo informações dos educadores sociais do PAS, algum tempo depois o menino foi mais uma vítima do tráfico, morrendo prematuramente. Até hoje ele é considerado um dos ícones da Associação e da bandeira de luta. Além do menino, aparecem no vídeo os locais do Salgueiro e as pessoas. Diferentes, na cor, religião, mas com algo em comum, segundo os mentores: são pérolas do lugar, verdadeiros achados. Pedras brutas a serem lapidadas. Possuem qualidades que valorizam todo o cenário. A ideia do vídeo é o *ver se vendo*. Que mais tarde daria nome ao Ponto de Cultura Ver Se Vendo.

Segundo Tavares (1992), buscando o sentido ideológico do termo comunidade, é possível pensar em estratégias contra-hegemônicas para superar o que realmente existe de político em ser comunidade. De acordo com a autora:

Ao recuperarmos a conflituosa história da formação social brasileira e os interesses em jogo na reprodução e manutenção das condições materiais e espirituais de dominação de uma classe sobre a outra, observamos que a confusão conceitual expressa no significado e uso do termo comunitário se justifica pelo conteúdo ideológico de obscurecer o sentido real de relações sociais marcadas pela diferença, pelos conflitos e antagonismos. (TAVARES, 1992, p. 22).

Em seu estudo Tavares (1992), traça um caminho histórico e uma análise de conjuntura que nos mostra que a ideologia de comunidade é algo que já vem sendo trabalhado pelo Estado há muitos anos com o objetivo de integrar essa população e amenizar os conflitos entre os mais pobres e o próprio Estado.

Nesta pesquisa, percebemos e adotamos a concepção da associação enquanto instituição que pertence à localidade do Salgueiro, por entendermos que existe uma luta social de conquista de direitos negados ao povo pela classe dominante. E que existem conflitos que permeiam toda sua trajetória, que são problematizados no cotidiano de cada atividade e/ou oficina trabalhada com os atendidos do PAS. No entanto, utilizamos muitas vezes a palavra

¹⁸Este vídeo pode ser visto no endereço eletrônico, <<https://pt-br.facebook.com/pas.projetoamosalgueiro>>, e é sempre reapresentado nos eventos para os novos atendidos.

comunidade pelo fato de os moradores do Salgueiro se referirem ao lugar em que vivem ora como favela ora como comunidade.

Durante esses 20 anos, o PAS vem fazendo o resgate da memória da favela, através de áudio visual. A continuidade das ações possibilitou o garimpo de lembranças e a construção de um mosaico de memórias as culturas trazidas das favelas e morros de Niterói-RJ.¹⁹ Nesse sentido, os habitantes oriundos dessas favelas, dos mais diversos lugares do Rio de Janeiro, instalaram-se, trazendo todas as suas memórias e diversidade cultural para o Salgueiro. Foi formada uma conjugação de ideias e saberes que mobilizam o universal e o local. Segundo Campos (2007), é preciso “assumir e valorizar o particular sem perder de vista o universal, mover-se no plano mais abstrato, sem jamais, esquecer-se de onde se fala, e por quais razões se fala aquilo que se fala”. (CAMPOS, 2007, p. 16).

Falamos de um lugar, de uma experiência que adquirimos e das conexões que emanam desses encontros. Temos em nós, a mulher, a professora, a gestora, a articuladora na favela, a formadora que ajuda a pensar seu próprio objeto. O encontro com o PAS nos faz enxergar o lugar com novas lentes. As lentes da pobreza, do descaso das políticas públicas, do preconceito da sociedade, do escárnio em viver naquele lugar cercado da violência cotidiana. Em contraponto, essa experiência também nos oportuniza condições para repensar e reinventar novas formas contra-hegemônicas do ser e estar na favela, a partir de uma “pedagogia da margem”, produzida nas atividades culturais do PAS. Mostra que é possível ter estratégias para vencer as desigualdades sociais, por meio da produção de cultura. Tê-las como um instrumento de emancipação das classes populares e de toda violência que inunda aquele lugar estigmatizado. Possibilitando a construção de uma outra forma de sobreviver num lugar, onde as chances de não ser seduzido pela vida do tráfico e da violência são poucas e assolam os meninos e meninas salgueirenses cotidianamente.

Desde que iniciei meu trabalho como professora e gestora da escola pública do lugar, além de pesquisadora, tenho refletido como essas teias poderiam se cruzar para fortalecer ações que articulassem os movimentos sociais e as ações educativas na favela. Como bem falava o Coordenador do PAS, o Jorge Canela: “As pessoas são como mosaicos, embaralhadas na favela, e precisam ter visibilidade. Elas trazem cada uma a sua história que ajuda a formar o coletivo e o lugar”.

¹⁹A partir do financiamento da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, foi produzido um livro infantil que conta a história de como o bairro Salgueiro se constituiu. Segundo a história, ele foi constituído inicialmente por moradores oriundos das favelas de Niterói que, por ficarem desalojadas, tiveram que ser alocadas em conjuntos habitacionais no bairro do Salgueiro. Ver o anexo 10 desta dissertação.

O PAS permite colocar no foco a beleza do lugar e transformar isso em memória coletiva do Salgueiro. Com esse projeto, cria-se uma possibilidade para que essas pessoas se enxerguem, apesar de suas tantas dificuldades, que encontrem na vida um sentido para se valorizarem e valorizarem o lugar. E mostrem que além da violência e do tráfico existe patrimônio cultural ali. Elas próprias são as pérolas do lugar e têm a possibilidade de contribuir para a construção de um lugar com menos violência, mais paz e mais discussão acerca de direitos negados historicamente.

Para isso são oferecidas oficinas e atividades, onde crianças, adolescentes, jovens e adultos têm condições de pensar um futuro, diferente da vulnerabilidade e violência que o contexto social em que vivem proporciona. Com as atividades busca-se a construção de cidadania dos atendidos, bem como novos olhares para a importância da cultura e a profissionalização.

Entre as atividades e oficinas que são desenvolvidas estão: a capoeira, o jongo, a quadrilha de salão, vídeo & fotografia, futebol de rua, dança de rua, dança de salão, grafite, teatro, iluminação, TV, e contação de histórias infantis contextualizadas (biblioteca viva).

Uma das frentes em que o PAS atua é a produção de vídeos e documentários educativos, resgatando as raízes, trajetórias e histórias de vida de indivíduos oriundos dessa comunidade. Tudo é feito com acompanhamento de uma equipe de pedagogos e psicólogos e apoio gestor do Instituto de Arte Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (IACS – UFF). Outras ferramentas produzidas na Associação para socialização e integração da comunidade são: Cine Club, peças, apresentações com os palhaços PAS e Alegria, festas comunitárias, intercâmbios com outros pontos de cultura e projetos sociais, lançamento de livros e exposições de fotografias e um museu comunitário virtual.

O PAS é ganhador de um edital da Secretaria de Cultura do governo do Estado do Rio de Janeiro, e abriga o *Ponto de Cultura Ver Se Vendo*, que está atualmente no terceiro e último ano de financiamento, além de outros editais como: o do Programa Federal Cultura Viva e do Pontinho de Cultura. Segundo o presidente atual da Associação, Wellington Torão:

Já foi conseguido em médio espaço de tempo resgatar a história da comunidade, a estima dos moradores (...) que tinham vergonha de dizer que moravam na comunidade, mas falavam, escreviam, publicavam e até se apropriavam das coisas trágicas e do próprio mal que a comunidade havia sofrido.²⁰

²⁰Comunicação pessoal proferida pelo presidente da instituição em um evento de fechamento da oficina de vídeo e fotografia na Escola Municipal em dezembro de 2010.

Ainda é preciso considerar a fala do já falecido fundador do PAS, o Sr. Jorge Canela:

Por falta de amor à comunidade onde os próprios moradores dão permissão para que o mal entre e se estabeleça, de 70 a 80 tínhamos cercas de arames lisos, os terrenos eram limitados de acordo com a nossa relação com os vizinhos, de 80 a 90 vieram os arames farpados e as cercas de varinhas ou tábuas de caixotes, o que dividiu, mas não separou, então quando vieram os muros que de fato houve uma divisão e o povo se separou e os relacionamentos foram quebrados, fazendo com que literalmente cada um ficasse dentro do seu quadrado, cheios de doenças da alma.²¹

Neste cenário essa Associação veio com a proposta de resgate, primeiro, das pessoas, depois, das coisas, sendo produzido um vídeo com o tema “*Mostrando ao salgueirense o Salgueiro que ele não conhece*”, com o objetivo de reproduzir para a comunidade as memórias das pessoas e fatos ocorridos nesse contexto social, com vistas a aumentar a autoestima desses indivíduos.

As oficinas e/ou atividades são organizadas de forma que indiquem o que está sendo disponibilizado para a participação, o local onde cada uma delas se realiza, o período, ou seja, os dias da semana, o público apropriado para a atividade e, ainda a quantidade de voluntários que devem orientá-las, como vemos no quadro a seguir:

Quadro 1 – Oficinas oferecidas pelo PAS. (continua)

Oficina	Local que acontece	Periodicidade	Público-alvo	Educadores
Futebol de campo e de rua	Campinho na comunidade	Domingos pela manhã	Faixa etária entre 7 e 10 anos	1 voluntário da comunidade
Quadrilha de salão	Sede do Projeto	Terças e sextas à noite	Faixa etária entre 8 e 15 anos	2 voluntários da comunidade
Dança de rua	Sede do Projeto	Segundas e quartas à noite	Faixa etária entre 8 e 15 anos	3 voluntários da comunidade

²¹Comunicação pessoal do coordenador e educador social da oficina de vídeo e fotografia, contando sobre o Salgueiro às crianças em uma das aulas em 2010.

Quadro 1 – Oficinas oferecidas pelo PAS. (conclusão)

Dança de salão	Sede do Projeto	Domingos pela manhã	Jovens e adultos	1 voluntário da comunidade
Lambaeróbica	Sede do Projeto	Segundas e quartas à noite	Faixa etária entre 10 e 15 anos	1 voluntária
Vídeo & Fotografia	Sede do Projeto Escola Municipal	Quintas e sextas manhã e tarde	Faixa etária entre 10 e 15 anos	1 voluntário e 2 ex-alunos da oficina
Capoeira, jongo e percussão	Sede do Projeto Escola Estadual	Sábados à tarde e domingos pela manhã	Crianças, jovens e adultos	1 Mestre e 2 ex-alunos da oficina
Teatro	Sede do Projeto	Sexta à noite	Jovens e adultos	2 voluntários da comunidade
Grafite	Sede do Projeto	Sábados à tarde	Faixa etária entre 10 e 15 anos	1 voluntário da comunidade
Biblioteca Viva	Sede do Projeto	Sábados à tarde e eventos	Faixa etária entre 5 e 12 anos	1 voluntário

Fonte: Mural da sede do PAS.

Cabe ressaltar que essas atividades e oficinas foram oferecidas ao longo dos 20 anos do Projeto, mas, no momento, muitas delas não estão sendo realizadas, como: Lambaeróbica, Biblioteca Viva, Futebol de rua e campo. Segundo os organizadores elas poderão retornar a qualquer momento, dependendo da oferta de educador social para oferecê-la. Deste modo, o PAS será utilizado como uma lente, com a qual poderemos analisar e investigar a atuação das associações da sociedade civil (GRAMSCI, 1982) em contextos de periferias urbanas, com o objetivo de construção e interrupção de processos de reprodução social, por meio do uso de uma “pedagogia da margem”. Assim, Algumas questões se fazem necessárias: Qual tem sido o papel destas organizações na conexão entre a vida e a escola? Como têm interferido nas trajetórias escolares de jovens do Salgueiro, moradores de periferias urbanas? Tentaremos buscar algum entendimento sobre essas questões por meio da análise das entrevistas, que será feita no capítulo 3 dessa dissertação.

1.3 A institucionalização do PAS como Associação Comunitária

Com a observação da Ata de Fundação da Associação Comunitária Amo Salgueiro, alguns trechos nos saltaram aos olhos, analisando em como o documento oficial da instituição traduz algumas de suas marcas. Ela se define em seu Estatuto como “associação civil sem fins lucrativos”. Como sendo uma instituição da sociedade civil organizada que tem também como objetivo gerar lucros e participação nos lucros pelos seus sócios.

Em seu 3º artigo consta que “O PROJETO AMO SALGUEIRO é uma Sociedade Civil, de direito privado sem fins lucrativos, sem caráter político partidário ou religioso”.

De acordo também com seu Estatuto, a instituição estaria enquadrada na Lei 9790/99 que “dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências”.

No entanto, ao pesquisar na relação de OSCIPs qualificadas pelo Ministério da Justiça, a instituição não aparece. Contudo nos parece que, na prática, essa nomenclatura foi colocada na Ata de Fundação, mas eles mesmos não se reconhecem como tal. Inclusive não conseguem definir o que é uma OSCIP²². O termo pode ter sido simplesmente usado pelo advogado ou contador que redigiu a ata.

O Art. 36 diz do estatuto do PAS diz: “O patrimônio da Associação será constituído por doações de pessoas físicas e/ou jurídicas, de direito público ou privado, nacionais ou internacionais”. Com isso, vemos que a instituição se aproxima da ideia de organização não governamental quando, mesmo sem fins lucrativos se abre para receber financiamentos, tanto da esfera pública quanto da privada.

²²É preciso conceituar, segundo o Manual do Sebrae (CARDOSO, 2014), o que são ONGs e OSCIPs. As ONGs são entidades que não possuem fins lucrativos e realizam diversos tipos de ações solidárias para públicos específicos, como crianças, idosos, animais, meio ambiente etc. O termo é de origem norte-americana, *Third Sector*, muito utilizado nos Estados Unidos, e o Brasil se vale da mesma classificação. Tais entidades da sociedade civil originaram-se na década de 30, sendo a maioria ligada ao Estado com finalidade pública sem fins lucrativos. Já OSCIP é entendida como uma instituição em si mesma, porém OSCIP é uma qualificação decorrente da Lei nº 9.790/99, regulamentada pelo Decreto nº 3.100, de 30 junho de 1999 (Lei do Terceiro Setor). Em outras palavras, OSCIP é uma qualificação jurídica dada a pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, instituídas por iniciativa de particulares, para desempenhar serviços sociais não exclusivos do Estado com incentivo e fiscalização do Poder Público, mediante vínculo jurídico instituído por meio de termo de parceria.

A Associação Comunitária faz parte de um espaço de disputa conquistado. Vejamos:

Estendendo ainda o conceito de territorialização como apropriação de espaço por um dado segmento social, sejam os grupos que vivem de venda ilegal de drogas nas favelas cariocas, sejam as associações de moradores, ou mesmo os antigos quilombos tudo indica que houve o controle do espaço em favor de determinado grupo. Apropriar-se de um determinado fragmento do espaço urbano, ou não, é colocar-se ao lado do poder constituído ou em oposição, como era o caso dos quilombolas. (CAMPOS, 2007, p. 36).

Entendemos o Salgueiro como um lugar em disputa. O PAS através da sua mensagem ou, como ele denomina sua “missão”, procura levar a bandeira da cultura como um meio de superação para a situação de violência que assola as crianças, adolescentes, jovens e adultos que ali residem.

Costumamos falar que para transitar no Salgueiro é preciso aprender as “leis” do lugar. Tudo que vale nas regras sociais para fora do Salgueiro é ressignificado quando você se integra no cotidiano das pessoas que habitam aquele lugar.

No plano das ideias, o PAS expressa, em seus documentos oficiais, uma vontade coletiva de superar contra-hegemonicamente as condições que são “impostas” àquela comunidade.

Entendemos, mais uma vez, que a forma de resistência para vencer tais condições cria, a nosso ver, uma “pedagogia da margem” (STRECK, 2009), pois, através de oficinas e atividades, busca-se constituir um saber cultural que instrumentaliza para a vida e faz pensar sobre as questões sociais também.

Vislumbramos essa preocupação, em um outro documento encontrado no Projeto que se denomina Plano de Desenvolvimento Comunitário (que consta do anexo 7 desta dissertação), onde há uma tentativa de elencar as dificuldades da comunidade, bem como a falta de ações do governo para com ela, em situações como a violência e o saneamento básico.

Com base nesse documento (registro), houve toda uma discussão e a construção de um Fórum Permanente do Salgueiro²³, onde diversas lideranças da comunidade foram convidadas a debater e realizar ações para que medidas de cobrança ao governo fossem encaminhadas. Essas discussões também eram realizadas nas oficinas e atividades com os atendidos no PAS.

²³O Fórum Permanente do Salgueiro acontecia com reuniões quinzenais em diferentes espaços da comunidade (sede do Projeto, associação de moradores do bairro, o CSU, no colégio Sete de Setembro) e tinha como finalidade discutir os problemas do Salgueiro e buscar ações para resolver os problemas locais.

2 UMA INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA, SUAS MUTAÇÕES E A OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e as coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes de empréstimo os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada.

Karl Marx

Nas últimas décadas do século XX, devido à reestruturação do capital no nível global, as realidades locais também foram modificadas. Não foi diferente com o Projeto PAS, estudado nessa dissertação de mestrado, que teve de se adequar para captar recursos, enquadrando sua organização e funcionamento nas regras de uma organização do terceiro setor denominada de OSCIP. Entender essa situação é importante para observar como se deu na prática essa adequação. Temos de compreender o trabalho que a Associação Comunitária realiza. Na verdade, essa mudança se deu muito mais por questão de sobrevivência da instituição do que por uma posição real do que os termos ONG e OSCIP significam. Contudo, é necessário pensar sobre essa adequação, mediante o ideário neoliberal que se instalou nesse período, incentivando esses movimentos a se institucionalizarem, desresponsabilizando o Estado pela oferta de políticas públicas locais.

Segundo Gohn (2008):

As novas ONGs passaram a atuar como mediadores de ações desenvolvidas em parceria entre setores da comunidade local organizada, Secretarias e aparelhos do poder público, segundo programas estruturados para áreas sociais: educação, saúde, saneamento, meio ambiente, geração de renda, etc. Ou seja, as ONGs, via terceiro setor, entraram para a agenda das políticas sociais. Na educação, por exemplo, atuam em programas com meninas e meninos de rua, jovens-adolescentes em situação de risco face ao mundo das drogas, treinamento e capacitação de profissionais da rede escolar, creches e/ou escolas de educação infantil, campanhas e programas de educação para os direitos humanos, civilidade no trânsito, prevenção de doenças e AIDS, educação ambiental, etc. (GOHN, 2008, p. 17).

A noção de “capital cultural” (BOURDIEU, 2008) explica as desigualdades de rendimentos escolares, fracasso e evasão no sistema de ensino. É um importante conceito para analisar o trabalho desenvolvido na Associação Comunitária estudada, pois muitos dos seus atendidos procuram o Projeto devido ao insucesso na escola pública. Para Bourdieu (2008):

O capital cultural pode existir de três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observar em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2008, p. 74).

A vivência na pesquisa com os atendidos demonstra esse fenômeno, onde percebemos que o PAS acaba por proporcionar essa oferta de capital cultural que a lógica capitalista solicita dos indivíduos que frequentam a escola desde a modernidade (THIN, 2006). Por meio da cultura, eles conseguem ter outra visão de mundo, outras perspectivas de futuro e compreendem de outras formas a importância da escolarização e da cidadania.

O caminho teórico-metodológico dessa dissertação utilizou principalmente os autores Bourdieu, Gramsci e Paulo Freire para compreender como o fazer cultural da Associação Comunitária estudada é utilizado para dialogar com a comunidade e propor transformações na vida cotidiana e no pensar sobre de seus participantes sobre uma visão de mundo e uma visão local dos seus problemas.

A escolha por essa opção teórico-metodológica se deu por buscar em Bourdieu (2008) um entendimento da contribuição de diferentes instituições, principalmente a escola, para uma reprodução da cultura de classe dominante. Não podemos entender esses sujeitos somente como participantes de um Projeto Social, pois eles também sofrem esses processos de dominação em outros campos sociais.

Apoio-me em Gramsci (1989) para pensar a relação da cultura, no que diz respeito à criação de uma ideologia que ajuda uma classe a ter hegemonia sobre a outra, sentida fortemente na vida cotidiana dos pobres trabalhadores do Salgueiro, parte da classe dominada de uma periferia urbana.

Finalmente Freire (2014), auxilia a pensar como a cultura popular, traduzida numa Pedagogia da Margem, pode ser contra-hegemônica, experimentada e recriada no diálogo com a cultura local, diálogo que acreditamos ser o que o PAS realiza no Salgueiro.

2.1 Revisitando os conceitos de ‘estado ampliado’ e ‘sociedade civil’

Para pensar o recorte de uma pesquisa que busca analisar a relação entre movimentos sociais e Educação a partir da experiência da Associação Comunitária Projeto Amo Salgueiro, faz-se necessário analisar os modelos de Estado e Sociedade dos anos 80, que se formam frente a uma crise hegemônica política e cultural no Brasil, caracterizada pela decadência da ditadura militar e o aparecimento de uma nova organização da sociedade civil, o que trouxe uma ideia de abertura e democratização (NEVES, 2002).

A partir do governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, as políticas neoliberais foram ganhando força no cenário brasileiro, e serviram de pano de fundo para o surgimento de políticas educacionais formuladas por um Estado Mínimo e para a abertura às ONGs. Em 1998, com a Lei do Voluntariado, o governo regulamenta o papel da sociedade civil nas ações, que, a priori, deveriam ser exercidas pelo Estado. A Lei reforça e incentiva o trabalho voluntário nessas instituições, e inicialmente, em alguns casos, o pagamento de uma bolsa irrisória. Com o tempo, algumas emendas foram feitas retirando da Lei do Voluntariado a possibilidade desse benefício.

Segundo Gohn (2008), foram criadas:

novas articulações entre ONGs, governos e empresários, no chamado terceiro setor da economia, que têm gerado novas modalidades de trabalho dentro do que está sendo redefinido como “voluntariado”. Outras formas de associativismo e associacionismo surgem fora do mundo dos movimentos sociais, ao redor das novas organizações da sociedade civil. A novidade é que a grande força impulsionadora dos novos processos não advém da política propriamente dita, mas da cultura. (GOHN, 2008, p. 15).

Para Gramsci, a cultura é uma das principais ferramentas que poderia facultar a mobilização das classes menos favorecidas. Através dela, haveria a possibilidade de obter conhecimento para lutar contra as desigualdades de classe. Ele acredita que por meio da cultura o operário poderia se tornar um líder, alcançando posições que os conduziriam ao poder. Gramsci (2004) nos aponta que:

A cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres. (GRAMSCI, 2004, p.58).

Esses arranjos podem ser percebidos na prática das ações do projeto estudado na pesquisa. O PAS tem como tradição participar de instâncias de fóruns de cultura, de criança e adolescente com seus representantes. A intenção é reivindicar as políticas públicas que não chegam ao Salgueiro. Inclusive um dos educadores sociais tinha assento no Conselho Municipal da Criança e Adolescente. Em 2016, um educador também se candidatou às eleições para Conselheiro Tutelar, mas não conseguiu votos suficientes para se eleger. Diante de exemplos assim, Gramsci nos ajuda a pensar sobre a formação política que se dá através da cultura e da sociedade civil organizada.

Após a criação da Lei do Voluntariado (1998), muitas instituições começaram a montar projetos sociais, com o intuito de oferecer às comunidades ofertas de programas e projetos culturais que não existiam nos bairros, como foi o caso da instituição da sociedade civil aqui estudada. O texto da Lei do Voluntariado (1998) inicia expondo que a relação de voluntariado poderá ser estabelecida entre instituições privadas e públicas. O voluntário poderá ser ressarcido de suas atividades desempenhadas, mas não quer dizer que isso seja uma via de regra. De início caberia à União financiar o provimento de prestador de serviço voluntário para indivíduos com idade entre 16 e 24 anos, que provesse família e tivesse uma renda de meio salário mínimo, mas isso foi revogado em 2008.

Esse auxílio financeiro, segundo a lei, seria um valor de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) na época, dividido em até seis meses, mas foi totalmente retirado do corpo da lei posteriormente. O valor oferecido de R\$ 150,00 correspondia ao equivalente do salário mínimo, que era de R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais) na época. Para pensar a atuação do Estado na sociedade, tomaremos como conceito de sociedade civil formulado por Gramsci, mas antes temos que analisar a esfera Estado e o que ela representa para a sociedade civil:

A teoria do Estado de Antonio Gramsci – refiro-me em particular, ao Gramsci dos Cadernos do Cárcere – pertence a essa nova história, para a qual, em resumo, o Estado não é um fim em si mesmo, mas um aparelho, um instrumento; é um representante não de interesses universais, mas particulares; não é uma entidade superposta à sociedade subjacente, mas é condicionado por essa e, portanto, a essa subordinado; não é uma instituição permanente, mas transitória, destinada a desaparecer com a transformação da sociedade que lhe é subjacente. Não seria difícil encontrar, entre as milhares de páginas dos Cadernos, passagens que ecoam os quatro temas fundamentais do Estado instrumental, particular, subordinado e transitório. (BOBBIO, 1992, p. 32).

Bourdieu (2002) critica a transformação do Estado capitalista em estado mínimo, imposta pelo Neoliberalismo nas últimas décadas. Esse fato fez com que o Estado se retirasse de políticas públicas básicas para atendimento de algumas instituições locais, e considera que as ONGs tomaram para si essa tarefa. Segundo Montaña (2002):

Sociedade civil e vida cotidiana não são, sem dúvida, a mesma coisa: a segunda perpassa a primeira, mas extrapola essa esfera. O cotidiano não é expressão exclusiva da sociedade civil. Há cotidianidade no âmbito do Estado, do mercado, nas instâncias da produção e demais, porém em cada uma dessas esferas há um tipo diferente de vida cotidiana. O projeto neoliberal quer uma sociedade civil dócil, sem confronto, cuja cotidianidade, alienada, reificada, seja a da “preocupação” e “ocupação” (não a do trabalho e lutas sociais) em atividades não criadoras nem transformadoras, mas voltadas para as (auto) respostas imediatas às necessidades localizadas. (MONTAÑO, 2002, p. 260).

Neste contexto, um dos principais traços foi a retirada do papel do Estado na oferta de serviços públicos, no que diz respeito ao cumprimento e satisfação das demandas sociais e locais. Segundo Neves (2002), isso se expressa em algumas situações:

Em termos organizativos e institucionais, vêm concomitantemente desestimulando abertamente a participação política e favorecendo a auto-organização fragmentada e despolitizada da sociedade civil, através do emprego de mecanismos que envolvem a depreciação da política e do político, e do público em relação ao privado; o estímulo ao voluntariado; os subsídios estatais às instituições filantrópicas e pretensamente solidaristas; o estímulo à organização de partidos políticos pragmaticamente estruturados e à organização de sindicatos voltados para os interesses imediatos das corporações que representam. (COUTINHO, 2000, apud. NEVES, 2002, p. 106).

Essa nova conjuntura traz em seu bojo uma reforma do aparelho estatal e constituição de novas políticas sociais, a fim de tentar coibir possíveis propostas contra-hegemônicas estabelecendo a construção das novas relações entre o público e o privado.

Neste período, em termos estatais, a política primava por estratégias de redução de custos, descentralização das ações, privatização de empresas públicas e flexibilização de direitos trabalhistas. Este cenário irá demandar novas relações entre Estado e sociedade civil a partir do final do século XX.

O Estado Neoliberal traz uma emergente necessidade de formação mais qualificada e produtiva dos profissionais, que é estimulada pelo mercado e exige a criação de novas competências e habilidades para que eles se mantenham competitivos na sociedade. Todo esse ideário é incorporado pelas propostas educacionais construídas a partir desse período.

Segundo Gramsci:

Uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista ‘ideológica’ dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 2000, p. 19).

Se o Estado se retira, entram em foco outras instituições que irão responder às demandas sociais e necessidades da população, notadamente os mais pobres. Algumas dessas estratégias foram usadas para garantir a hegemonia do grande capital, que orientou as ações do Estado brasileiro após a década de 1990. Gramsci nos ajuda a refletir sobre o conceito de hegemonia, que pode ser usado como ferramenta de análise para tratar o surgimento, a aceitação e a multiplicação das ONGs e OSCIPS²⁴ nas últimas décadas.

Para Gramsci (2000) existem dois grandes planos da superestrutura: a sociedade civil (representada pelo conjunto de organismos designados como privados) e o da sociedade política ou Estado (que tem a hegemonia, que pertence ao grupo dominante que tem o comando no político e no jurídico). Para o Estado ter a hegemonia do pensamento e das ações, é preciso criar o consenso de um grupo dominante sobre o dominado.

Neste contexto, o Estado acaba por delegar à sociedade civil, o papel que seria dele de ofertar os serviços básicos. Assumindo um discurso, em prol da garantia desses direitos que o governo não realiza. A Associação estudada “ergue” a bandeira de garantia e luta por esses direitos como: lazer, cultura, qualidade da escola pública, entre outros que não se concretizam na ação do Estado na comunidade. Bourdieu (2002) aborda a relação ‘Estado e Sociedade’:

Um primeiro problema é a imposição quase mundial de uma visão de mundo condensada na palavra *globalização*. Essa visão tem como centro quatro ou cinco postulados que são formas distorcidas da teoria econômica. O primeiro postulado é que a economia é um poder à parte, separado do mundo social, governado por leis naturais, universais, que os governos não devem contrariar. O segundo postulado diz que o mercado é a instância capaz de organizar de forma ótima as relações sociais, as trocas, a produção, etc., e também de garantir uma distribuição equitativa. Faz-se

²⁴ O Manual do SEBRAE: “OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – Série Empreendimentos Coletivos, 2014” contém a distinção entre ONGs e OSCIPs.

uma equação entre mercado e democracia. O terceiro postulado afirma que a globalização exige a redução das despesas do Estado, a diminuição das despesas sociais – ou seja, o retorno ao *laissez-faire* – e a supressão de tudo o que possa turvar a lógica pura do mercado. Os direitos sociais em matéria de emprego, em matéria de previdência social, são vistos como onerosos e disfuncionais. Há também todo um discurso segundo o qual o welfare state [estado de bem-estar social] estimula a preguiça, velho discurso americano ligado à tradição calvinista do self-help [se virar por contra própria]. Muitas coisas que nos são vendidas como provenientes da economia pura e universal não passam da universalização de uma visão histórica muito precisa: a visão de mundo americana. O famoso livro de Max Weber *A ética protestante e o espírito do capitalismo* começa por um texto de Benjamin Franklin que enuncia um certo número de preceitos econômicos que são, ao mesmo tempo, preceitos morais. De fato há uma moral americana de poupança, da ascese econômica, que está no centro da noção de *self-help*. Nesse momento, no mundo inteiro, só se fala em responsabilidade. Evidentemente, o axioma principal é que o pobre é responsável por sua pobreza. (BOURDIEU, 2002, p. 26).

Em outras palavras, o que está acontecendo no Salgueiro, com a criação de inúmeras ONGs nos últimos anos, tem reflexos em uma política neoliberal mundial, que se expressa inclusive na necessidade de adequação do PAS, em editais de financiamentos para garantir a sobrevivência das próprias oficinas e atividades e ajuste ao panorama mundial e nacional. Neste sentido, cada vez mais o Estado se retira e delega a instituições como o PAS a tarefa de chegar onde o Estado não chega. Sendo, consciente ou inconscientemente, um braço da política neoliberal naquele lugar.

Segundo Bourdieu (2002) macro e micro não podem ser separados em análises do mundo social. O econômico acaba por refletir sobre o cultural. As relações sociais também se estabelecem por essa relação com o econômico. Isso se reflete nas ações do PAS, na busca por adequação aos novos tempos, de um mundo globalizado. Inclusive isso aparece em um dos folders de apresentação do PAS na frase: “Em tempo de Globalização, sobrevive quem afirma a sua identidade, sem se por nesse ato de exclusão do outro”.²⁵

Apesar de admitir a parceria de terceiros no projeto neoliberal, inclusive de instituições privadas, o Estado assegura seu caráter público nas ações dos serviços sociais. Isso representa em linhas gerais, a privatização do público. O Estado, na verdade, estaria presente, mas sob uma nova lógica de atendimento.

Focalizando os atores, Neves (2002) nos ajuda pensar e a entender a entrada de novas instituições sociais nas políticas públicas que permitem a parceria para concretização da política social, que deveria estar sendo viabilizada pelo Estado, por meio da criação dos serviços não exclusivos do Estado:

²⁵ Nesta citação de um trecho do folder, reproduzimos a linguagem dos educadores nas entrevistas e fontes, inclusive aqueles que aparecem com erros de grafia, preservando a fala original dos membros do PAS.

O primeiro objetivo abrange a educação escolar em todos os níveis e o segundo, as ações educacionais compensatórias à escolarização regular para as massas populares, os programas de jovens e adultos e as iniciativas de educação profissional executadas por sindicatos, movimentos sociais e organizações não-governamentais (ONGs). (NEVES, 2002, p. 112).

Historicamente os movimentos populares emergem de problemas detectados coletivamente. Segundo Sposito (1992), a relação de vizinhança inicia uma preocupação com o bem estar coletivo. Por meio da observação e questionamento de coisas simples, do cotidiano, são estabelecidas relações entre os indivíduos, que começam pequenas e vão se expandindo até questões que são enfrentadas por toda uma comunidade.

Desse modo, engendram uma organização coletiva que traz como consequência a reflexão e busca por direitos:

O mundo privado da casa e a reprodução do grupo familiar, a vida no bairro, colocam desafios e exigências que, muitas vezes, tomam esse processo complexo, na sua aparente simplicidade. São desafios que precisam ser compartilhados, não há respostas imediatas, prontas e definitivas. (SPOSITO, 1992, p. 333).

O PAS e sua proposta pedagógica, articulada à escola local, partem do pressuposto da existência de uma relação entre os problemas locais, do bairro, da vizinhança e os temas abordados pelos seus educadores.

É no diálogo que se aproxima o aluno da escola cujo principal objetivo deveria ser a busca por novas formas de construção de cultura. A partir dessa relação seriam trabalhados os conteúdos escolares contextualizados.

Os movimentos populares, posteriormente, dão origem a outros tipos de organizações em que transformam esses objetivos em favor da coletividade. Percebemos na trajetória de luta da Associação Comunitária uma possibilidade de Educação Popular.

Entendemos por Educação Popular, o conceito que Brandão (2006), nos propõe:

Há trocas, conflitos, alianças e resistências. As relações do processo geral do saber não são autônomas, vivos, e portanto observam trajetórias de articulações políticas equivalentes à de outras práticas sociais necessárias. Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em outras práticas sociais –, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular. (BRANDÃO, 2006, p.16).

Os movimentos sociais na contemporaneidade representam formas de construção coletivas que derivam de tensões na sociedade em decorrência do modo de produção

capitalista, que como já foi comentado anteriormente (BRENNER et al, 2011), transformam periferias urbanas em verdadeiros desertos de aparelhos estatais destinados à juventude pobre.

Contudo, é preciso compreender que imersas na atuação de um estado mínimo, proposto pelas reformas neoliberais, tais associações da sociedade civil reconfiguradas, podem se tornar palco de realização de uma pedagogia da margem, fruto de ações orientadas pela Educação Popular.

Cabe ainda a pergunta: Por que no século XXI a escola pública e o sistema de ensino não conseguiram incorporar a cultura popular a sua prática cotidiana? Tal reflexão pode se tornar frutífera para o surgimento de ações de Educação Popular²⁶.

Pensar nos movimentos sem revisitar o cenário histórico de sua constituição é inviável, ele nos remete à luta de classes, que é a primeira compreensão e ponto chave para entender as condutas coletivas, do Estado e das organizações em torno de um ou mais objetivos comuns, com o fim da reprodução social de classes por meio da escolarização.

No sentido contrário, o movimento de Educação Popular no Brasil propõe um ensino mais dinâmico em que as classes populares teriam condições de pensar suas realidades e buscar, através da dimensão política da cultura popular, formas de superação das desigualdades existentes na sociedade de classes.

A vivência e a leitura de mundo das camadas populares, incluídas na escola, poderiam contribuir nesse processo. Através dela o educador poderia propor a construção de conhecimento com vistas à superação do estado de subalternidade das classes populares.

Conforme Oliveira (2015), a incorporação da leitura de mundo das camadas populares no fazer educativo já foi tentada anteriormente no Brasil, pois:

a lista das ações e movimentos que fazem parte do que podemos chamar de Educação Popular é longa, os Círculos de Cultura Popular, as Ligas Camponesas, o Movimento de Educação de Base, e muitos outros escreveram a história de uma prática educativa que faz da sociedade sua sala de aula, recriando os papéis de educador e educando, com diferentes métodos e formas de intervenção no mundo. Nas décadas de 1950 e 1960 a Educação Popular fundou um movimento novo no panorama pedagógico latino-americano e a educação passou a ser vista como um instrumento de libertação para as classes subalternizadas (STRECK, 2009). A política populista buscava adaptar as massas às estruturas sociais e por vezes se utilizavam da pressão popular para realizar reformas. (OLIVEIRA, 2015, p. 4).

²⁶Para melhor entendimento sobre o surgimento e a trajetória da Educação Popular no Brasil, ver artigo OLIVEIRA, Elaine. Educação Popular e Juventudes em periferias urbanas: a escolarização dos jovens na linha de Fogo. 2015, p.155 - 173.

Os movimentos populares locais acabam por motivar a participação dos atores envolvidos nas suas atividades em outros tipos de organizações, como: atuação em Conselhos Municipais em defesa da Criança e do Adolescente, Ações junto ao Conselho Tutelar, Plenárias da Secretaria Municipal de Cultura, Fóruns Permanentes dos Pontos de Cultura da Secretaria de Estado de Cultura, Fóruns com todas as lideranças comunitárias do Complexo do Sagueiro, editais do Ministério da Cultura, Prêmios Itaú-UNICEF, entre outros.

2.2 A produção de cultura popular como resistência: uma das armas de luta política da sociedade civil organizada

Segundo Sader (1998), os sujeitos históricos colaboram para a transformação social, sendo protagonistas desta mudança por meio da luta de classes. O autor focaliza esses novos atores, como por exemplo:

O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscados pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores de emergência de novas identidades coletivas. (SADER, 1998, p. 26).

Touraine (1977) ressalta a importância da ação social na constituição dos sujeitos históricos, que essa ação seria articuladora da transformação da estrutura social. Seu texto foi escrito em meio à efervescência das Comunidades Eclesiais de Base, da teologia da libertação e da teoria Freiriana. Estes organizavam o movimento dos trabalhadores, deslocando o protagonismo dos partidos como agente político e representante de classe. Os movimentos começaram a pensar nas questões que afetam as condições objetivas como as relações capitalistas desiguais entre as classes, os baixos salários, a exploração pelo trabalho e outras.

Para Freire (1997): “A leitura do mundo, antecede a leitura da palavra...” Nessa perspectiva, o conhecer e estar no mundo seria a primeira forma de aprender. Não bastam os conhecimentos escolarizáveis, se não existe sentido no que se aprende. Não se relaciona esses conteúdos com a vida dos indivíduos. Freire, aqui, nos convida a refletir que a Educação Popular se faz em meio à comunhão, a uma ação coletiva, na comunidade, onde, através de se reconhecer enquanto ser social, pertencente a um lugar, num dado espaço, os indivíduos ou os

diferentes grupos sociais possam construir conhecimentos novos. Reconhecer-se como ‘ser social’, nessa perspectiva, é se fazer homem, indivíduo, cidadão e poder intervir na realidade dura, da divisão de classes, da favela, da exclusão, e se achar identificado, capaz de atravessar as dificuldades, aprender e apreender.

Os movimentos sociais têm esse papel de possibilitar essa vivência através da aprendizagem. Na Associação, o atendido não está somente fazendo uma atividade de dança. Está em contato com um educador (que provavelmente é morador daquele lugar e conhece bem sua realidade) e junto com outros atendidos que vivenciam as mesmas realidades, mas com a possibilidade de pensar sobre a vida, a comunidade, a sociedade como um todo. Esse pode ser um potencial transformador na trajetória de vida escolar, de vida existencial e do futuro dessas pessoas. Touraine (1977) ainda chama atenção para o sentido da ação social na construção da realidade. Segundo ele, as formas de condutas coletivas podem ser levadas pelo capital, dependendo do sentido desta ação, mas nem toda conduta coletiva pode ser considerada um movimento social. Podemos ponderar, a partir de suas ideias, que há condutas que disputam o controle do sistema de ação histórico e resistência ao poder vigente, que poderiam ser consideradas movimentos sociais. Podem até fazer pressão sobre o sistema, sem, contudo, disputar o sistema de ação histórico. Não basta uma luta por pequenos avanços somente, mas uma luta que repense todo sistema sócio histórico. Que pense todo o contexto, e não somente uma pauta de reivindicações.

E essas ações coletivas são possíveis, segundo Sader (1998), pelas experiências dos sujeitos. Ele tomou como referência os conceitos de experiência e cultura em Thompson:

A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. (THOMPSON, 2001, p. 227).

Segundo Gohn (2013), os movimentos sociais se caracterizam por quatro pontos:

1 – As lutas de defesa das culturas locais, contra os efeitos devastadores da globalização [...] o resgate que eles estão operando quanto ao caráter e sentido das coisas públicas – espaços, instituições, políticas, etc. 2 – Ao reivindicarem ética na política e, ao mesmo tempo, exercerem vigilância sobre a ação estatal/governamental, eles orientam a atenção da população para o que deveria ser dela e está sendo desviado, para o tratamento particular que supostamente estaria sendo dado a algo que é um bem público. 3 – Os movimentos sociais têm coberto áreas do cotidiano de difícil penetração por outras entidades ou instituições do tipo partidos políticos, sindicatos ou igrejas [...]. 4 – Os movimentos sociais construíram um entendimento sobre a questão da autonomia diferente do que existia nos anos 80.

Autonomia não é ser contra tudo e todos, estar isolado ou de costas para o Estado, atuando à margem do instituído; ter autonomia é, fundamentalmente, ter projetos e pensar os interesses dos grupos, envolvidos em autodeterminação, [...] ter planejamento estratégico, crítica e proposta de resolução para o conflito [...]. (GOHN, 2013, p. 1).

Para Gohn (2013), associativismo é a característica de desenvolvimento de mobilização e sociabilidade no local, estimulando a participação e incentivando a cidadania na busca pela garantia dos direitos sociais. Pode-se observar essa mudança de pensamento no próprio termo “comunidade”, formada por um grupo social com objetivos em comum, convidada a se unir, a pensar e lutar pelos seus direitos. O associativismo nos remete ao conceito de território desenvolvido por Santos (2010) em que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (p. 585). Os sujeitos se constituem nas relações sociais e constituem também um lugar, um espaço que tem a ver com suas individualidades e suas maneiras de apreender o mundo. Não há como fugir deste mundo globalizado; ele está em nós e nos espaços de convivência que estabelecemos, nos organizamos e produzimos a vida em comunidade. Em contraponto, a própria Gohn (2013) explica o processo de formação das ONGs e Associações:

Nos anos 70/80 as ONGs eram instituições de apoio aos movimentos sociais e populares, estavam por detrás deles na luta contra o regime militar e pela democratização do país. Ajudaram a construir um campo democrático popular. (...) No início dos anos 90 o cenário da organização da sociedade civil se amplia e diversifica-se. Surgem entidades autodenominadas como terceiro setor (mais articuladas às empresas e fundações), ao lado das ONGs cidadãs, militantes propriamente ditas, com perfil ideológico e projeto político definidos. Essas últimas saem da sombra, colocam-se à frente e até mesmo na dianteira dos movimentos, tornando-se, em alguns casos, instituições autônomas e desvinculadas dos movimentos. (GOHN, 2013, p. 6).

Hoje as ONGs são a face mais expressiva do Terceiro Setor e se tornam cada vez mais “profissionalizadas”, inclusive com formação em elaboração de projetos para conquistar financiamentos públicos. O investimento público e privado nessas ações ao final dos anos 90 faz com que esses movimentos se profissionalizem buscando recursos para sobreviverem ou porque veem nessa possibilidade de financiamento a concretude de realização das suas ações.

Semeraro (2003) diferencia movimento social de movimento popular:

‘movimentos sociais’ que se limitam a buscar melhorias e obter benefícios pontuais, os ‘movimentos populares’ se atestam sobreposições ‘radicais’, denunciando as contradições do sistema e do aprofundamento das divisões de classe. Em suas ações resgatam a titularidade permanente do poder popular e reivindicam uma democracia voltada para a universalidade dos direitos e a socialização do poder material e simbólico. (SEMERARO, 2003, p. 300).

Dessa forma, trabalhos que investiguem a atuação dos movimentos sociais e associações nas últimas décadas devem levar em consideração a influência do contexto social e histórico sobre os modelos e modos de atuação desses organismos. A partir da década de 1990, é preciso considerar que, no contexto mundial, as ONGs – ou mesmo a ideologia que sustenta a ação das ONGs – têm se fundamentado no que Bourdieu (2002) denominou de “atuação do braço esquerdo” dos organismos internacionais. Desse modo, compreender a ação dos estados e sua articulação com a multiplicação do número de ONGs e OSCIPs nas últimas décadas pode contribuir para a análise das políticas públicas na contemporaneidade.

Arroyo (2003), em seu artigo "Pedagogias em movimento", leva-nos a refletir sobre as pedagogias que emergem dos contextos não formais de Educação. Ele nos propõe uma retomada na análise das relações entre educação e trabalho, convida-nos a pensar sobre o sistema capitalista e sobre as desigualdades provocadas pela própria organização deste sistema produtivo. É importante sinalizar essas questões, pois o projeto neoliberal se constitui com bases nessas relações de desigualdade existentes no sistema capitalista e que acabam por transformar desigualdades sociais em desigualdades educacionais.

Além disso, o autor expõe duas vertentes que poderiam ser orientadas por esse processo: a primeira, presente nas contradições que emergem das transformações em que precarizamos direitos dos mais pobres, a partir da lógica da exploração capitalista; a segunda seria uma resposta à negação dos direitos básicos que a primeira impõe. Segundo Arroyo (2003), os movimentos sociais representariam a possibilidade de múltiplas manifestações na luta pela garantia dos direitos básicos, como: saúde, moradia, educação, cultura, entre outros; principalmente, a defesa de uma escola pública laica e de qualidade.

Pensar nestas questões demanda um debruçar sobre a categoria ‘trabalho’. Para os estudiosos na área, ela seria a categoria central de toda atividade humana (SAVIANI, 2007). Em Saviani, a categoria trabalho representa a possibilidade de compreensão dos processos de formação, e porque não dizer, deformação humana; e ainda aponta para o caráter histórico dos processos educativos, culturais, sociais que estão atrelados à produção da própria existência.

Essa produção de existência é percebida no Salgueiro. Ao entrar na localidade, conseguimos visualizar vários estabelecimentos comerciais: lojas de roupas, padarias, pequenas lojas de frutas e verduras, vários bares, sorveterias, casa de rações de animais, entre outros. O vídeo “Mostrando ao salgueirense o Salgueiro” (1995), retrata essa vida cotidiana, as pessoas em suas atividades, a produção cultural de moradores como: artistas plásticos, compositores, grupos musicais, pessoas renomadas como Claudinho e Buchecha, esportistas. Esse é o mosaico que faz o Salgueiro: suas pessoas, suas atividades, seus talentos.

Arroyo (2003) faz uma abordagem sobre o aprendizado que emerge da consciência e luta pela busca dos direitos. Para isso, os movimentos sociais contribuem de forma quase efetiva. E é nesse terreno que iremos pensar nossa temática: o movimento social como uma possibilidade de apropriação do conhecimento e conscientização política de direitos. Neste sentido, Burity (2001) completa dizendo que, embora a luta seja coletiva, existem embates internos entre os sujeitos dentro dos movimentos por suas subjetividades:

Neste percurso para investigar a interface entre cultura cívica, associativismo e identidade, então, é trabalhar com a relação entre pertencimento e democracia, partindo da compreensão, desenvolvida por diversas correntes de pensamento social e político contemporâneo, de que as identidades políticas e sociais contemporâneas são internamente heterogêneas, e porque são assim, têm que dividir lealdades e compromissos, precisam negociar essas diversas formas de pertencimento. (BURITY, 2001, p. 5).

Embora Burity (2001) constitua importante contribuição para pensar os movimentos sociais na contemporaneidade, a opção teórica adotada neste trabalho é a representada por autores que analisam os movimentos sociais e os processos históricos por meio do pensamento crítico, tais como: Bourdieu, Gramsci e Freire, anunciados anteriormente.

Thompson (2001), também nos chama a atenção para o peso da cultura na formação humana e na ação coletiva. Nesse sentido, poderíamos apontar que a cultura, nesse caso, poderia se transmutar em resistência e espaço de lutas sociais. Um mecanismo de defesa às dificuldades de se estar em uma favela do Estado do Rio de Janeiro. Em Thompson (1981):

com a ‘experiência’ e ‘cultura’, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria existência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem certos praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral. (THOMPSON, 1981, p.189).

Segundo Gramsci (1989), na cultura está o poder transformador de um povo. Se apropriar da cultura e se fazer representar frente às classes mais favorecidas, se capacitar nessa ação coletiva constitui estratégia fundamental de emancipação política das classes menos favorecidas. Nesse sentido o PAS, por meio da cultura, produz uma resistência em permanecer naquele lugar com sua bandeira de luta, que é levar a cultura local, transmiti-la de forma que ela não seja esquecida, preservar as raízes afrodescentes e fazer o que o Estado não faz pela comunidade.

2.3 A opção teórico-metodológica na investigação do PAS: o estudo de caso e as entrevistas

Considero que nesse trabalho a opção teórica não está dissociada da opção metodológica, assim utilizarei o estudo de caso como opção teórico-metodológica para esta pesquisa, pois considero que a escolha pela pesquisa qualitativa não exclui a possibilidade da utilização de dados quantitativos para iluminar alguns fatos importantes. Isso será realizado por meio das análises das entrevistas no terceiro capítulo.

Segundo Goldenberg (2007):

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. (GOLDENBERG, 2007, p. 33).

A trajetória cultural de 20 anos do PAS foi escolhida como tema de pesquisa por acreditarmos que a Associação Comunitária, que trabalha de forma potente a diversidade cultural em suas atividades e oficinas, poderia nos servir de lente para enxergar como ocorre a produção cultural e a atuação da sociedade civil em classes populares.

A partir disso, também é possível analisar a transformação dessa associação que se transformou em ONG para se adequar ao cenário neoliberal, e passam a representar o braço esquerdo do Fundo Monetário Internacional – o FMI nas ações locais (Bourdieu, 2002).

A opção pela entrevista como principal instrumento de análise se deu por acreditar que, no diálogo aproximado, como convivo há mais de cinco anos com os participantes da pesquisa, seria mais viável para compreender a história do PAS contada pelos atores que a constroem cotidianamente.

Apoio-me na concepção teórico-metodológica presente no capítulo “Compreender”, do livro de Bourdieu “A miséria do Mundo” (Bourdieu, 1997b, p.9), onde ele afirma que a entrevista é um importante instrumento nas Ciências Sociais, analisando as relações sociais que se constituem a partir e com as entrevistas.

Segundo o autor, a necessidade de escuta pode proporcionar uma “reflexividade reflexa”, deixando o entrevistado livre de violência simbólica por parte do entrevistador para falar sobre o objeto de forma mais ampliada e sincera. Não intervindo mais incisivamente para que o entrevistado se sinta à vontade para contar peculiaridades de seu fazer no Projeto.

Inclusive expondo fatos e acontecimentos que não estão previstos no roteiro da entrevista, mas que são essenciais para o entendimento da realidade objetiva investigada.

Bourdieu também nos convida a não dicotomizar a pesquisa entre dados quantitativos ou qualitativos. Os dois são importantes para a análise do objeto, na verdade podem se complementar. Verificamos em Brandão (2002) que:

Correndo o risco do lugar-comum, não custa lembrar que a complexidade dos fenômenos sociais implica a impropriedade de qualquer ortodoxia metodológica e a necessidade de combinar angulações diferentes dos mesmos objetos. A incomensurabilidade das práticas sociais não significa, no entanto, que não se possa e deva tentar aproximações quantitativas dos fenômenos. Portanto, os antagonismos quantitativo/qualitativo, assim como micro/macrossocial são impropriedades; informações e dados objetivos, assim como depoimentos e entrevistas em profundidade podem ser produzidos de uma perspectiva positivista; sem uma conceituação prévia e uma reconstrução *a posteriori*, nenhum material de pesquisa escapa à superficialidade do mau jornalismo (BRANDÃO, 2002, p. 28).

A busca por uma dimensão qualitativa nas falas dos entrevistados não exclui dados estáticos como: quantidade de bairros no Município de São Gonçalo, quantidade de oficinas e atividades ministradas pelo PAS, idade dos entrevistados, entre outros.

Ainda sobre a complementaridade dessas duas dimensões, Gamboa e Santos Filho (2002) nos fazem refletir que:

A relativização das técnicas quantitativas ou qualitativas com relação a um conjunto maior, sem dúvida, ajudará a compreender sua dimensão no conjunto dos elementos da pesquisa e a revelar suas limitações de tal maneira que, para serem consideradas como opções na definição de alternativas da investigação ou como modelos científicos, precisam ser articuladas a outros elementos mais complexos. As técnicas por si não se tornam alternativas para a pesquisa. As opções técnicas só têm sentido dentro de um enfoque epistemológico no qual são utilizadas ou elaboradas. Em outras palavras, para superar o falso dualismo quantidade-qualidade, é necessário revitalizar a dimensão técnica inserindo-a num todo maior que lhe dá sentido, tomando-a como parte constituída do processo de pesquisa. Na medida em que recuperamos o todo, nesta mesma medida relativizamos a parte. Quando recuperamos o todo maior (nesse caso, o enfoque epistemológico), remetemos à opção e à discussão sobre as alternativas da pesquisa não à escolha de algumas técnicas ou métodos, mas aos enfoques epistemológicos que, como um todo maior, articulam outros elementos constitutivos por meio da construção de uma lógica interna (a própria lógica da pesquisa) necessária para preservar o rigor e o significado do processo científico. (GAMBOA; SANTOS FILHO, 2002, p. 88).

Trabalhando dessa forma, acreditamos que podemos entender melhor as relações entre o macrossocial e o microssocial e podemos romper com o dualismo “objetivismo x subjetivismo”, conforme nos recomenda Bourdieu, no capítulo “Compreender”, acima citado.

3 O QUE FALAM OS EDUCADORES SOCIAIS? A MISSÃO DO PAS NA ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DE QUEM CONSTRÓI O PROJETO

É porque é meio complicado até dizer porque a luta do Zumbi que ele deixou pra que nós pudéssemos continuar a luta, mas não foi só o Zumbi que lutou. Teve outras personagens aí que lutaram também né. Então assim a luta pra gente aqui da comunidade é superimportante porque senão, se não lutar, não tem vitória né, e você é um espelho pra aquela criança que tá ali fazendo uma atividade, uma oficina, é, e outra coisa você tem que ser o espelho, então se você já fazendo o que você faz e fazer bem, com tesão, bom, já tá ensinando aquela criança que aquela luta é uma luta certa. São diversas lutas em todas áreas, mas cada um luta por um objetivo, por outra coisa, mas o objetivo metodologia de ensino, educando, que você possa lutar por um ideal que não vá prejudicar ninguém, isso é superimportante. Se for botar os pingos nos is todo mundo do Salgueiro luta por alguma coisa né? Alguns poderes aí que pode dizer que assim elas lutam pelo que elas acreditam e nós acreditamos no nosso ideal que sempre foi a formação dos alunos do Projeto PAS de conhecer o Salgueiro que eles não conhecem e buscar lá fora, mas não perder sua raiz de origem aqui que é o Salgueiro.

Entrevistado 6.

A missão do PAS era iniciar uma luta para que as pessoas da comunidade se conhecessem e se reconhecessem no outro o lugar em que viviam, e buscassem juntos a

emancipação política, por meio da produção cultural e da cobrança às autoridades de condições e vida dignas para os indivíduos das classes populares que moram no Salgueiro. Assim, Jorge Canela iniciou o Projeto e convidou outros tantos para o que ele chamava de uma missão com seu povo, sua gente.

Ao escrever esse texto trago à memória o lugar, as pessoas, e infelizmente a violência urbana que cerca essa comunidade. A memória também me traz o lugar e a experiência difícil que tem sido conviver com atravessamentos que por vezes nos doem a alma. E mais que doer a alma tem atingido o meu emocional de tal forma que tem se refletido na minha saúde física e psicológica. Trabalhando há mais de 5 anos nesse lugar, onde presenciamos um aumento considerável da violência após a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) nas favelas cariocas.

Isso se reflete no cotidiano do convívio no Salgueiro com armamento pesado, transitando livremente nas ruas da comunidade e mexendo com toda a dinâmica de ocupação dos lugares. Antes conhecíamos as pessoas que transitavam no lugar, mas hoje os rostos são diferentes, sem vínculo com a comunidade.

A exposição ao embate direto com a polícia está cada vez mais frequente e as operações são constantes, mudando toda a rotina das instituições locais. Isso tem feito com que alguns professores adoçam e não queiram mais trabalhar naquela região. Mas não posso parar. Alguém precisa contar a história de luta construída por demandas sociais, educacionais, culturais da comunidade que esse Projeto revela.

Vinte anos de história. Vinte anos de luta por um Salgueiro mais feliz, mais valorizado, mais humanizado, mais reconhecido, não só pelo local da bala e do fuzil, mas pelo lugar da cultura e da valorização da identidade dos salgueirenses.

Não podemos perder de vista o terreno que faz florescer tais práticas e ações de instituições como o PAS. Quanto maior o risco social e a vulnerabilidade no lugar, maiores foram as buscas por mais editais públicos e privados que incentivam ações para diminuir os impactos da violência e desigualdades sociais em localidades como o Salgueiro.

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, vemos que houve aumento significativo da violência nas cidades de Niterói e São Gonçalo do ano de 2015 pra o ano de 2016. Conforme publicação do Jornal Extra de 19 de maio de 2016, que traz em destaque a manchete: “Violência Explode – Beltrame: ‘Tem gente da PM que não quer a UPP’ – Área de Niterói e São Gonçalo teve maior aumento de mortes. Secretário de Segurança diz que números são ‘péssimos’.” (vide anexo 13).

Adiante, trecho da entrevista:

As estatísticas de violência de abril deste ano, obtidas na íntegra em primeira mão pelo EXTRA revelam um cenário preocupante. [...] O quadro mais grave é o de letalidade violenta, que compila os casos de homicídio doloso, latrocínio (roubo seguido de morte), autos de resistência e lesão corporal seguida de morte. Para 65 ocorrências no último mês contra 423 em abril de 2015 – uma alta de 33,6%. (BELTRAME, 2016).

A instalação das UPPs no Estado do Rio de Janeiro é uma iniciativa recente na política de segurança pública, no entanto, os dados encontrados na Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro nos indicam que, após esse advento, houve aumento significativo da criminalidade e violência no Estado e principalmente nas cidades de Niterói e São Gonçalo.

Em regiões como o Salgueiro se percebe isso na prática através dos comentários das pessoas da comunidade, alardeando que vários criminosos migraram do Rio de Janeiro para regiões em São Gonçalo. Ações como o PAS se justificam principalmente nesse contexto em que a violência busca seduzir os jovens do lugar para atividades que poderão interromper suas vidas precocemente.

A escola por sua vez, ao invés de atraí-los, incorre numa linguagem diferente da leitura de mundo trazida por esses meninos que apresentam trajetórias de escolarização acidentadas, principalmente após o 6º ano do ensino fundamental, produzidas devido a uma tentativa de enquadramento das escolas públicas locais sobre esse grupo social oriundo Complexo do Salgueiro²⁷. O PAS, na observação da pesquisa, procura incluir, por meio da cultura, esses excluídos, buscando mostrar-lhes perspectivas de uma oportunidade de futuro.

A seguir analisaremos categorias importantes para pensar o impacto de vinte anos de história do Projeto Amo Salgueiro sobre a comunidade e seus membros. Tais categorias emergem das entrevistas realizadas com educadores e pessoas que participaram da construção desses vinte anos de história.

3.1 As primeiras impressões acerca dos percursos do campo da pesquisa

Há pelo menos cinco anos tenho feito quase que diariamente o caminho que me conduz à região do Salgueiro. Inquietantes, nesse trajeto, são os pensamentos e questões acerca da localidade em que trabalho e atuei no PAS.

²⁷ Ver Oliveira (2010) sobre rendimentos escolares de jovens moradores do Complexo do Salgueiro.

Então começo a entender a lógica do PAS, como surgiu e porque surgiu naquele local. Acreditamos que foi de um olhar de alguém que também não se conformava com esse cenário. Que propunha uma alternativa de vida para as crianças que não fosse a convivência com a violência e o tráfico de drogas.

Saio do meu bairro e levo cerca de uma hora até o Salgueiro. Vejo no caminho lugares curiosíssimos, um lugar degradado pela ação do homem, mas também manguezais, matas e até um vulcão extinto, que deram vida a várias histórias escritas por Jorge Canela, e que hoje começam a virar livretos para que as crianças da escola pública possam estudar as origens do seu bairro, e se reconheçam nele e valorizem sua história.

Penso quanta informação, quanta riqueza na cultura de São Gonçalo, que muitos não veem, ou não se preocupam em ver. Fico refletindo, o que me levou a este lugar? Por que as atividades do PAS me chamaram tanto a atenção como educadora e gestora? O que essas crianças, esses jovens e até esses adultos viram de tão especial nesse projeto que hoje completa duas décadas? O que há nesses educadores sociais que encantam seus atendidos e que não está presente nas escolas dessa localidade?

Inquietações que povoam minha mente e me convocam a refletir por que escolhi estudar e pesquisar o PAS, essa associação da sociedade civil organizada, que nasce de forma despretensiosa e vai tomando os espaços da rua do Salgueiro. Por que depois de vinte anos, a rua continua sendo o grande palco das apresentações do PAS? O que o Salgueiro tem que o PAS consegue mostrar?

Nestas linhas, vamos pensando, refletindo, construindo dia a dia uma prática de pesquisa, comprometida em observar a realidade, conviver com o objeto, coletar dados concretos no campo, revisitar a literatura diante desses dados e escrever sobre eles.

Esta pesquisa vai sendo desenhada aos poucos, de acordo com o contato com o campo. O pesquisador deve saber a medida de entrar no espaço de intimidade do outro, sem parecer uma “invasão”. Demonstrar segurança e confiabilidade para que o pesquisado se sinta à vontade e possa expressar todas as suas impressões sobre as questões de pesquisa, de forma interativa e dinâmica numa espécie de exercício espiritual (BOURDIEU, 1997b). A entrevista deve ser um exercício de escuta ativa, e ao mesmo tempo metódica, buscando captar ao máximo os sentidos do diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Ao assumir o mestrado, com as aulas e o pouco tempo, pedi uma licença para me afastar temporariamente do convívio no PAS. Porque erroneamente acreditei que precisava haver um distanciamento para que pudesse olhar o meu objeto. Depois, com o decorrer da pesquisa, percebi que não era preciso o afastamento do convívio, pois estar perto tornaria os

laços de confiança mais substanciais para o momento de realização das entrevistas. Foi necessário o afastamento das atividades de formação dos educadores, como costumava fazer uma vez ao mês, mas não deixei de estreitar os laços com os atores do PAS.

Retornei ao campo de pesquisa meses depois de iniciado o mestrado para observação de uma roda de capoeira, o que foi um laboratório muito expressivo, pois aproveitei a presença de uns jovens para fazer perguntas informais. Foi ali o primeiro momento de aproximação para realização das entrevistas, com roteiro prévio formulado com a orientadora.

Nesse sentido, a convivência no PAS como pesquisadora, ao mesmo tempo em que demandou um exercício de estranhamento, também produziu uma relação de confiança que contribuiu para a facilidade na comunicação. Isso muito se deveu à relação de proximidade que havia estabelecido com o Projeto e sua dinâmica, antes da pesquisa. Para Bourdieu (1997b), a construção realista objetiva trilha esse caminho teórico e metodológico, com o exercício de análise das conversas e discursos, em que os discursos são contextualizados pelo lugar social dos entrevistados. Estudar o Complexo do Salgueiro demanda um olhar das pessoas a partir dos efeitos do lugar, do ponto onde estão inseridas suas falas.

No segundo semestre de 2014, acompanhamos duas das atividades da Associação Comunitária, em que ocorreu uma comemoração do Dia da Consciência Negra e uma apresentação no Shopping de num bairro vizinho chamado Alcântara, com a quadrilha de salão. Nessa ocasião os meninos estavam disputando um campeonato de quadrilhas tradicionais do município de São Gonçalo. Utilizamos o caderno de campo, como uma opção metodológica para os primeiros registros. Observamos a oficina de Capoeira e Jongo e a oficina de quadrilha de salão, bem como algumas reuniões da equipe diretiva do PAS. Essas reuniões se tratavam de planejamento das atividades para os anos de 2015 e 2016.

No evento da capoeira e do jongo, vimos crianças, jovens e adultos envolvidos com os preparativos para uma gincana, apresentação e entrega de cordas para os iniciantes. O sentimento de pertencimento à coletividade foi muito observado. Nesse momento, procuramos, com o auxílio da orientadora Elaine Oliveira, entrevistar informalmente alguns desses participantes, procurando levantar onde moravam, suas idades, sua formação escolar, e o porquê de estarem num sábado, no fim de tarde, tão empenhados em uma atividade no PAS.

Descobrimos jovens, que são da favela e que optaram por estar ali, naquele lugar no Salgueiro, por acreditar que era uma atividade significativa, que valorizava as raízes da comunidade e pelo prazer que as atividades culturais concedem a quem as realiza. Quando indagados sobre o futuro, constatamos, pelas falas, que alguns poucos jovens pensam em faculdade, outros estão trabalhando e alguns ainda não sabem o que fazer profissionalmente.

Muitos jovens já trabalham em comércio, serralheria e informalmente em casa, fornecendo refeições, por exemplo.

Na segunda oficina observada, notamos a integração entre a quadrilha de salão do PAS e as outras quadrilhas de outros projetos sociais da vizinhança. A boa relação que eles têm com os pais dos jovens atendidos por outras associações da sociedade civil do Salgueiro ficou evidente. E como foi importante para as crianças saírem da localidade e se sentirem valorizados de alguma maneira, em um shopping da sua cidade. Pude perceber as indumentárias e coreografias muito bem feitas, expressando a história da comunidade e o engajamento na preservação do meio ambiente, o pertencimento racial e cultural, a compreensão dos direitos e deveres durante a realização do evento.

As reuniões de que participei durante o ano de 2015 no PAS, com o objetivo de iniciar as entrevistas para a dissertação, eram para tratar de planejamento da grade de atividades e oficinas. Eles têm uma pauta, e todos têm oportunidade de se manifestar e sugerir assuntos para compor a mesma. A construção da pauta iniciou tranquila com a fala do presidente, seguida de intervenções dos educadores sociais. Foram definidas várias questões administrativas para reforma do espaço e inscrições das atividades. Na segunda reunião ocorrida em março de 2016, seguiu-se o mesmo rito e foi relatada a dificuldade com educadores novos nas oficinas e a necessidade de rever o Projeto para essa nova geração, que está com outros interesses voltados para as novas tecnologias, por exemplo. Contudo, ao final da reunião foi feito um pedido da viúva do membro fundador do PAS: o empréstimo do som para um evangelismo (atividade de pregação do evangelho na comunidade) de um grupo organizado pela igreja evangélica em que a viúva de Canela congrega. Neste sentido, houve uma discussão sobre a questão de emprestar ou não o som para o evento. O presidente analisou a estrutura das igrejas locais e questionou porque não poderiam elas mesmas oferecer o som. O outro impasse foi acerca do momento do lanche. O evangelismo seria na rua, mas no horário do lanche, as crianças utilizariam o espaço do PAS.

Todos esses momentos de convivência com a equipe gestora do PAS serviram de pré-campo. Eles foram uma testagem de observação e tinham o objetivo de desenvolver a confiança dos pesquisados para que se sentissem mais à vontade no momento da entrevista. A maior parte da pesquisa qualitativa foi feita por meio de análise das entrevistas semiestruturadas dos sujeitos, revelando suas trajetórias e práticas sociais (BOURDIEU, 1997b). A escolha pelos entrevistados da pesquisa se deu por considerarmos que os educadores sociais do PAS e os coordenadores da Associação poderiam contar a história dos vinte anos do Projeto através do resgate da memória da instituição e, por conseguinte, nos

ajudaram a recontar essa história. A partir das respostas obtidas decidimos escolher temas que nortearam a organização e análise do material, são eles: Autoestima; Cultura e memória; Cultura versus Religião; O PAS como agência de socialização; Ausência do Estado, Sociedade Civil, OSCIP e ONG; Educação popular e a Pedagogia da Margem.

O grupo entrevistado é composto por membros fundadores do PAS, com a viúva do idealizador do Projeto, que ainda coordena algumas ações, juntamente com a equipe de pedagogos voluntários, psicólogos e educadores sociais. Além deles, foram entrevistados: o presidente da instituição, que também é educador social, os educadores sociais das oficinas de Capoeira e jongo, Biblioteca viva, Dança de rua, Vídeo & Fotografia e Cine Ponto de Cultura.

Nesse universo, temos a viúva, o presidente, Mestre de Capoeira, e um educador social com ensino médio, três educadores com ensino superior e um educador social com ensino fundamental. A faixa etária dos entrevistados é composta por pessoas entre 25 a 50 anos de idade. Todos moram no bairro do Salgueiro ou nas adjacências. As entrevistas foram realizadas de forma presencial, via *e-mail*, *whatsapp* e *facebook* (conversas com áudios).

Além das entrevistas, citei depoimentos de alguns vídeos produzidos pelo PAS e utilizei a fala de pessoas que foram importantes na constituição desses vinte anos de história, e que não estão mais vivas no Salgueiro, mas deixaram um legado para que pudéssemos pesquisar essas fontes.

3.2 O movimento campo-teoria nas falas dos atores do PAS

Fui para o campo de pesquisa movida por uma pergunta inicial que tanto nos inquieta enquanto pesquisador: o que faz a Associação Comunitária Amo Salgueiro se manter viva e atuante no Bairro do Salgueiro por vinte anos?

As entrevistas foram realizadas em dias distintos, individualmente, na casa da viúva, na casa do educador da capoeira e jongo e na sede do PAS. O ideal seria que todas as entrevistas fossem feitas ao vivo, no entanto, a limitação de tempo e a dinâmica da vida de alguns entrevistados fizeram com que eu lançasse mão da tecnologia para conseguir o diálogo com esse grupo. Isso foi possível pelas relações estabelecidas anteriormente à pesquisa, quando atuei como formadora da associação. Mesmo sendo a distância, não senti prejuízo no diálogo, embora ressalte que essa não era a opção inicial para a coleta das entrevistas. Tentei marcar por várias vezes com o presidente e um dos educadores e não havia agenda. Dois

educadores que já não estão mais no Projeto também tinham dificuldade em vir à sede. Um deles porque é policial, e não pode mais estar na localidade do Salgueiro depois que entrou para a polícia, sendo este também o motivo de ter deixado as atividades no PAS. Esses depoimentos refletem um pouco da história e da memória desses vinte anos de atuação do Projeto e nos fornecem pistas para compreender a realidade dos moradores do Salgueiro, e como as atividades culturais realizadas ali vêm modificando suas vidas.

Buscamos nos fundamentar principalmente nas análises acerca do papel da cultura nos processos de dominação e libertação dos grupos subalternizados, conceitos desenvolvidos por Bourdieu, Gramsci e Paulo Freire, os três autores escolhidos para embasar a análise do material da pesquisa, e partirmos desses autores para procurar entender como os atores também utilizam e dão significado ao conceito de cultura em suas práticas no PAS.

Em Bourdieu (2008), a cultura contribui para a reprodução de desigualdades sociais promovidas pelas ações do capitalismo no mundo da escola. Desigualdades essas que fazem com que as classes populares sejam colocadas em desvantagem com o padrão da cultura dominante (a mais abastada economicamente) solicitadas no interior do sistema de ensino. E essa reprodução é realizada principalmente por mecanismos internos da escola, como o uso de uma linguagem rebuscada, cobrança de modos de agir e juízos proferidos sobre os alunos das camadas populares.

Os atendidos no PAS vivem essa realidade e por isso se veem em conflito com o padrão exigido pela escola, e buscam nas atividades de cultura popular uma alternativa de terem seus saberes valorizados. Concordando com Gramsci (2000), a cultura ajuda uma classe a ter hegemonia sobre a outra. Na formação cultural os indivíduos podem ver uma forma de emancipação e valorização do grupo que pode atuar no saber local com possibilidade de emancipação política. O que percebemos acontecer nas ações do PAS, quando debatem com as crianças um Plano de Desenvolvimento Comunitário, elencando as dificuldades da comunidade e buscando soluções para que a realidade mude.

Segundo Paulo Freire (1997), a cultura popular cria, através da atuação dos sujeitos por meio do diálogo, uma ação contra-hegemônica, em espaços educativos não formais. Os indivíduos devem intervir, por meio da ação crítica da sociedade, procurando superar as relações de opressão. Assim, a cultura de cada um é importante no todo. E com o grupo ela ganha força e pode ser capaz de transformar a realidade de dominação injusta e desigual presente em nossa sociedade.

Também foi feito um levantamento nos Grupos de Trabalhos de Movimentos Sociais e Educação, nos últimos cinco anos, para ver se havia algum trabalho que falasse da temática

estudada nessa pesquisa. Foi encontrado apenas um trabalho que tratou sobre a gênese das atividades socioeducativas, intitulado: “A gênese do campo das práticas socioeducativas no Brasil: Educação Popular, Educação Não Formal e Pedagogia social”, de Luís Antonio Groppo – UNISAL, que utiliza o referencial de Bourdieu, mas que não apresenta muitos dados de empiria. Apenas conceitua ‘campo social’ e fala da Pedagogia Social.

Desta forma, buscamos nas respostas das entrevistas elementos que expliquem a permanência de vinte anos de uma rica e bem sucedida experiência de produção cultural, promovida por uma Associação da Sociedade Civil no Salgueiro.

3.2.1 Autoestima

Nas falas dos entrevistados nos chamou atenção, nos moradores do Salgueiro, a necessidade de trabalhar a autoestima. Percebemos nessas falas a conotação do estigma de ser Salgueirense. O lugar é representado como violento, e seus moradores são associados à violência e à criminalidade. Esse grupo é estigmatizado por sua origem, cujo estigma é legitimado pelas camadas mais abastadas da sociedade. E isso se verifica quando eles estão na escola, quando saem para passeios fora da comunidade, entre outras situações. O receio de não se portarem da forma legitimada e aceita pela sociedade aparece em suas falas e posturas corporais em lugares públicos. O PAS inicia seu trabalho tendo como premissa o estímulo a essa autoconfiança e autoestima do Salgueirense, que Jorge Canela e seus companheiros sentiam falta nas pessoas oriundas da comunidade. Há vergonha em dizer: sou do Salgueiro, moro no Salgueiro, um bairro pobre da periferia urbana de São Gonçalo.

A seguir, lemos alguns depoimentos cuja transcrição mantém as marcas da oralidade dos entrevistados. Seus textos refletem a importância que o PAS confere ao estímulo à autoestima dos moradores do Salgueiro:

O PAS surgiu é pra levantar a estima das pessoas que viviam no Salgueiro. (Entrevistado 1).²⁸

²⁸Os entrevistados foram numerados para que as identidades fossem preservadas. Estamos trabalhando em uma área de risco, optamos pelo sigilo para que os entrevistados tivessem mais liberdade de fazer os seus relatos de vivências do PAS e na comunidade.

Então eu tô aqui desde 2000 e hoje se encontro na função de administração e o projeto na verdade surgiu em duas fases: a primeira era resgatar a identidade da comunidade. E logo após, e, foi, assim depois do resgate da comunidade com essa finalidade, quer dizer a finalidade do projeto na verdade foi resgatar a autoestima da comunidade, através da família, da sua história. (Entrevistado 2).

O Projeto PAS é um projeto sociocultural e educativo que foi fundado por Lúcia e Jorge Luiz da Silva Cruz, o Canela, em 1995 com o intuito de resgatar a estima e a identidade da comunidade do Salgueiro. (Entrevistado 3).

Acho que o Projeto PAS segue 20 anos desenvolve essa estima que hora é destruída através das máculas do sangue né, que é derramado através das facções tanto do lado da polícia quanto do lado do tráfico e também da Igreja. (Entrevistado 3).

(...) o Projeto PAS que é Projeto Amo Salgueiro, né, que foi criado com um primeiro objetivo de resgatar o nome Salgueiro que se perdeu ao longo do tempo. É então as pessoas tinham um preconceito de falar que moravam no Salgueiro, que vivia no Salgueiro. (Entrevistado 4).

O PAS é uma associação comunitária idealizada pelo saudoso Jorge Canela. Seu objetivo com a criação desse Projeto é o resgate do orgulho e da valorização da história desse povo, perdida com o tempo diante de tantos acontecimentos que “mancharam” a imagem desse lugar. (Entrevistado 5).

Principalmente na fala do entrevistado 3, fica claro como as agências de socialização que existem na localidade travam uma batalha entre si – não há mesmo como omitir que a criminalidade no Salgueiro também se coloca como uma agência de socialização dos jovens, principalmente o que é excluído da escola. Seria difícil para um menino do Salgueiro convidar um coleguinha da escola de um bairro vizinho a brincar em sua casa, quando a imagem que é refletida do seu bairro é de criminalidade, perigo e estigma.

Estas falas nos remetem à questão da valorização do que os sujeitos trazem de histórias de vida que podem fortalecer o coletivo. O sentimento de tentar aumentar a autoestima de cada indivíduo em face de uma comunidade que é tão desconsiderada pelo poder público foi um fator que nos chamou atenção. No PAS fala-se muito que isso se tornaria possível por meio de um resgate cultural. A importância da cultura está em destaque na fala dos entrevistados, a cultura local é construída no cotidiano com seus pares. A missão de resgatar o sentimento de importância do lugar onde se produziria cultura popular.

Bourdieu (1997a), ao discutir sobre “os efeitos do lugar” nos ajuda a compreender a dimensão vivida pelos moradores do Salgueiro quando diz que:

Efetivamente, o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos confusa: o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferenças espécies, se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma

de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou dos serviços, privados ou públicos. A posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado (aquele do qual se diz que está “sem eira nem beira” ou “sem residência fixa”, que não tem – quase – existência social), e pela posição relativa que suas localizações temporárias (por exemplo os lugares de honra, os lugares regulados pelo protocolo) e sobretudo permanentes (endereço privado e endereço profissional) ocupam em relação às localizações de outros agentes; ela se exprime também no lugar que ocupa (no direito) no espaço através de suas propriedades (casas, apartamentos ou salas, terras para cultivar, para explorar ou para construir, etc.) que são mais ou menos embaraçosos ou, como se diz às vezes, “space consuming” (o consumo mais ou menos ostentatório do espaço é umas das formas por excelência de ostentação do poder). Uma parte da inércia das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico e que não poderiam ser modificadas senão ao preço de um trabalho de transplantação, de uma mudança das coisas e de um desenraizamento ou de uma deportação de pessoas, as quais suporiam transformações sociais extremamente difíceis e custosas. (BOURDIEU, 1997a, p. 160).

Segundo Bourdieu, o lugar em que vivemos nos estigmatiza ou nos qualifica. O viver no Salgueiro, com todas as mazelas sociais, faz com que a estima de seus moradores seja baixa. E as perspectivas de futuro sejam distantes daquelas presentes na classe dominante. A falta de oferta de políticas culturais faz com que o sujeito se sinta sem voz e sem força.

Paulo Freire (1997), em sua obra “A importância do ato de ler”, nos chama atenção sobre a importância da palavra. E mais, como a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Antes do conhecimento que a leitura transmite, há que se enxergar o mundo e suas relações. Acreditamos que o objetivo do resgate da autoestima que aparece na fala dos entrevistados tenha sido o primeiro pilar para a constituição e trajetória do PAS no Salgueiro.

Em estudo na comunidade do Jardim Catarina, outro bairro de São Gonçalo, Tavares (2008) nos faz refletir sobre o peso da baixa estima na vida dos meninos de lá. Este grande bairro é vizinho do Salgueiro e também possui traços semelhantes, como a violência e o tráfico de drogas. Daí vê-se a importância de trabalhar e valorizar essa estima perdida em meio a tantas dificuldades encontradas.

O PAS, nesses vinte anos, trabalhou a partir da cultura do lugar, com o objetivo de que a autoestima dos moradores fosse elevada. Assim como o pertencimento ao local que em moram fosse incentivado.

A baixa autoestima e o (auto) preconceito inerente a esse estigma espacial eram tão intensos e recorrentes nas falas dos/das diferentes sujeitos escolares, que não pude ignorá-los, diluí-los, ou muito menos, não problematizá-los enquanto campo fértil de investigação. A questão da identidade social do/a gonçalense me parecia fundamental a ser investigada, diante dos complexos problemas que essa “identidade deteriorada” do/a gonçalense parecia produzir na sua relação com a cidade. (TAVARES, 2008, p. 17).

As semelhanças entre e a realidade do Salgueiro e aquela encontrada no Jardim Catarina, fazem pensar também como os movimentos populares educam para a cidadania e como é importante ter uma instituição que possa levar a comunidade a fazer essa reflexão e superar esse estado de coisas por meio da cultura no lugar.

3.2.2 Cultura e memória

Outra categoria importante expressa nas falas de muitos entrevistados, diz respeito ao papel da cultura e da memória no resgate da autoestima de quem mora no Salgueiro. Recorremos a Gramsci (1989), em “Os intelectuais e a organização da cultura”, para falar da necessidade de uma escola unitária. Escola essa expressa por Gramsci, onde todos os saberes do indivíduo deveriam ser explorados em outros espaços de produção de cultura. Combinaria as duas dimensões educativas: a formal e a não formal. O que possibilitaria a construção de relações sociais que permitem a emancipação política. Valorizando o que possuem de cultura e ao mesmo tempo combinando o que a escola ensina nos conteúdos.

Nesta perspectiva, espaços culturais como o PAS, ajudariam os meninos a adquirir capital cultural (BORDIEU, 1997a), e a interagir de forma a pensar nas condições do seu próprio lugar e realizar formas de resistências quanto ao destino que se lhes apresenta, como por exemplo, o caminho da marginalidade.

Destacamos as falas a seguir onde observamos a importância que o PAS dá à preservação da cultura com base na memória da história do lugar:

(...) as crianças chegavam pra brincar, pra fazer atividade né e ele se sentia muito feliz com as crianças brincando. É... sabia que é muitos muitas casas praticamente não têm quintais então as crianças se refugiam no Projeto. Mas Jorge era uma pessoa assim que não media esforços pro ser humano. Ele dizia que preferia se preocupar com pessoas do que com coisas. As coisas estragavam né, ele não queria nem saber, mas pessoa ele dedicava um tempo né. Ele era um, um líder comunitário, mas era também um amigo, o pastor. (Entrevistado 1).

(...) Então assim família pra pro projeto que é um projeto sócio cultural educativo e que agrega valores, quer dizer trazer à tona todos os atores da comunidade. Descobrir quem são eles, trazer eles e completar essa família. Família essa que não é só do projeto, família essa que sou todas que adentram esse espaço. Então o projeto, a finalidade é esse resgate, educação e cultura, tá através de tudo é preservar a cultura do nosso país e da comunidade (...) (Entrevistado 2).

(...) É fazer que com que ele se conscientize com a cultura do seu lugar, valorize o mesmo e que ele possa ser falado nos jornais através de um 3º grau, através de um algo que ele faça, uma dança que ele faça em outro país e é resgate. (...) (Entrevistado 2).

Na fala dos entrevistados percebemos a importância do resgate da cultura local em um espaço de educação não formal: o PAS. Eles acreditam que, para que o lugar seja valorizado, é preciso que as pessoas que habitam nele consigam perceber que existe uma cultura que deve ser preservada e propagada, passando de geração a geração. E que essa cultura faz entender quem eles são, porque estão ali e como isso pode transformar o lugar pelas ações de uma cultura de paz em meio a tanta violência local.

Nas falas a seguir, vemos que o resgate dessa memória se torna um dos pilares para a criação de cultura popular, pois, através dos registros, é possível lembrar tudo que já foi conquistado, e se pode levar para outros lugares a história do Salgueiro, que não é contada pelos noticiários de violência, mas aquela contada por seus próprios moradores.

Bom vamos lá o que que é o PAS pra mim? O Projeto PAS é um projeto sócio cultural e educativo que foi fundado por Lúcia e Jorge Luiz da Silva Cruz, o Canela em 1995 com o intuito de resgatar a estima e a identidade da comunidade do Salgueiro. Esse trabalho foi feito através de vídeo que resgatou a história do nome do bairro e levou isso para as ruas da comunidade num show de Claudinho e Buchecha que eram pessoas da nossa comunidade que de representatividade e num show deles é tudo organizado pelo Projeto PAS a gente trouxe esse arquivo, essa memória da história da comunidade para que a comunidade pudesse conhecer e ser conhecida através daquele vídeo né. Pudessem ver e se ver naquele vídeo. Então o Projeto PAS começou em 1995 trabalhar esse vídeo. O nome desse vídeo é “Mostrando o Salgueirense o Salgueiro que ele não conhece”. Onde ele pôde conhecer um monte de personalidades. Não só o Claudinho e Buchecha, mas um monte de pessoas que estavam ocultas que a comunidade não conhecia e o Projeto PAS fez esse resgate. (Entrevistado 3).

Acho que pai, amigo, pastor, acho que tudo isso tá colocado dentro de uma pessoa, sem contar que é a memória, a memória do Salgueiro né foi ele que criou, ele que desenvolveu. Se o Salgueiro tem uma história pra contar é graças a Jorge Luiz da Silva Cruz, o Canela. Porque ele que buscou essa história. Ele que buscou o porquê do nome. Ele que fez esse trabalho e e salve Jorge. É isso aí. (Entrevistado 3).

Eu acho que uma pessoa que tenha uma habilidade específica no artesanato, e tem a capacidade de tá tá trabalhando com isso com a criança com o teatro. E ela pode tá fazendo isso com as crianças fazendo com que elas possam crescer através da arte e da cultura e da história da comunidade. Acho que o bom de ser da comunidade é que tem essa identidade com as pessoas da comunidade, com as crianças da comunidade, e sabe dessa situação que a gente vive e o educador social ele tenta transmitir isso através da arte que ele desenvolve que pode ser a dança, é...o artesanato que eu falei e todas as outras atividades que fazem parte do rol de atividades que o Projeto desenvolve.(Entrevistado 3).

Nessas reflexões, pergunto: seria possível haver afinidade entre o saber produzido na Universidade e o saber popular? Canela com suas ações aposta que sim. Ele vivenciou uma experiência, onde convivia com professores universitários, na Faculdade de Comunicação Social da UFF e transportava essa experiência para o Salgueiro, onde estava enraizado com sua gente, que ele julgava o maior patrimônio do lugar.

Ainda nas falas encontramos a importância das oficinas na construção dessa memória identitária:

E ih vamo lá, você perguntou aqui o que uma oficina e atividade objetiva levar para o atendido do Projeto. A intenção é poder agregar né Rejane. Pela comunidade que a gente vive é complicado deixar uma criança ou um adolescente refém daquilo que a gente vive hoje no momento e desde 95 que na comunidade o tráfico tem cooptado essa galera e as meninas têm se perdido também engravidando muito cedo. Então primeiro é apresentar uma oportunidade pras crianças de tá fazendo uma atividade. De tá tendo acesso a cultura e a outros lugares que cada oficina e atividade leva fora do Salgueiro conhecendo outros lugares. Que tem criança que não sai do Salgueiro. Primeiro conhecer um pouco da história do Salgueiro, conhecer quem foi o Canela, o fundador do Projeto e também proporcionar um uma atividade lúdica, um lazer com um viés de educação, educativo né. Tentar levar alguma coisa de educativo, educação pra essas crianças com intuito d ser lugares que elas vão tá desenvolvendo a sua parte cultural como também a sua parte de conhecimento do mundo. Porque fica só na comunidade também é não gera nenhum crescimento que possa desenvolver como cidadã e que possam sair dessa atividade como cidadã de bem. (Entrevistado 3).

Você pergunta também a questão da Formação lá dos oficineiros o que é bom. A formação é bom porque cada oficineiro traz a sua cultura, a atividade que ele desenvolve e a dificuldade que ele tem é em aplicar ela pra diferentes grupos e aí eu conto com ajuda da Pedagogia do Projeto que possa transpor pegar essa galera aí as ideias delas e a ideia deles e transformar numa forma lúdica, prática que vai agregar todo mundo e facilita aí o desenvolvimento da atividade acho que a formação ajuda nisso e também na dificuldade do professor em lidar com o aluno. (Entrevistado 3).

Por meio da cultura que cada educador social traz, é possível trabalhar a memória do lugar e identificar o objetivo do PAS, resgatar a identidade social daquele grupo e os atendidos aprenderem com a própria bagagem cultural de cada educador.

Na atividade como a capoeira isso fica claro. O Mestre expõe que sua aula tem uma dinâmica própria, em que os alunos aprendem regras de convivência, aprendem sobre a história da capoeira e do jongo.

Aprendem para cidadania para além do PAS, e adquirem hábitos de socialização nos eventos, como entrega de cordas, gincanas, comemoração da consciência negra, comemoração da libertação dos escravos. Isso nos leva a reconhecer que o papel da oficina ou atividade do educador social é fundamental nesse processo de troca de saberes por meio do diálogo que se concretiza nas ações desenvolvidas.

Outras falas revelam ainda a importância da memória aliada à reverência a personalidades da comunidade e aos seus saberes acumulados. E como essa memória que carregam é importante na manutenção do patrimônio cultural do Salgueiro.

É preciso continuar escrevendo essa história para que pessoas ainda conheçam e façam parte desta produção cultural.

Outras entrevistas apontam nesse sentido:

No meu entendimento o ver se vendo é um projeto que surgiu depois que o P.A.S terminou o vídeo Mostrando o Salgueiro que o salgueirense não conhece, uma vez que, não só descobrimos a história da comunidade, mais as diferentes bagagem culturais dos moradores da mesma. Então vendo isso e a necessidade de influenciar de forma positiva a geração mais nova (crianças, adolescentes e jovens) surgiu o Ver se Vendo que levou esses cidadãos simples mais com sua vivência e cultura que saltavam os olhos a desenvolver dentro da sua área oficinas e atividades que levassem essa geração há não só ver, mas desejar fazer aquilo que estava sendo apresentado (...) (Entrevistado 3).

Então, Jorge também achou essa necessidade de criar, e Jorge ia até sair do Salgueiro mas ele recebeu assim de Deus né pra ficar e fazer fazer a diferença foi aí que veio a quadrilha e as outras atividades, mas o primeiro objetivo do Projeto foi resgatar o nome e a cultura da comunidade que tava se perdendo. (Entrevistado 4).

Bom, o PAS é uma fonte de sabedoria, ajuda as crianças, os jovens e adultos a despertar mais é... o olhar educacional e o olhar cultural dentro da comunidade. Isso é o PAS. É uma escola de cultura dentro da comunidade. (Entrevistado 6).

Bom a cultura é tudo aquilo que você... o avô, o tataravô, o bisavô passa para os filhos e aí vai né para poder manter a cultura, ou seja né, uma história familiar, um conto de uma avó de um avô. A cultura é mais ou menos isso pra mim, pelo menos que eu entendo né. Que tá dentro também da História do Brasil, né que é a cultura brasileira que tá enganchada de certa forma na história familiar. (Entrevistado 6).

É uma integração social né, de responsabilidade cultural, informação e...como eu poderia dizer pra você...bom informação social, cultural, socioeducativa. (Entrevistado 6).

Não. Não é que a metodologia é diferenciada. A metodologia da capoeira com as outras atividades ou oficinas do Projeto PAS estão interligadas. Só que a capoeira tem a parte da disciplina. Então é a disciplina que faz eles ficar ligado na metodologia da capoeira. Metodologia de ensino que é de você conhecer é... o seu tataravô, o familiar que possa explicar quem foi... De você conhecer a cultura local, de você ter ânsia de aprendizado pra o mundo lá fora. Então a metodologia tá sempre andando de braços dados com a metodologia do Projeto PAS. É a mesma metodologia. A minha metodologia antes que pra comunidade estava errada; então que tive necessidade de modificar a minha metodologia de ensino de capoeira à comunidade. (Entrevistado 6).

O Canela sempre dizia né antes, lá no início... é o que o Chacrinha fala também né o velho guerreiro Chacrinha, apresentador de televisão: “Quem não se comunica, se trumbica”. O Canela eu acho que ele ensinou todos ali a lidar com um tipo de

situação que cada ano pra gente é uma era diferente. É um modismo, é algo novo, então, o Projeto tem a necessidade de tá modificando, de tá buscando algo novo porque nada fica no passado, né? Nosso passado está sempre presente no futuro, na cultura. Então há necessidade do Projeto tá se reinventando. Buscando coisas novas. É porque as coisas novas estão acontecendo, está chegando e não dá pra ficar na mesmice sempre. (Entrevistado 6).

Hoje em dia pra mim, depois que o Jorge foi embora né se tornou uma missão. Uma missão de compor uma música, de falar mais sobre ele. Porque a gente fala de Tiradentes, de Zumbi, de Marechal Deodoro da Fonseca, São Gonçalo, Zé Garoto, né. Então o Jorge também merece. Ele também merece tá. No meu ver tá no meio desses demais aí que eu falei. (Entrevistado 6).

Percebemos nas entrevistas como a questão de resgate da memória passa de geração em geração e se faz presente no dia a dia da Associação, e como isso é valorizado e estimulado nas práticas das oficinas e atividades. Como os educadores, desde a sua fundação, primam por resgatar a história do lugar, através dos acontecimentos relatados pela comunidade. A constituição do Salgueiro como lugar estigmatizado se desfaz, por meio das pessoas que reconstruem o lugar cotidianamente.

3.2.3 Cultura versus religião

As categorias em destaque nos pareceram muito importantes, pois a história do PAS começa a partir de uma tensão que Canela vivenciou, quando ainda estava numa Igreja Evangélica no Salgueiro, onde ele almejava levar cultura popular para os membros da congregação, mas esbarrou nos dogmas religiosos defendidos por alguns. Foi quando se decidiu pela produção de cultura fora dos muros da instituição.

Era um morador da comunidade e... que teve essa visão de tentar, de desenvolver esse trabalho mesmo sendo criticado por todas as instituições religiosas em desenvolver, mexer a cultura do bairro. Ele avançou, ele não parou. Ele deu sequência a esse trabalho e nos fez vislumbrar que é possível a gente desenvolver algum trabalho social e de nível eclesástico fora das paredes da igreja. E acho que a missão dele era essa: era divulgar que é possível viver um evangelho fora das paredes da Igreja e sem abandonar a ordenança do Mestre Jesus de ir pregar o evangelho a toda criatura. Eu acho que apesar do Projeto PAS não levantar uma bandeira, uma bandeira de nenhuma religião, anela me ensinou que às vezes o testemunho é o melhor exemplo, e uma forma de você tá fazendo isso é através do Projeto e hoje e fico com essa marca, essa lembrança que ele deixou e tudo que é necessário pra gente poder dar sequência a esse trabalho que a gente desenvolve na comunidade. (Entrevistado 3).

Acho que tem que ter alguma atividade fora que não envolva o tráfico de drogas nem a religião. Acho que o Projeto PAS é essa ponte. Essa essa esse lacuna que faz com que as pessoas possam estar olhando pra gente. Acho que falta um pouco mais de esforço nosso pra que esse trabalho seja melhor e mais desenvolvido. Acho que o Projeto PAS continua por causa disso. Porque ainda até hoje as dificuldades ao longo desses 20 anos continua as mesmas e falta ainda nesse trabalho pra ser desenvolvido que infelizmente não tem outro caminho nem outra instituição hoje na comunidade que pensa fora de igreja, fora de político e fora de criminalidade dentro do Salgueiro, entendeu? (Entrevistado 3).

Tem gente lá que é diferente no sentido de opção sexual, então a gente tenta agregar todo mundo é porque a gente acha que é nos grupos de da comunidade, da Igreja e outros a gente acha que tem essa exclusão. A gente prefere não fazer trabalhar assim. Agregar todos. Inclusive até na questão de dar aula, o oficinheiro né. Até a pessoa que vai dar aula a gente tenta colocar de igual pra todo mundo possa tá aceitando tudo e todo, entendeu? Respeitando a opção e o credo religioso de cada um, a cor. Acho que isso faz diferença sim e a gente cresce com o grupo e num todo. (Entrevistado 3).

E chegou a assustar as pessoas por causa do pensamento dele de sempre avançado de 10 anos e assustou também alguns líderes religioso né por ele pensar de uma forma diferente né. Era uma coisa assim pô quem é esse cara? Então isso assustou, mas Jorge ele conhecia. Jorge foi um grande amigo, era um psiquiatra da gente. Ele sabia agregar as pessoas. Jorge, sabia, Jorge conhecia o defeito de cada um e o acerto de cada um. Ele conversava diferente de como conversava com Torão. Ele sabia lidar com essas pessoas então pra mim Jorge além de ser um grande amigo, ele foi pai, foi educador social, foi pastor. Jorge ele é. Jorge conseguiu ser. Jorge conseguiu unir pessoas muito diferentes pra trabalhar dentro de um lugar né que não tinha visão de grana. Ele conseguiu unir 30 ou mais pessoas de uma forma muito simpres né e Jorge era um cara que falava muito, conversava muito e isso agregava. E Jorge agregou as pessoas e as pessoas se sentia bem com Jorge. Tinha uns que não mas Jorge pra mim foi um grande homem. Dentro disso tudo aí pai-filho, pai-irmão, amigo, educador, professor, é...pastor, líder e é isso. (Entrevistado 4).

Essa é fácil. É fácil mas é meio esquisito e dizer tem um lance bem firme. Desculpe até se eu for meio grosso... Coração, tem lá aquele coração do símbolo né aquele símbolo ali como se fosse o arco-íris, aliança de Deus com o homem. Pro Projeto PAS é um símbolo como se fosse... não, eu acredito que sim aliança sim do negro de bem ou do branco de bem ou do amarelo de bem também que acredita na luta, acredita na causa. É o símbolo. É simples, mas não é... (Entrevistado 6).

O PAS é uma associação sem preconceitos, sem discriminações e sem acepções. É um espaço democrático, em que todos têm vez, voz e oportunidade, sem ser cerceado devido a alguma condição diferenciada. Seja na participação enquanto membro, educador, colaborador, como também participantes de suas oficinas e eventos. Acredito que o surgimento desse Projeto ter se dado por pessoas de um lugar marginalizado, “desacreditado” e “mal falado”, seria impossível pensar numa instituição que não acolhesse ou respeitasse as diferenças. (Entrevistado 5).

Nas entrevistas ficou clara a influência das igrejas protestantes no lugar e sua dificuldade em lidar com a diversidade, desde a constituição do projeto, e com a ideia de fundar uma Associação Comunitária que trabalhasse para além do que as instituições religiosas da localidade abordavam. Sob a égide do amor ao próximo e tendo como estratégia

a cultura popular, o mentor do PAS Jorge Canela (vide anexo 8), propôs atividades culturais voltadas para a comunidade, acreditando que a igreja não conseguia atingir a todos. O que entrou em conflito na época com os padrões religiosos da comunidade, visto que as atividades culturais oferecidas eram consideradas não condizentes com as normas de conduta defendidas pelas igrejas evangélicas da localidade.

Paulo Freire, em sua obra “Os cristãos e a libertação dos oprimidos” (1978), nos chama atenção para a questão política que envolve muitas ações das igrejas, inclusive, o autor afirma que a instituição também serve a interesses da classe dominante. Observemos:

Iniciaremos este ensaio com uma afirmação que, revelando com clareza a nossa posição sobre a missão educativa das Igrejas na América Latina, é também, ao mesmo tempo, uma coisa óbvia: não podemos discutir, por um lado as Igrejas, por outro à educação e, finalmente, o papel daquelas em relação a esta, a não ser historicamente. De facto as igrejas não são entidades abstratas, mas sim, instituições inseridas na História, e é unicamente na História que se dá também a Educação. Da mesma forma o trabalho educativo das Igrejas não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta onde se situam. Porém, no momento em que tomemos a sério tais afirmações, já não podemos aceitar, nem a neutralidade das Igrejas face à História, nem a neutralidade da Educação. (...) Pode afirmar-se que todos eles, ao instituírem na neutralidade da Igreja face à História ou face às atividades políticas, não fazem outra coisas e não exercer de facto uma atividade política em favor, claro está, das classes dominantes. (FREIRE, 1978, p. 11).

Nessa obra, o autor ainda nos remete a duas categorias de cristãos: “os espertos” e os “inocentes”. Nas instituições, existem aqueles que realmente estão em sinceridade buscando amenizar as mazelas da vida, em face de outros que se oportunizam da fé alheia, utilizando estratégias para reforçar a estrutura de classes e a opressão também no interior das atividades eclesiais. O que Freire (1978) nos propõe é uma reflexão sobre a não neutralidade das instituições. Seja a Igreja ou a Escola, ambas tomam posições políticas. E acabam por resguardar seus posicionamentos em meio à sociedade que estão inseridas.

Além das entrevistas, observamos em alguns vídeos promocionais que circulam na internet, que o fundo musical das atividades do PAS (vide anexo com as letras das músicas) mostra músicas referentes à condição de se viver na favela e o que isso implica, com letras como a de Seu Jorge (a favela é um problema social) e outras com letras que remetem à missão religiosa também, as quais os membros atribuem à Associação Comunitária, como no Coral “dê o seu melhor/isso é o que Deus quer/faça alguém feliz/e alguém também fará por você...” e transmitem uma mensagem de que, fazendo a ‘sua parte’, Deus o abençoará e as mazelas serão um pouco esquecidas. É a impressão que se deseja propagar.

Marilena Chauí, em entrevista concedida à revista *Cult*, fala sobre o avanço das igrejas neopentecostais e como o neoliberalismo está implícito nas ações dessas instituições, que hoje são maioria no Salgueiro, e que ganham voz nos embates políticos no cenário nacional:

Uma das características do neoliberalismo é a maneira como ele concebe o indivíduo, que não é entendido nem como parte de uma classe social, nem como ser em formação que vai se relacionar com o restante da sociedade. O indivíduo não é pensado nem como átomo nem como classe, mas como um investimento. [...] As igrejas evangélicas se apropriam desse ideário e o desenvolvem por meio da teologia – a teologia da prosperidade, que considera cada indivíduo justamente como um investimento ou uma empresa. [...] Como se sabe, a maior parte das igrejas evangélicas possui franquias. Elas se espalham no campo da produção e do comércio e empregam todas as pessoas, fazendo com que elas provem que Deus as escolheu e que são um investimento rendoso. Pouco a pouco, as pessoas se apropriam da franquias; depois abrem outra e assim por diante. Há, portanto, um fenômeno de fortalecimento da ideologia neoliberal e das concepções conservadoras da classe média por meio da maneira como as igrejas evangélicas incorporam o neoliberalismo, com uma teologia para isso. (CHAUÍ, 2016, p. 10).

Há que se considerar o avanço das igrejas neopentecostais no Salgueiro, contudo, há que se distinguiam instituições religiosas evangélicas que não atuam nessa linha da prosperidade e lucro excessivo, onde as pessoas depositam sua fé e as praticam com sinceridade e sem dano ao próximo.

No Salgueiro, segundo Oliveira (2010), as igrejas evangélicas cumprem ainda o papel importante de se constituir como um espaço de sociabilidade para os pobres em um lugar com quase nenhum equipamento público de esporte, lazer e cultura.

A influência da experiência religiosa nos indica que o amor ao próximo é indicado em praticamente todas as falas, como objetivo do PAS. Freire (1979), também fala que o caminho para educação é o amor, é esse sentimento que impulsiona a libertação. Vejamos:

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação com medo. Nada se pode temer da educação quando se ama. (FREIRE, 1979, p. 29).

Nas palavras de um educador: “Jorge se preocupa com gente. O que importa pra ele é gente”. Lembra-se sempre o ensinamento bíblico: “Ama o teu próximo como a ti mesmo e a Deus sobre todas as coisas”. Entendemos que nesse caso, a religião motivou a busca por outros horizontes. O que não se podia fazer exclusivamente na igreja necessitava ser expandido para as ruas da comunidade.

Outra dimensão a se considerar é de que o PAS entende a cultura como uma forma mais ampla de possibilidade de socialização de sua comunidade, e que também, através da cultura, é possível encontrar elementos para pensar a realidade e intervir nela.

3.2.4 O PAS como agência de socialização

A solução para os problemas da comunidade estaria na produção de cultura popular. Fonte de sabedoria do próprio homem, que se faz no cotidiano com os seus parceiros e retornaria em favor da própria comunidade. Segundo Freire (2014):

Para este humanismo radical, amar não é um gesto, é um ato e um ato de libertação, que implica a comunhão dos sujeitos que amam e se amam. Por isto é que não é possível amor entre os antagônicos, como também aí está a razão pela qual se impõe a superação da contradição entre dominantes-dominados para que haja amor verdadeiro. E esta é a tarefa que este amor impõe aos segundos, uma vez que a libertação de uns e outros não pode ser feita a não ser por estes. A sua permanência aí, apesar de tudo, reflete esse ímpeto irrefreável de amar. (FREIRE, 2014, p. 342).

Os pilares para criação do PAS nos remeteram à Teologia da Libertação, que tem como seu maior representante Leonardo Boff, e à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, onde ideais fraternais levaram as pessoas a uma conscientização da realidade, e ao entendimento de como os sujeitos poderiam ser conscientes da opressão a que são impostos e buscar alternativas de libertação.

Reconhecer a condição de dominado e oprimido, e ter na religião uma forma de pensar que Deus não está afastado da História, mas crer Nele, configuram-se como reações com o potencial de indicar caminhos para que os homens sejam protagonistas, livrando-se das humilhações da vida terrena, e voltem a sonhar.

Nos comunicamos por meio da cultura, por meio da arte, com sentimento. Salgueiro é um lugar muito falado, mas pouco conhecido. Quando conhece geralmente se apaixonava. Temos tentado fazer alguma coisa junto, porque não conseguimos fazer nada sozinho. Cada um tem uma parcela de participação aqui. Esse projeto canaliza nessas crianças. Projeto Ver Se Vendo, temos que deixar atrás do nosso caminho um rastro e somos reconhecidos. Antes nós não tínhamos uma referência. Hoje nós temos registro, porque nós conhecemos e reconhecemos a comunidade através da cultura, da arte, através das pessoas que contaram a história dessa comunidade. Nesse dia é um marco no Salgueiro esse evento. Que Deus abençoe a vocês. Abençoe a volta de vocês. Deus abençoe vocês. (Fala de Jorge Canela no workshop de Atabaques).

Então PAS é excluir... cada um com um propósito de salvar alguém. Salvá-lo como? É fazer que com que ele se conscientize com a cultura do seu lugar, valorize o mesmo e que ele possa ser falado nos jornais através de um 3º grau, através de um algo que ele faça, uma dança que ele faça em outro país e é resgate. Pra mim é isso família, uma família resgatando uma família que não seja a dela. (Entrevistado 2).

Então basicamente o trabalho do Projeto PAS é esse e desenvolver atividade socioeducativa com crianças, adolescentes para que elas possam ter um lugar onde elas possam desenvolver atividade e crescer como cidadão e é desenvolver alguma atividade cultural né. A gente tem como Canela ensinou a obrigação de fazer sucessores pra pra que o Projeto possa ter essa continuidade. Hoje a gente tem essa dificuldade, mas a ideia principal do Projeto é continuar desenvolvendo essas atividades é...através da capoeira, vídeo e fotografia, futebol, teatro, cine club que a gente desenvolve, a quadrilha de salão que é uma marca do nosso Projeto. Então o Projeto trabalha com isso ah e que serve também de prevenção ao uso abusivo de drogas aqui na comunidade que é comunidade marcada por isso e essas. Esse público ele tá sempre nesse a situação de vulnerabilidade social, de risco social devido ao alto grau de criminalidade aqui na comunidade do Salgueiro nos bairros adjacentes. Eu acho que respondo assim o que é o trabalho no Projeto PAS, o que é o PAS e a nossa missão é dar sequência a esse trabalho. (Entrevistado 3).

O educador social é uma pessoa que tem uma habilidade específica. Ela pode ser graduada ou não. Ter uma faculdade ou não, mas que ela desenvolve uma habilidade específica, seja de boa índole e possa passar isso para gerações que tá vindo agora, pras crianças e adolescentes. (Entrevistado 3).

(...) aliado a isso tudo surge uma ocupação do tempo ocioso e a prevenção ao uso abusivo de drogas, com um jeito simples e que agrega valores que cada um tem onde o oficinairo ensina mais também aprende, ou seja, rola uma troca o tempo todo, onde todos crescem e o ver transcende só a atividade mais vira referência para outros que também estão desejosos de participar e aí você deixa de ver e passa a ser visto formando uma sucessão e uma continuidade ao projeto, nesse projeto a intenção é que todos que participam deem frutos... (Entrevistado 3).

Com certeza é... eu quando comecei a dar aula no Projeto PAS, eu já dava aula em outras escolas né escolas particulares, clubes, essas coisas assim e nunca tinha minha mente voltada ao social. Quando eu conheci o Jorge Canela minha mente mudou. E na necessidade eu tive que reinventar as minhas aulas né... as atividades até a parte da linguagem também. Porque tem uma diferença da linguagem que eu tinha em convívio com o pessoal do Rio de Janeiro né Niterói... e na minha comunidade eu não sabia falar a minha linguagem. Então o que eu aprendi com Jorge que se eu quero que as pessoas entendam o que eu tô falando eu tenho que estudar o que as pessoas falam também. (...) Bom... é... eu não vejo por esse lado, mesmo porque quem faz a capoeira, faz as outras atividades também... mas assim é... a capoeira ela não é só uma luta, um esporte né... A capoeira é uma educação, uma integração social como eu disse antes, mas também é a formação de... sociedade... [...] Você conhecer, se preparar pra conhecer o mundo lá fora. Mesma metodologia de ensino do Projeto PAS. (...) A gente acabou de citar aqui que a história da capoeira está entrelaçada com a História do Brasil né e falando de contribuição eu acho que ali...oficina, atividade se for colocar os pingos nos is, estamos dentro de um quilombo. É então assim, um quilombo todo mundo se ajuda porque ali é um quilombo. Como se fosse um time de futebol, um não gosta do outro, só torce pro mesmo time e o time não pode perder. Então assim é... acho que um ajuda o outro acaba ajudando um ao outro na área que ele exerce dentro do Projeto PAS. Elegantemente falando é claro. E uma área diferente, mas acaba ajudando o outro de outra área. (Entrevistado 5).

O PAS busca além desse ponto de partida, trabalhar com crianças e adolescentes atuando nas áreas culturais, sociais, pedagógicas e artísticas, permitindo novas possibilidades a esses pequenos, visando com isso seu desenvolvimento, o ampliar de seus conhecimentos e o alicerce de um futuro melhor. (...) O Educador Social é de extrema importância para o PAS, pois ele é o que “está na ponta”, compartilhando a filosofia do Projeto, recebendo a demanda, interagindo com todos, colocando em prática com as crianças e com os adolescentes aquilo que é pensado e idealizado como objetivo da proposta de trabalho da Associação. A formação se dá através de capacitações que acontecem na própria instituição diante dos temas que buscam unificar os objetivos gerais e as questões sociais e comportamentais que emergem nas atividades e na própria comunidade. (Entrevistado 6).

P.A.S. Um projeto sem fins lucrativos determinado a transferir carinho, educação, cultura e motivação com profissionais voluntários totalmente dedicados para integrar a criança, o adolescente e toda a comunidade. (Entrevistado 7).

Porque somos uma família. Amamos o que fazemos, todos envolvidos no P.A.S tem alguma história pra contar... Cada voluntário de socialização com sua turma, se envolve, se dedica. (Entrevistado 7).

Ser Dedicado, socializar, educar, transferir conhecimento, gerar oportunidade e aprender o que ensina. É superimportante o educador para o P.A.S pois ele motiva, socializa, conscientiza e além de tudo ele repõe uma parte do carinho nas crianças, adolescentes. Sim. Alguns são professores formados, e outros são totalmente qualificados pelas experiências, vivências da vida. (Entrevistado 7).

Aparece na fala dos educadores sociais, de forma recorrente, a palavra: socialização, além de citarem questões relacionadas a outras agências de socialização como a família e o tráfico de drogas, por exemplo. Eles demonstram uma crença forte na agência do PAS sobre os jovens e adolescentes do lugar e percebem que muitas vezes a própria escola local não consegue esse feito.

O PAS, nesses vinte anos, acabou por produzir formas de socialização que concorrem com as instituições educadoras governamentais existentes no bairro. A cultura mais uma vez foi o ponto de partida para a realização desta tarefa.

Também se percebe na fala dos educadores a manutenção da cultura afrodescendente como símbolo de luta e resistência, utilizando-se da figura de Zumbi e comparando o PAS a um quilombo. Observa-se que a oficina de capoeira é a que possui o maior número de atendidos, em diferentes idades. Podem-se ver sucessores que foram alunos e hoje são auxiliares do educador social, inclusive ministrando oficinas quando ele não pode estar presente, tanto na sede quanto na escola pública local parceira do projeto. Na capoeira e no jongo os alunos permanecem, e se presencia a renovação dos atendidos que são agregados a cada ano.

Segundo Thin (2006), as famílias de classes populares enfrentam mais dificuldades no processo de escolarização dos filhos do que aquelas oriundas das classes médias e altas. Isso ocorre devido à legitimação de um currículo na escola que não contempla a cultura trazida por esse grupo e as dificuldades que as crianças pobres enfrentam também não são consideradas. Tais como: falta de uma oferta de lazer no bairro, de equipamentos culturais, de recursos para comprar revistas, jornais, possuir assinaturas de TV fechada, de viajar, entre outras. Nesse sentido, ele diz:

A questão da socialização, da confrontação das lógicas populares e pedagógicas encontra-se no centro mesmo das relações, nas quais o que está em jogo é o conjunto das práticas socializadoras das famílias. Por intermédio dos alunos – comportamento, atenção, desatenção, adesão às regras da escola, tipo de vestuário, objeto de conversas em sala de aula etc. – os professores vão criando uma representação das práticas e do modo de vida das famílias. (THIN, 2006, p. 19).

Os meninos do Salgueiro, segundo Bourdieu (2008), são descapitalizados, pois não possuem o capital cultural que é exigido pela escola. Desta forma, o PAS pode contribuir com atividades culturais que socializam os jovens salgueirenses, mas não são oferecidas nas comunidades escolares.

Cabe ressaltar, que também percebi vários atendidos que se desenvolvem bem nas atividades culturais do PAS, mas que são excluídos em atividades e avaliações da escola. A forma escolar hegemônica (THIN, 2006) parece ainda não saber como aproveitar a cultura produzida no e pelo lugar.

Em os três estados de “capital cultural” de Bourdieu (2008) afirma que:

O capital cultural pode existir sob três formas: no *estado incorporado*, ou seja, sob a forma de *disposições duráveis do organismo*; no *estado objetivado*, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e enfim, no *estado institucionalizado*, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao *certificado escolar*, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2008, p. 74, grifos do autor).

De qualquer forma, ou seja, na exigência de qualquer um dos três ‘estados de capital cultural’, os meninos e meninas do Salgueiro são considerados descapitalizados pelo sistema de ensino e pela sociedade. E quando, no futuro, precisarem concorrer a uma vaga de emprego, por exemplo, há uma crença dos educadores entrevistados que as ações do PAS poderão ajudá-los.

Ainda que pensemos o PAS como uma agência de socialização no Salgueiro, existem outras. Há que se considerar que as instituições religiosas locais também cumprem importante papel nessa socialização. Além disso, elas oferecem atividades culturais e de lazer, são um espaço de produção de sociabilidade importante na localidade.

Conhecemos um projeto, de um ex-educador social do PAS, que atrai muitos meninos, com opções de jogos cooperativos, excursões, eventos sociais, palestras, que funciona na sua igreja local. Sob esse aspecto, a instituição religiosa, acaba por também formar culturalmente seus membros, e estabelecer um ponto de encontro onde as relações sociais também se constituam, mesmo que o façam por um viés ideológico que muitas vezes contribui para outros tipos de dominação.

3.2.5 Ausência do estado, sociedade civil, OSCIP e ONG

De acordo com o que foi pesquisado e encontrado nos documentos que oficializaram a criação do PAS, a ideia inicial foi preservada, assim como os objetivos, mas com o tempo os coordenadores tiveram que adequar o projeto a algumas especificações, para que pudessem concorrer aos editais de empresas públicas e privadas (vide anexos 5 e 6) e pleitearem prêmios que fossem revertidos para compra de equipamentos, alimentação das crianças e remuneração das atividades e oficinas.

Em entrevista concedida a Maria Andréia Loyola, Bourdieu (2002) fala sobre a transformação que o neoliberalismo provoca na organização das instituições nas últimas décadas. A retirada do Estado nas políticas sociais impõe, de certa forma, que as ações sejam realizadas através de outros atores, como as organizações da sociedade civil, pois atribui-se à sociedade civil o papel que o Estado deveria cumprir nessas localidades onde as políticas públicas efetivas não chegam.

Gohn (2013) fala sobre a transformação dos movimentos sociais nesse período, que para se adequarem à nova ordem social com o neoliberalismo, transformou algumas instituições em ONGs, para atender a editais em comunidades como o Salgueiro, com risco social e vulnerabilidade social. A ausência do Estado pode ser percebida na própria constituição da comunidade do Salgueiro, como observamos na entrevista abaixo:

(...) que foi com um conjunto habitacional que veio para esse lugar depois da extinta Guanabara quer dizer depois de fazer a ponte Rio-Niterói, as pessoas foram dispersas dessas favelas de Niterói e foram jogadas mais ou menos aqui sem nenhum acompanhamento social (...). (Entrevistado 2).

Sobre a busca de financiamento e as mudanças na captação de recursos do PAS, encontramos a seguinte resposta:

Você perguntou por que buscou financiamento de instituições públicas e privadas. É, a gente buscou o financiamento porque a gente queria já existia há algum tempo e queria oferecer atividade de qualidade, mas pra isso a gente precisava de recurso financeiro que a gente não tinha acesso e os recursos que a gente tinha era só do pessoal mesmo do Projeto e de alguns comerciantes locais que ajudam o Projeto. Então a gente buscou esse financiamento que a gente viu portas que se abriu através do edital. Primeiro a gente tentou regularizar a situação jurídica do Projeto e depois disso é depois desse período de cada edital que era aberto por estas instituições pública e privada a gente, tanto do Ministério da Cultura quanto do Itaú, que era o banco, né, é a gente se encaixou, se adequou ao edital deles e começamos a se inscrever, e graças a Deus, e fomos contemplados em algumas dessas editais que foram aberto. E eles serviram pra que a gente expandisse o nome do Projeto que, né, o Projeto ficasse conhecido e também que a gente adquirisse alguns materiais e recursos financeiros pra poder oferecer uma atividade de qualidade uma... é tanto nas oficinas de dança quanto no cinema... nas áreas que o Projeto atua. Até pra levar as atividades de qualidade pra rua. Eu acho que por isso a gente se inscreveu pra melhorar a qualidade é física do Projeto, né, em termo de equipamento tudo, e também pagar um up-grade na galera. Pra galera trabalhar com mais vontade e fazer as coisas fluir de forma que atenda melhor as pessoas que tava vindo fazer a oficina e atividade no Projeto. (Entrevistado 3).

No depoimento, é expresso um ajuste da Associação Comunitária para “enquadramento” nos editais, tanto do setor público como no privado. Sobre essa questão, Bourdieu (2002) afirma que:

Não sou um “poeta” da restauração do Estado a qualquer preço. Sabe-se que as burocracias carregam uma enorme possibilidade de vícios, mas é também claro que, quando o Estado se retira completamente, o que se tem é o gueto de Chicago tal como o evocamos em *A miséria do Mundo*: subúrbios problemáticos, onde não há mais escola nem trabalhadores sociais. O setor humanitário que não é Estado é composto de instâncias privadas orientadas por interesses privados, por pessoas que visam ao lucro privado e, que sabem muito bem se servir de subvenções mundiais para fazer valer seus interesses. Simplificando bastante as análises de Yves Dezalay, podemos dizer que os sujeitos brilhantes que saem de Harvard ou de Chicago têm dois caminhos: a via do FMI ou a vida das ONGs; são pessoas de origem social muito alta, cultas, que falam diversas línguas, que se aliam às populações locais um pouco marginalizadas do ponto de vista escolar, em geral, pessoas que deixaram os estudos, mas que têm capital social ligado às suas origens e, dessa forma, conseguem entrar em competição com o sistema escolar, condenado como arcaico, velho, enquanto que elas são modernas, têm métodos novos, etc. Não conheço bem a situação brasileira nesse ponto, portanto só posso falar de uma maneira abstrata e geral. (BOURDIEU, 2002, p. 30).

O que o trecho nos faz refletir sobre a retirada do Estado e a abertura para ONGs ligadas a setores privados, que utilizam dessa artimanha para lucrar em comunidades de risco social para que os editais sejam atendidos no Salgueiro. Outras ONGs recebem recursos dos Estados Unidos da América e países europeus para funcionar.

Ao observar a dinâmica da Associação Comunitária, vemos que ela realmente se transforma para atender aos editais, principalmente o do Itaú Social Unicef, com o qual o PAS foi premiado por duas vezes. Mas na fala do entrevistado fica claro que eles se adequam por uma questão de sobrevivência, qualificação e visibilidade do Projeto no cenário municipal, estadual e federal.

A preocupação maior é com: os equipamentos para melhoria das oficinas prestadas; a remuneração dos educadores sociais, visto que muitos não ganham nem a locomoção ao local do Projeto e se dedicam há muito tempo, muitos desde a fundação.

Além do financiamento privado, para se tornar Ponto de Cultura, buscaram-se recursos através da Secretaria do Estado de Cultura, e também foi preciso se ajustar ao edital, que fazia algumas exigências como o apoio técnico de um pedagogo. Inclusive o uso de atividades e oficinas também foi algo incorporado pelo edital. Segundo o presidente da associação, há diferença, para o Itaú, entre atividades de longa duração (o ano inteiro), como no caso da capoeira, e atividades de curta duração (3 meses), como o Vídeo & Fotografia, respectivamente Longa Atividade, curta e oficina.

Neste sentido, vemos que a política neoliberal atinge o global, mas também o local, como coloca Santos (2010). No próprio folder do PAS (no anexo 2), vê-se a menção à palavra ‘globalização’ como uma tentativa de ajustamento às novas políticas mundiais. Também no anexo 5, disponibilizamos o edital do Prêmio Itaú Unicef, onde isso fica mais claro.

No documento do Prêmio Itaú Social Unicef, do qual o PAS participou como concorrente, vemos exigências que praticamente obrigam as organizações da sociedade civil a se ajustarem aos requisitos necessários para disputar a premiação e alcançar fundos para a manutenção de suas ações.

Num trecho do edital vemos que, para concorrer, o PAS precisaria ter assento no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente do seu Município – providenciado algum tempo antes do edital; estar cadastrado legalmente como pessoa jurídica sem fins lucrativos; ter um estatuto; uma eleição de diretoria; bem como a parceria com uma escola pública local.

Todas essas ações foram realizadas saindo do mero voluntariado, como na formação de origem, e passando para um modelo que fosse competitivo no ‘mercado das premiações’.

Vejamos o trecho do edital:

Neste momento, serão solicitadas cópias dos seguintes documentos **das OSCs**:

- a. ato constitutivo (Estatuto) **da OSC e** eventuais alterações, devidamente formalizadas;
- b. ata da eleição da atual diretoria;
- c. comprovante de inscrição e regularidade no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (cartão do CNPJ);
- d. inscrição no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente ou, nos municípios onde não houver o referido Conselho, a apresentação de declaração escrita nesse sentido para a dispensa do documento.

Às **Escolas** parceiras serão solicitados os seguintes documentos:

- a. Regimento Interno da Escola Pública;
- b. Ato de nomeação do Diretor;
- c. o projeto político-pedagógico.

As **OSCs e Escolas** deverão apresentar a documentação citada anteriormente, no prazo determinado pela Comissão Organizadora por ocasião da solicitação.

A não apresentação da documentação conforme especificações e prazos estabelecidos acarretará a não continuidade do Projeto no processo seletivo do **Prêmio**. (Edital do Prêmio Itaú Social Unicef – 2015, grifos do Itaú).²⁹

Na primeira visita do técnico do Itaú à instituição, ele mencionou a necessidade de um pedagogo estar auxiliando os educadores sociais na realização das atividades. Mesmo se ajustando às exigências impostas pelo mercado, vimos que o PAS não perde sua essência e o que eles chamam de missão com a população do Salgueiro permanece.

A história do PAS também pode ser relacionada à Lei do Voluntariado de 1998.

Vejamos um trecho da lei:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.

Art. 2º O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.

Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário. (BRASIL, 1998).

²⁹ Disponível em: <<https://educacaoeparticipacao.org.br/premio-itaunicef-regulamento/>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

Segundo essa lei, haveria incentivo para que as pessoas se engajassem em atividades voluntárias com a finalidade de realizar atividades que são dever do Estado. A essência do projeto é o voluntariado e até hoje isso ainda é cultivado. Eles deixam claro que o desejo jamais foi que os educadores trabalhassem como voluntários indefinidamente. A preocupação de Jorge Canela era que o PAS tivesse sustentabilidade suficiente para pagar pelas oficinas. Isso só foi possível por algum tempo com o edital do Ponto de Cultura, onde havia, na grade de orçamento, um valor para pagamento dos oficineiros. As ideias de fazer bingos, almoços, e lançar produtos que pudessem ser comercializados e rendessem uma profissão para os jovens também foram tentativas de tornar o projeto autossustentável. Mas até hoje esse desejo não se efetivou na prática.

3.2.6 Educação popular e a pedagogia da margem

Diante das análises das entrevistas, o que indicamos é que o trabalho que o PAS vem desenvolvendo ao longo desses vinte anos pode ser caracterizado como um trabalho de educação popular, feito por meio de uma “pedagogia da margem” (STRECK, 2009). Na fala do presidente da Associação Comunitária, ele expressa que o PAS é o *Ver Se Vendo*, que é o Ponto de Cultura Ver Se Vendo, conquistado pelo edital da Secretaria de Estado de Cultura e que representa todas as atividades e oficinas do PAS. É o olhar no outro, nas possibilidades do outro as suas próprias possibilidades – “Quando em comunhão, eu olho o outro eu me vejo e esse reflexo coletivo dá significado ao trabalho da Associação”. Segundo ele, a intenção é dar espaço, vez e voz aos oprimidos pela violência do lugar. Espaço esse que seja de construção de cidadania e não apenas um ponto de encontro. Um lugar onde eles pudessem fazer atividades e ao mesmo tempo, produzissem uma Pedagogia da Margem (STRECK, 2009), pensando de forma a instituir aqueles que são esquecidos pelas políticas públicas, mas que também possuem direitos que lhes são negados pela estrutura de classes da sociedade contemporânea.

Segundo Freire (2014), a formação pela cultura liberta. A cultura é um veículo para que as pessoas se conheçam e se reconheçam nesse movimento do “Ver Se Vendo”, com o amor, comunhão e fé objetivando a transformação da comunidade em que vivem.

A questão do empoderamento de classe social envolve como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, de sua própria construção de cultura, se engaja para obter poder político. Isso faz do “empoderamento” muito mais do que um acontecimento, um evento, individual ou psicológico. Ele aponta para um processo político das classes dominadas que buscam sua própria liberdade da dominação, um longo processo histórico no qual a educação é apenas uma das faces. (FREIRE, 2014, p. 75).

Trabalha-se como o objetivo de dar significado a uma educação popular, que pode mudar trajetórias como as dos jovens moradores do Salgueiro e frequentadores do PAS. Para Garrido et al (2014):

A autenticidade, a criatividade nas novas formas de lutar e de fazer educação, tendo em vista que o compromisso da e na educação popular é a produção de saberes e de práticas emancipatórias e libertadoras, são características imprescindíveis. Daí que o diálogo, a participação e a pesquisa transformam-se em ferramentas indispensáveis para a atividade docente, sobretudo na defesa da *desmercantilização* da educação, situação política que vem repercutindo diretamente na história da educação e na luta dos movimentos populares pela justiça social. Em síntese, entende-se a educação popular como um processo de produção de conhecimento, voltado para liberdade e para a democracia, que se recusa ao autoritarismo, manipulação e ideologização reproduzidas na lógica da educação do mercado. (GARRIDO et al, 2014, p. 49).

Na Pedagogia do Oprimido, Freire (2005) nos aponta que o caminho para libertação seria através do amor e da transformação pelos sujeitos históricos que compõem a sociedade. É proposto um caminho de felicidade na Terra, quando os sujeitos utilizam o amor ao próximo como uma das suas ferramentas de ação. Os sujeitos se tornariam protagonistas e poderiam refletir sobre a sociedade e transformá-la num lugar melhor de convivência.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2005, p. 31).

Observo nas ações de Jorge Canela esse reconhecimento pela opressão vivenciada no bairro do Salgueiro, bem como no amor à comunidade e aos salgueirenses, a motivação de libertá-los da condição que lhes foi imposta, e fazer isso utilizando a cultura popular.

Ainda Freire nos ajuda a pensar sobre o papel do amor nesse resgate da solidariedade humana que encontramos na educação popular e na pedagogia da margem (STRECK, 2009) que eles constroem nas ações e no cotidiano das oficinas e atividades do PAS.

A luta é travada cotidianamente, e não é realizada a história sem embates.

Nesses vinte anos de história do PAS, alguns se perderam na criminalidade, com a possibilidade de descrédito na utopia de fazer um Salgueiro melhor, na desistência da luta pela criação de políticas públicas que não aconteceram, mas o PAS continuou de pé e vivo na comunidade. Outro ponto a ser observado é a diferença entre a relação de comprometimento demonstrada pelo educador social e o que acompanho diariamente nas escolas públicas da região. O olhar sobre a criança é um olhar de amor, de encorajamento e de solidariedade. Não quero dizer que os professores não tenham afetividade, mas na observação das oficinas e atividades no PAS, percebo que a relação é mais aprofundada. Inclusive com a família dos atendidos. Nos eventos do PAS, na rua, o que eles promovem, além de um dia de lazer e divulgação do trabalho com a comunidade, é um encontro entre famílias. Cabe considerar as péssimas condições de trabalho nas escolas públicas da região. Contudo, nas ações, o empoderamento de que falamos anteriormente fica nítido quando os educadores começam a participar de fóruns de cultura e levam os problemas do Salgueiro para outras esferas de políticas públicas como no Fórum de Cultura do Estado. Também observamos esse movimento quando o próprio Canela concorre a um assento no Conselho Municipal de direitos da Criança e Adolescência de São Gonçalo. Assimilando que a classe popular pode ter voz em esferas antes ocupadas somente pelos que detinham o conhecimento escolarizado.

As análises das entrevistas foram um momento essencial no processo de escrita da pesquisa. A observação por vários anos das ações do PAS, como formadora, não possibilitaram perceber a dimensão de como é visto o Projeto sob a perspectiva dos seus fundadores e dos educadores sociais. Algumas entrevistas foram fáceis de realizar pelo tempo de convivência com as pessoas, contudo, algumas se constituíram numa aventura, pois desprender tempo para ir à casa das pessoas, conciliar dias e horários em finais de semana e horários noturnos, fora do expediente de trabalho foi difícil. Não fosse a companhia do presidente da instituição me prestando auxílio nesses trajetos e horários perigosos, muitas entrevistas não teriam sido realizadas. A disponibilidade das pessoas em falar sobre o processo de construção da Associação nesses vinte anos foi o que me chamou atenção. O amor com que relatam o período de convivência com Jorge Canela, a certeza de um aprendizado que carregam na sua militância nas oficinas que ministram, foi sem dúvida um grande achado da pesquisa, fazendo entender a lógica do trabalho que vai muito além de se ensinar um ofício, um jogo, uma profissão, é o compromisso com o social em mudar uma realidade através das ações das pessoas. A observação das atividades foi muito significativa e participar das reuniões de planejamento com o grupo também, mas as entrevistas foram reveladoras do segredo da longevidade desse Projeto.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

...Jorge Canela... Jorge Canela... a gente pra falar de Canela – toda entrevista que eu dou pro Marquinho eu falo a mesma coisa. Tento não se emocionar porque quando fala Jorge Canela se torna uma coisa muito forte. Tem que lembrar de Canela com a razão porque se for pela emoção a gente não consegue falar. O Jorge Canela foi o cara que começou tudo com o idealismo dele dentro da comunidade e... com a maneira de falar, com o jeito dele acabava cativando as pessoas e fazia a gente enxergar nele um líder, um espelho né. Então Jorge Canela é isso: emoção, razão, muito mais emoção do que razão. Jorge Canela...

Entrevistado 6.

Inicialmente a intenção da pesquisa era a de pensar a relação dos movimentos sociais com a esfera pública por meio da observação de uma Associação Comunitária do Complexo do Salgueiro, região Metropolitana do município de São Gonçalo. Para isso seria investigada a trajetória de escolarização de cinco jovens que eram ou foram participantes do PAS. Pela limitação de tempo, tivemos que optar, de acordo com a sugestão da banca de qualificação, por investigar a história construída nesses vinte anos de existência desta instituição no bairro do Salgueiro, por meio de um estudo de caso.

O primeiro ano de atividades intensas no mestrado provocou certo distanciamento do campo de estudo da pesquisa, pela falta de tempo, visto que eu já atuava como gestora de escola pública parceira do PAS e formadora dos Educadores Sociais. Entendi, durante a pesquisa, que esse fator não atrapalharia a análise, ao contrário, auxiliaria nas entrevistas pela confiança estabelecida anteriormente. Busquei, à luz da teoria, entender a complexidade do meu objeto e perceber como sua dinâmica transformava o lugar.

Acreditamos que o trabalho poderá ajudar no alargamento do olhar sobre essa conexão que interliga os movimentos sociais e a escola, além de suscitar múltiplas questões que se desdobram desta realidade para estudos futuros, tais como: a relação entre educadores sociais e atendidos; a importância da inserção da cultura popular como fator de impedimento dos processos de reprodução social na escola pública; a gestão pública e os movimentos sociais; o papel da hegemonia sobre as classes populares; e o papel dos intelectuais orgânicos locais, entre outras temáticas.

A pesquisa nos fez refletir sobre a esfera pública e sobre a ausência das políticas na área da cultura para as classes populares. Nesse sentido, nos levou a pensar sobre o papel do Estado em localidades como o bairro do Salgueiro, no município de São Gonçalo, e como florescem instituições culturais em meio a esse contexto imposto. Cabe ressaltar que nem sempre essas instituições estão bem intencionadas.

Vislumbramos na Associação Comunitária estudada o resultado de uma conjunção social e política que leva a uma alternativa de esperança para um bairro esquecido por essas políticas públicas. Principalmente como alternativa de Educação Popular no local, não para concorrer com a escola pública, mas para potencializá-la.

Os pilares do PAS como: amor à comunidade, baseado no princípio bíblico de amor ao próximo e na missão de levar algo de bom a um bairro que não possui opções de esporte, lazer e cultura, transformaram a cultura local na sua principal ferramenta para conquistar a cidadania, possibilitando um resgate ao sentimento de ser salgueirense, ainda com todas as condições sociais adversas. Também pela simplicidade na busca por formar as novas gerações para uma opção de futuro distante da marginalidade e da violência que as cerca.

Com a experiência vivenciada no PAS, tanto do ponto de vista de gestora pública e de educadora voluntária na formação dos educadores sociais, quanto na qualidade de pesquisadora (onde me formei no percurso do mestrado), pude perceber que os laços estabelecidos no Projeto podem substituir os laços de outras agências de socialização que atuam na região, como o tráfico de drogas. O Projeto cumpre, na sociedade, um papel de substituição de uma tarefa que deveria ser do Estado, mas, se não o fizer, não há quem faça.

Convivi com Canela, o mentor do PAS, por quase dois anos, conhecendo as possibilidades da criatividade humana em meio a uma comunidade tão degradada pela violência, como o bairro do Salgueiro, e enxergava nele um visionário, que em meio a tanto caos, buscou construir uma pedagogia da margem (STRECK, 2009). Canela realizou o que Freire nos convida em toda sua obra: a ter esperança, a sonhar, a se conscientizar, mas

também transformar suas ações para intervir na sociedade política e socialmente, a buscar cidadania através da relação dialógica, formando e sendo formado pela cultura.

Penso que isso só é possível nas ações do PAS através do amor ao próximo e à comunidade, traduzido na produção de cultura e socialização dos atendidos, suas famílias e os indiretamente ligados ao Projeto. Quando o próprio criador do Projeto menciona nos vídeos que o salgueirense precisa tomar seu lugar na vida do bairro, amá-lo, cuidar dele e participar de cobranças por melhorias de políticas públicas que não chegam ao Salgueiro, ele mostra para os seus atendidos como a cultura instrumentaliza para a vida social e política.

Gramsci (1989) nos remete à figura do intelectual orgânico. Entendemos a figura desse mentor como esse líder, esse intelectual que leva sua comunidade a ocupar posições em seu bairro. No momento que lança um plano de desenvolvimento comunitário, no momento que propõe fóruns permanentes no Salgueiro com diversas lideranças da comunidade, quando atuou para auxiliar os desabrigados na enchente de 2010, ele faz esse papel de interlocutor perante as autoridades públicas do município, e convidou sucessores, para que também tomassem essa postura e ocupassem seu lugar futuramente.

Os eventos sempre mobilizaram toda uma comunidade, e chamavam atenção para um grito de socorro em suas ações, como o PAS na rua, em que comerciantes com doações, familiares e crianças ajeitaram o espaço da rua para as apresentações, educadores prepararam as comidas, a viúva organizou toda a produção do evento, o presidente convidando pessoas de fora da comunidade e que trabalhavam em outros espaços para somar com a cultura e o registro de todo evento pelos educadores do audiovisual, são sinais desse pedido, ou seja, que os registros guardassem a história e a memória do lugar.

Antes do PAS, onde estavam os registros da comunidade? Antes do PAS, onde estava a mobilização para as questões sociais que incomodavam pela falta de políticas públicas sociais e culturais? Antes do PAS, qual interlocução existia com as escolas públicas da região dialogando sobre a importância da cultura? A reconstrução da memória do lugar a partir do olhar de seus alunos através de suas histórias de vida acontecia?

Questões que nos levam a entender a relevância desta ação no Complexo do Salgueiro, em meio a tanta violência e ações culturais que na verdade intencionam o bem ao próximo, mas que coube a cultura a formação e transformação dos moradores daquela região.

Na memória, busco entender de onde vem tanta inspiração para tanta coragem de acreditar num sonho e persegui-lo até o fim dos seus dias, com um câncer que o levou prematuramente dessa vida. Canela responderia certamente que vem do Mestre Jesus, segundo ele, seu maior exemplo.

Mas, há que se atribuir essa atuação no local devido as suas vivências e contato como iluminador no IACS da UFF. Embora só tivesse a formação de ensino médio, vivia na universidade e desfrutava de relacionamentos com professores, alunos e personalidades da Cultura. Isso lhe conferiu uma formação e um olhar apurado para as possibilidades da cultura popular. E quem sabe, o ajudou a materializar tudo que gostaria de ver florescer culturalmente no Salgueiro. Suas ações demonstraram uma busca para que os salgueirenses também tivessem acesso a esse mundo. E se não poderiam sair do Salgueiro naquele momento, a cultura deveria vir até eles.

Vejo em Jorge Canela a personificação do que Gramsci chama do intelectual orgânico. Aquele que é formado no movimento social, que ao mesmo tempo em que é enraizado em seu grupo, também transita em outras esferas políticas, alcançando posições em busca de uma hegemonia.

Canela não deve ter dimensionado os impactos da sua ação como de um intelectual orgânico, acredito que ele se via mais como um militante da cultura, um missionário da religião, que buscava cumprir os mandamentos de Jesus, o que para ele era o essencial – “amor o próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas”.

Mas sua tarefa foi além disso. Foi pensar sua comunidade, resgatar a cultura perdida do lugar, olhar pessoas, conviver com elas, retirar o que de melhor elas possuíam, olhar o Salgueiro para além de um lugar de sofrimento e morte, mas de cultura e vida. Ele enxergou a beleza do lugar, numa paisagem manchada de sangue, como algum dos entrevistados descreveu o lugar.

Como Freire, Canela nos impulsionou a construir uma resistência contra-hegemônica à negação da cultura dos oprimidos, instrumentalizando, através do seu saber comunitário, uma comunidade inteira no sentido de ser capaz de pensar, ser sujeito e transformar o lugar onde vive. E que através da cultura vê uma possibilidade de articulação com a classe dominada. Quando Jorge estava em congressos, eventos culturais, com personalidades, artistas, ele sempre falava das possibilidades que essa articulação poderia dar para a comunidade.

Assim, podemos resumir as intenções do Projeto Amo Salgueiro em seu logotipo (no anexo 12), que é o coração onde está o significado do que representa esta Associação Comunitária para aquele bairro:

Coração significa o amor pela comunidade. A cor laranja as ruas da comunidade que eram de barro quando o Projeto foi fundado. A cor verde significa a riqueza das matas do Salgueiro e os animais que tinham lá e hoje estão extintos. Tem até um livro do Ponto de Cultura (2º ano) que fala sobre esse tema. A cor amarela significa

o sol que brilhará na comunidade quando ela renascer. O preto em volta do dezentro representa as pessoas da comunidade que se foram pelo tráfico. E as lideranças que não conseguiram lutar contra o tráfico e a violência e acabaram desistindo. O branco significa a paz na comunidade. O nome PAS também faz lembrar a paz na comunidade. (Educador Social da Associação Comunitária pesquisada).

Esse coração, além de ser a marca com a qual o PAS é reconhecido, ele representa muito mais: o amor, a fé no outro, a fé em Deus, a fé na vida, a esperança, a cobrança pelos direitos humanos e políticos também propagados na obra de Paulo Freire.

E quanto às músicas (como demonstra o anexo 11), sempre enredando os muitos vídeos que retratam a experiência desses 20 anos de trajetória cultural no Salgueiro, a que acredito ser a missão que eles encaram ter recebido de forma divina: “Dê o seu melhor/isso é o que Deus quer/faça alguém feliz/e alguém também fará por você”. As canções demonstram como a religião é acentuada nesse local e como influencia, também, na cultura do lugar. E como não tendo espaço suficiente na igreja, eles extrapolaram os muros dela e pesquisaram e trabalharam a cultura local como estratégia de superação das mazelas do cotidiano.

A segunda canção, fala da Favela: “A favela é um problema social/a favela é um problema social...”, e nesses versos eles problematizam sua situação perante todo o ideário do capital, que divide a sociedade em classes e impõe aos pobres condições de desigualdade para viver dignamente.

A terceira música é o Rap do Salgueiro, mostrando que nem tudo no Salgueiro é negatividade difundida nas páginas do jornal local, com violência e morte. Existem talentos escondidos na arte e na cultura. Existem bichos extintos. Existe um vulcão extinto. Existem pessoas para contar histórias do lugar. E por fim, fala:

Nós convidamos essa massa aí/Pra esquecer a velha cicatriz/E entoar bem forte essa canção/Soltar de vez a força da paixão/Nós convidamos essa massa aí/Pra defender as emoções reais/Plantar a paz para colher amor/Deixar crescer a flor de nossos ideais. (Velha Cicatriz – Paulinho da Viola).

Percebemos que há uma mensagem de esperança e de que é possível transformar a sociedade pela cultura, como bem propunha o mestre Paulo Freire, com uma Pedagogia da Margem. Uma pedagogia realizada através do diálogo, mas sob a lente do que foi excluído da sociedade e está à margem. Mas que possui uma história para contar, e um saber para compartilhar que pode e deve somar com outros saberes do mundo. Que inclui, agrega, e liberta. Que não deve concorrer com a escola, mas acolher aqueles que muitas vezes são expulsos dela por sua condição social e pelo processo de reprodução social.

Um dos principais achados dessa pesquisa é o fato de demonstrar que o PAS subsiste há tantos anos porque valoriza a cultura popular, divulga e propaga a memória do bairro para que seus moradores se reconheçam nela e a transformem por meio do conhecimento da realidade em que vivem. Que questionem, reflitam e sintetizem suas práticas e saberes, principalmente através do registro seja de áudio, vídeo, ou simplesmente nas mentes e repassem para as novas gerações.

Há uma preocupação no PAS em fazer sucessores. Isso significa que há uma preocupação em não deixar que a cultura popular se perca e caia no esquecimento. Vinte anos de história e vinte anos de luta e resistência às condições adversas do lugar, mas com uma proposta contra-hegemônica que diz: estamos aqui, não aceitamos a condição de oprimidos, podemos nos libertar pela cultura.

E por fim, essa pesquisa nos convoca a pensar no momento presente, quando assistimos a um cenário político difícil e uma conjuntura que nos impõe a reflexão e a ação. Pensar na quase extinção do Ministério da Cultura, no governo do presidente da República interino, pensar em como o país vê e valoriza a cultura e como projetos como o PAS e tantos outros que fomentam a cultura local poderão deixar de existir pela diminuição de recursos destinados à cultura. Como nesse cenário é possível combater o aumento da violência em locais como o Salgueiro sem ajuda da cultura popular?

Neste percurso, Bourdieu, Gramsci e Freire nos ajudaram a analisar a atuação do PAS nesta localidade, entendendo o papel primordial da produção de cultura popular nos espaços não formais de Educação, e fornecem chaves de leitura para explicar porque o PAS conseguiu construir uma história de vinte anos no Salgueiro.

Espero com esse estudo estimular a busca por reflexões futuras acerca destas temáticas e aprofundar outras questões que ela suscita em outros espaços acadêmicos, aprofundando mais a compreensão da dimensão política da Educação Popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 1, PP. 28-49, jan/jun: 2003.
- BELTRAME, José Mariano Benincá. Entrevista concedida ao Jornal Extra. Rio de Janeiro, 19 de maio de 2016.
- BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (Org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 99-114.
- BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.73-79.
- BORDIEU, Pierre. *Pierre Bordieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997b, p. 693-713.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997a, p. 1559-166.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. RJ: Editora Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro: EDPUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- BRASIL. *Lei 9.790*, de 23 de março de 1999. Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9790.htm>. Acesso em: 12 abr. 2014.
- BRENNER et al. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Branco (Org). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

BURITY, Joanildo. Identidade e Múltiplo pertencimento nas práticas associativas locais: Recife: Fundação Joaquim Nabuco. In: *Série Textos para Discussão*, nº 108, 2001.

CAMPOS, Andreilino. *Do Quilombo à Favela: a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro*. 2ª edição. Bertrand Brasil, 2007.

CARDOSO, Univaldo Coelho. *OSCIP: organização da sociedade civil de interesse público*. Univaldo Coelho Cardoso, Vânia Lúcia Nogueira Carneiro, Édna Rabêlo Quirino Rodrigues. – Brasília: Sebrae, 2014.

CARVALHO, Mônica Batista. A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura. In: *O Social em Questão*. Ano XVI, nº 29, 285-308, 2013.

CHAUÍ, Marilena. Sociedade brasileira: violência e autoritarismo por todos os lados. *Revista Cult*, São Paulo, fev. 2016, n. 209. Entrevista concedida a Juvenal Savian Filho e Laís Modelli. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/02/sociedade-brasileira-violencia-e-autoritarismo-por-todos-os-lados/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Lisboa: Edições de Base, 1978.

GAMBOA, Silvio Sánchez; SANTOS FILHO, José Camilo dos. (Org.). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. 5ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

GARRIDO, Selma (Org.). et al. *Educação Popular e Docência*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GOHN, Maria da Gloria. Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs. In: *Meta: Avaliação*. Rio de Janeiro, v.5, n.14, mai/ago, 2013.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. In: *Meta: Avaliação*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, pp. 28-43, jan/abr, 2009.

GOHN, Maria da Gloria. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

GRAMSCI, Antônio. *Escritos Políticos*. Vol. 1 e 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. O neoliberalismo e a redefinição das relações Estado-Sociedade. In: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). *O empresariamento da Educação*. Novos contornos do Ensino Superior no Brasil dos anos 1990. São Paulo: Xamã, 2002.

OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. Educação Popular e Juventudes em periferias urbanas: a escolarização dos jovens na linha de fogo. In: TAVARES, Maria Tereza Gourdard; ALVARENGA, Marcia Soares de; SILVA, Catia Antonia (Org.). *Educação Popular, movimentos sociais e formação de professores: os 50 anos do golpe militar de 1964 e a mobilização de inéditos viáveis no campo social e educativo*. 1ª edição. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. *Um outro mundo no mundo da escola: escolarização dos filhos de catadoras de um lixão na perspectiva das mães*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2010.

PAIVA, Angela Randolpho & BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Cartografia da ação social: Região Latino-Americana e novo desenvolvimento urbano. Relatório da Clacso, 2009. <Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/.../poggiese/14torres.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

RIBEIRO, Ladyane Gago. *A questão cultural enquanto formação humana: investigando os interesses em disputa nas políticas culturais da cidade de São Gonçalo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores, 2011.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz Ribeiro. et al. *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital. Observatório das Metrôpoles. IPPUR-UFRJ, 2010.

SADER, Eder. *Quando os novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SANTOS, Milton. O lugar e o cotidiano. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.2, n.34, jan/abr, 2007.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e os movimentos populares: uma leitura a partir do Caderno 25. In: *Gramsci e os Movimentos Populares*. 2ª edição. Rio de Janeiro: EDUFF, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda: a luta por Educação nos Movimentos Populares*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.

STRECK, Danilo. Uma pedagogia do movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. In: *Revista Educação Pública*. Cuiabá, v. 18, n. 36, p. 165-177, jan-abr, 2009.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Os “pequenos” e a cidade: O papel da escola na construção do direito à cidade. In: *Revista Tamoios*. Janeiro/ junho - Ano IV, nº 1, 2008. ISSN 1980- 4490.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Caminhos e descaminhos da educação paralela: um estudo sobre o cotidiano das creches e escolas comunitárias da favela da Maré*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1992.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 211-225, maio/ago. 2006.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: NEGRO, Luigi Antonio, SILVA, Sergio (Org.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOURAINÉ, Alain. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza (Org.). *Sociologia e Sociedade* (Leituras de introdução à Sociologia). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro das entrevistas:

- 1 – O que é o PAS?
- 2 – Quem foi Jorge Canela?
- 3 – Por que o PAS existe há 20 anos?
- 4 – O que é ser um educador social?
- 5 – O que é cultura?
- 6 – O PAS inclui os tachados de “diferentes”? Se sim, como?
- 7 – Por que o PAS buscou financiamento das iniciativas: pública e privada?
- 8 – Existe formação pedagógica no PAS? Se sim, ela contribui para sua prática? Como acontece?

ANEXO 2


Folder do PAS

No ano de 2010 o P.A.S, finalmente conseguiu reconhecimento do governo do Estado se tornando em janeiro o "PONTO DE CULTURA VER SE VENDENDO", onde são desenvolvidas várias atividades dentre as quais destacamos: Quadrilha de Salão, Capoeira e Jongo; e as oficinas de Artesanato, Teatro, Desenho, Dança de Rua, Vídeo & Fotografia, Cineclube e pesquisa e mapeamento do Salgueiro e entorno, que atendem cerca de 300 participantes.

Porém nesse mesmo ano perdemos nosso idealizador e coordenador Jorge Canela vítima de um câncer, em dezembro de 2010. Canela deixou um legado na comunidade, de valorização do ser humano e do seu papel na vida comunitária, independente da sua cor, sexo e religião, superando preconceitos e mostrando que é possível viver feliz e com qualidade de vida, mesmo com poucos recursos, como ele sempre dizia "o sorriso da criança é minha maior alegria" e "sucesso sem sucessor é fracasso".

Diante disso no dia 21 de Abril de 2011, reinauguramos nosso espaço como o nome de: Espaço Cultural Jorge Canela, com placa comemorativa a presença de todos os participantes do projeto, educadores, coordenadores e da sua família Esposa Lúcia e filhas Carolline e Jamille, todos que hoje compartilharam das alegrias e tristezas e que dão continuidade a este trabalho que faz a diferença na vida de cada morador e de cada criança e adolescente da comunidade, gerando sonhos e produzindo alegria, incentivando cada participante a ser um ser humano melhor diante de um mundo tão violento.

ESTAÇO CULTURAL
Jorge Canela




P. A. S
PROJETO AMO SALGUEIRO
São Gonçalo - RJ
Fundado em 1995

Salgueiro São Gonçalo - RJ

CEP 24475-010
Tel: 3710-1516

pamosalgueiro@bol.com
www.pas-projetoamosalgueiro.com
Rua Francisco José da Cunha, nº 170

"O sorriso da criança é minha maior alegria"



O Projeto Amo Salgueiro (PAS) foi criado em 1995 por Jorge Canela e sua esposa Lúcia Cruz. Eles reuniram um grupo de amigos moradores da comunidade em sua casa, com o objetivo de resgatar a identidade sócio-cultural dos moradores do bairro do Salgueiro, localizado no município de São Gonçalo – RJ.

Para alcançar seus propósitos, o PAS procura promover a aproximação de seus moradores, valorizando a vida comunitária. Para tanto, estimula e promove manifestações sócio-culturais, educativas e esportivas da comunidade como propostas fundamentais.

O levantamento histórico do bairro foi o primeiro passo de sua jornada. A produção de um vídeo com o tema: "Mostrando o Salgueiro que o Salgueirense não conhece" foi resultado de um trabalho que permitiu a comunidade ver e se ver de uma forma diferenciada. Inicialmente pensou-se em produzir 4 (quatro) fitas, mas surpreendentes histórias surgiram, resultando em 50 horas de filmagens, realizadas no prazo de dois anos, nascia ali o VER SE VENDENDO, que mais tarde se tornaria Ponto de Cultura.

A história do bairro do Salgueiro compreende dois tempos distintos. A origem e o nome do bairro vêm de Artur da Silva Salgueiro, o qual se instalou nessas terras, desde os idos de 1928, plantando e vendendo seus produtos, também para a Ilha de Paquetá, na Baía de Guanabara.

O segundo momento inicia-se, em 1973, com a construção pela CEHAB de um conjunto habitacional de 710 casas. A finalidade era abrigar os moradores retirados devido à fusão, de diversas favelas de Niterói.

Com o passar dos tempos trouxe como resultado uma junção de diferentes bagagens culturais. A mistura de diversas manifestações religiosas, musicais (samba, soul, funk e forró) e esportivas, acabaram por gerar um povo guerreiro e simpático, bom de papo e bom de bola, hospitaleiro e transbordando em cultura.

"O povo que conhece seu passado vive melhor seu presente"



ANEXO 3

Entrevistas na íntegra

Depoimento 1

Como o PAS surgiu?

O PAS surgiu pra é levantar a estima das pessoas que viviam no Salgueiro. A gente passou por um momento no bairro muito difícil e ran a gente tinha Jamille pequenininha e ai a gente enfrentou um problema, Jorge e um amigo no portão, em que eles viram a luz de um laser em cima deles. Ai Fabiano virou pra Jorge e falou assim: Jorge você já viu? Já vi fica aí parado e aí eles ficaram ali em oração, os dois evangélicos e a boca de fumo tava parada no nosso praticamente no nosso portão e no dia seguinte a gente decidiu que ia sair do Salgueiro e a gente já tava praticamente com a nossa casa já tinha uma pessoa para comprar nossa casa. Mais um dia ele sentado na varanda ele... passou uma revoada de pássaros e ele sentiu claramente Deus falando ao coração dele. Olha você não vai sair. Você não vai vender a sua casa. E você vai fazer, vai mudar a ideia daquelas pessoas que querem sair daqui você vai mudar a cabeça delas pra elas ficarem. E aí começou a surgir o Projeto PAS ele começou a descobrir, a garimpar o Salgueiro como ele falava. E começou a filmar. Como ele tinha facilidade de conseguir os equipamentos na UFF ele começou a filmar aqui dentro. Só que era um momento muito difícil que não era qualquer pessoa que poderia filmar aqui dentro porque era um momento que é a comunidade tava vivendo uma pressão muito grande do tráfico onde pessoas eram mortas. A cabeça era encontrada separada do corpo e o Jorge pelo temor que ele tinha a Deus e foi Deus que protegeu ele e a equipe que foi surgindo naquela época ele conseguiu filmar no bairro pra fazer o vídeo “Mostrando ao salgueirense o Salgueiro que ele não conhece”. E aí foi o pontapé do Projeto ne e foi e quando esse vídeo foi passado foi o dia que a boca paro. Não teve venda de droga porque os rapaziada tava junto ali vendo o vídeo todo mundo queria ver o que que tava sendo passado. E daí começou a surgir o Projeto ne. É se descobriu os artistas que tinham no bairro; começou a se fazer o levantamento histórico do bairro. Como é que o Salgueiro surgiu e começou a agregar também as crianças; começou a chegar os voluntários né na área do futebol que foi o Mão. Depois o Beto e o Zé Roberto vieram trazendo a quadrilha e assim foi iniciando o Projeto.

Quem foi Jorge Canela?

Jorge Canela cara um apaixonado por Jesus e uma pessoa que não se prendeu as quatro paredes da igreja. Ele queria muito mais...ele queria salvar essas crianças aí, mas ele dizia que a cultura era um braço redentor... é... de Jesus né. A cultura podia... Jesus como é que é? Jesus salva e a Cultura liberta ele criou até um projeto em cima disso. Ih ele começou a levar a parte social pra dentro da igreja, mas a igreja não entendeu muito né. Não entendia muito o que ele queria o que ele queria fazer e foi rejeitando um pouco. Por isso surgiu o Projeto PAS porque aqui ele podia ter diversas atividades. Na época a gente não tinha, como hoje também não tem muita coisa assim em termo assim de lanche, essas coisas pra oferecer por falta de dinheiro, mas na época a gente não tinha nem um banheiro bom, nem uma quadra, um chão, porque era chão de terra, e a gente agregava criança, as crianças chegavam pra brincar, pra fazer atividade né e ele se sentia muito feliz com as crianças

brincando. É... sabia que é muitos muitas casas praticamente não têm quintais então as crianças se refugiam no Projeto. Mas Jorge era uma pessoa assim que não media esforços pro ser humano. Ele dizia que preferia se preocupar com pessoas do que com coisas. As coisas estragavam né, ele não queria nem saber, mas pessoa ele dedicava um tempo né. Ele era um, um líder comunitário, mas era também um amigo, o pastor. Era a pessoa...A pessoa podia bater aqui em casa qualquer hora que fosse que ele tava disposto a ouvir. Se uma pessoa viesse pedir socorro qualquer hora ele levantava, ele podia ter acabado de chegar. Ele não fazia cara feia. Ele saía no maior prazer, ele não pedia gasolina. Ele ferrava o carro todo pra socorrer uma pessoa que tava morrendo dentro do carro. Quantas vezes na época que a gente teve o primeiro carro e depois o segundo, as pessoas aqui em volta não tinham carro então nosso carro era a ambulância. Hoje não, hoje têm muitos. Você pode escolher, mas naquela época e Jorge sempre foi muito prestativo, em tudo.

Depoimento 2

Meu nome é Beto Pas. Eu estou aqui no projeto desde 2000. Eu faço parte da administração do projeto. Então eu to aqui nesse desde 2000 e hoje se encontro na função de administração e o projeto na verdade surgiu em duas fases: a primeira era resgatar a identidade da comunidade. Fizemos isso através de um vídeo documentário sabendo a história da mesma. E logo após, é, foi, assim depois do resgate da comunidade com essa finalidade, quer dizer a finalidade do projeto na verdade foi resgatar a auto estima da comunidade através da família, da sua história. Então assim família pra pro projeto que é um projeto sócio cultural educativo e que agrega valores, quer dizer trazer à tona todos os atores da comunidade. Descobrir quem são eles, trazer eles e completar essa família. Família essa que não é só do projeto, família essa que sou todas que adentram esse espaço. Então o projeto, a finalidade é esse resgate, educação e cultura, tá através de tudo é preservar a cultura do nosso país e da comunidade que foi com um conjunto habitacional que veio para esse lugar depois da extinta Guanabara quer dizer depois de fazer a ponte Rio-Niterói as pessoas foram dispersas dessas favelas de Niterói e foram jogadas mais ou menos aqui sem nenhum acompanhamento social e assim foi feito essas bagagens culturais que as pessoas vem trazendo da onde moravam se misturou aqui e se criou a outra cultura ne nesse tempo. Então ficou uma comunidade boa de morar e hoje a gente tamos aqui. Eu to aqui desde 74 e se deixamos levar essa comunidade por lideranças que não moravam aqui. Então as lideranças antigas foram morrendo e não fizeram sucessores. E os pára-quadistas vieram aqui e na verdade a comunidade hoje tava meio que jogada. Não tinha uma praça onde as crianças brincar, brincava na rua quer dizer o mal se instalou porque o bem também não prosperou. Então aqui o projeto é isso a gente permanecer fazendo o bem para que as pessoas que ainda não entendem que fazer o bem é bom compartilhar com isso sem influência do mal.

Depoimento 2

PAS pra mim...Bom PAS. A palavra PAS é o Projeto Amo Salgueiro, além disso é ela pra mim ela representa família. Uma família que é que está empenhada para salvar os seus. Então PAS é excluir... cada um com um propósito de salvar alguém. Salvá-lo como? É fazer que com que ele se conscientize com a cultura do seu lugar, valorize o mesmo e que ele possa ser falado nos jornais através de um 3º grau, através de um algo que ele faça, uma dança que ele faça em outro país e é resgate. Pra mim é isso família, uma família resgatando uma família que não seja a dela.

Depoimento 3

O que é o PAS?

Bom vamos lá o que que é o PAS pra mim? O Projeto PAS é um projeto sócio cultural e educativo que foi fundado por Lúcia e Jorge Luiz da Silva Cruz, o Canela em 1995 com o intuito de resgatar a estima e a identidade da comunidade do Salgueiro. Esse trabalho foi feito através de vídeo que resgatou a história do nome do bairro e levou isso para as ruas da comunidade num show de Claudinho e Buchecha que eram pessoas da nossa comunidade que de representatividade e num show deles é tudo organizado pelo Projeto PAS a gente trouxe esse arquivo, essa memória da história da comunidade para que a comunidade pudesse conhecer e ser conhecida através daquele vídeo né. Pudessem ver e se ver naquele vídeo. Então o Projeto PAS começou em 1995 trabalhar esse vídeo. O nome desse vídeo é “Mostrando o Salgueirense o Salgueiro que ele não conhece”. Onde ele pôde conhecer um monte de personalidades. Não só o Claudinho e Buchecha, mas um monte de pessoas que estavam ocultas que a comunidade não conhecia e o Projeto PAS fez esse resgate. Então basicamente o trabalho do Projeto PAS é esse e desenvolver atividade sócio educativa com crianças, adolescentes para que elas possam ter um lugar onde elas possam desenvolver atividade e crescer como cidadão e é desenvolver alguma atividade cultural ne. A gente tem como Canela ensinou a obrigação de fazer sucessores pra pra que o Projeto possa ter essa continuidade. Hoje a gente tem essa dificuldade mas a ideia principal do Projeto é continuar desenvolvendo essas atividades é...através da capoeira, vídeo e fotografia, futebol, teatro, cine club que a gente desenvolve, a quadrilha de salão que é uma marca do nosso Projeto. Então o Projeto trabalha com isso ah e que serve também de prevenção ao uso abusivo de drogas aqui na comunidade que é comunidade marcada por isso e essas. Esse público ele tá sempre nesse a situação de vulnerabilidade social, de risco social devido ao alto grau de criminalidade aqui na comunidade do Salgueiro nos bairros adjacentes. Eu acho que respondo assim o que é o trabalho no Projeto PAS, o que é o PAS e a nossa missão é dar sequência a esse trabalho.

Quem foi Jorge Canela?

Bom agora difícil falar, responder essa pergunta quem foi Canela...é Jorge Canela para mim antes de mais nada ele foi um professor, um mestre, um pastor, é um pai, um amigo. Ele além de fundador do Projeto a gente já se conhecia antes. Tivemos o privilégio de se conhecer na Igreja Batista do Salgueiro e lá ele foi meu professor e eu era adolescente na época e tudo que eu tenho de identificação com a comunidade do Salgueiro eu devo a Jorge Canela que era um morador da comunidade. Era um morador da comunidade e... que teve essa visão de tentar, de desenvolver esse trabalho mesmo sendo criticado por todas as instituições religiosas em desenvolver, mexer a cultura do bairro. Ele avançou, ele não parou. Ele deu sequência a esse trabalho e nos fez vislumbrar que é possível a gente desenvolver algum trabalho social e de nível eclesial fora das paredes da igreja. E acho que a missão dele era essa: era divulgar que é possível viver um evangelho fora das paredes da Igreja e sem abandonar a ordenança do Mestre Jesus de ir pregar o evangelho a toda criatura. Eu acho que apesar do Projeto PAS não levantar uma bandeira, uma bandeira de nenhuma religião, anela me ensinou que às vezes o testemunho é o melhor exemplo, e uma forma de você tá fazendo isso é através do Projeto e hoje e fico com essa marca, essa lembrança que ele deixou e tudo que é necessário pra gente poder dar sequência a esse trabalho que a gente desenvolve na comunidade. Acho que pai, amigo, pastor, acho que tudo isso tá colocado dentro de uma pessoa, sem contar que é a memória, a memória do Salgueiro né foi ele que criou, ele que desenvolveu. Se o Salgueiro tem uma história pra contar é graças a Jorge Luiz da Silva Cruz, o Canela. Porque ele que buscou essa história. Ele que buscou o porquê do nome. Ele que fez esse trabalho e e salve Jorge. É isso aí.

O que é um educador social pra você?

Bem o educador, é tem várias formas da gente ver e responder essa pergunta. Eu vou responder dentro daquilo que vejo e que entendo. Eu acho que é uma pessoa que tem da nossa...não necessariamente da nossa comunidade, mas como 90% das pessoas que trabalham no Projeto são da nossa comunidade e devido à carência financeira do Projeto pra tá é pagando algum educador; eu quero falar que o educador social é uma pessoa que tem uma habilidade específica. Ela pode ser graduada ou não. Ter uma faculdade ou não, mas que ela desenvolve uma habilidade específica, seja de boa índole e possa passar isso para gerações que tá vindo agora, pras crianças e adolescentes. Eu acho que uma pessoa que tenha uma habilidade específica no artesanato, e tem a capacidade de tá tá trabalhando com isso com a criança com o teatro. E ela pode tá fazendo isso com as crianças fazendo com que elas possam crescer através da arte e da cultura e da história da comunidade. Acho que o bom de ser da comunidade é que tem essa identidade com as pessoas da comunidade, com as crianças da comunidade, e sabe dessa situação que a gente vive e o educador social ele tenta transmitir isso através da arte que ele desenvolve que pode ser a dança, é...o artesanato que eu falei e todas as outras atividades que fazem parte do rol de atividades que o Projeto desenvolve. No fundo, no fundo, é uma forma de você tá trabalhando o tempo dessa criança, esse tempo ocioso. Desse adolescente fazendo com que ele possa tá ocupando esse tempo com uma atividade lúdica, expressiva e que vai servir de estímulo que outras pessoas possam tá participando também. Eu acho que é a ponta da, a ponta do da linha ne...eles estão de frente com esse grupo. Eu acho que é um papel preponderante, um papel importante. E é necessário a gente sempre a gente tá avaliando as pessoas que estão fazendo esse trabalho porque faz parte do desenvolver da história do Projeto e tem pessoas de boa índole que tenham essa responsabilidade e que possam desenvolver um trabalho social agradável para as crianças. Mas do que passar uma atividade... mas que possam ter um carinho e possam ter o comprometimento e o cuidado com essas crianças. Acho que é o papel do educador social e que acho que a gente tenta desenvolver hoje através deles.

Por que o PAS continua há 20 anos no Salgueiro?

O PAS continua há 20 anos, hoje eu posso falar que dando uma sequência com muitas dificuldades porque ainda até hoje nesses 20 anos. Ainda tá esquecido esse grupo. O poder público não tem um trabalho específico para esse grupo é ainda continuamos perdendo meninas e meninos pro tráfico de drogas e acho que esse trabalho ele vai dar sequência enquanto a gente tiver força; enquanto a gente pode e enquanto a gente achar que vale a pena dar sequência a esse trabalho. Acho que a história do Projeto diz que a gente tem que fazer esse trabalho. Diz que é um trabalho que tem que ser desenvolvido por pra que nossa comunidade tenha uma válvula de escape, uma esperança que não seja só dentro de quatro paredes eclesiais. Acho que tem que ter alguma atividade fora que não envolva o tráfico de drogas nem a religião. Acho que o Projeto PAS é essa ponte. Essa essa esse lacuna que faz com que as pessoas possam estar olhando pra gente. Acho que falta um pouco mais de esforço nosso pra que esse trabalho seja melhor e mais desenvolvido. Acho que o Projeto PAS continua por causa disso. Porque ainda até hoje as dificuldades ao longo desses 20 anos continua as mesmas e falta ainda nesse trabalho pra ser desenvolvido que infelizmente não tem outro caminho nem outra instituição hoje na comunidade que pensa fora de igreja, fora de político e fora de criminalidade dentre do Salgueiro, entendeu? Acho que o Projeto PAS segue 20 anos desenvolve essa estima que toda hora é destruída através das máculas do sangue ne, que é derramado através das facções tanto do lado da polícia quanto do lado do tráfico e também da Igreja. Eu acho que a gente é uma oportunidade que a pessoa, que a mãe, que o pai, que a criança tá desenvolvendo uma coisa boa dentro de uma comunidade manchada. Por isso que a gente continua nesse trabalho. Por isso que a gente luta para tentar manter esse trabalho. Agora é difícil. Valeu?

Qual a diferença entre atividades e oficinas?

Atividades duram o ano inteiro. Ex.: Capoeira, Cine. Oficina na linguagem dos editais tem espaço curto. Ex.: artesanato, vídeo & fotografia. Geralmente 3 meses com um produto final.

Por que o PAS recorreu aos financiamentos?

Bom, vamo lá. Você perguntou por que buscou financiamento de instituições públicas e privadas. É a gente buscou o financiamento porque a gente queria já existia há algum tempo e queria oferecer atividade de qualidade mais pra isso a gente precisava de recurso financeiro que a gente não tinha acesso e os recursos que a gente tinha era só do pessoal mesmo do Projeto e de alguns comerciantes locais que ajudam o Projeto. Então a gente buscou esse financiamento que a gente viu portas que se abriu através do edital. Primeiro a gente tentou regularizar a situação jurídica do Projeto e depois disso é depois desse período de cada edital que era aberto por estas instituições pública e privada a gente tanto do Ministério da Cultura quanto do Itaú que era o banco né é a gente se encaixou, se adequou ao edital deles e começamos a se inscrever e graças a Deus e fomos contemplados em algumas dessas desses editais que foram aberto. E eles serviram pra que a gente expandisse o nome do Projeto que né o Projeto ficasse conhecido e também que a gente adquirisse alguns materiais e recursos financeiros pra poder oferecer uma atividade de qualidade uma...é tanto nas oficinas de dança quanto no cinema...nas áreas que o Projeto atua. Até pra levar as atividades de qualidade pra rua. Eu acho que por isso a gente se inscreveu pra melhorar a qualidade é física do Projeto né em termo de equipamento tudo e também pagar um up-grade na galera. Pra galera trabalhar com mais vontade e fazer as coisas fluir de forma que atenda melhor as pessoas que tava vindo fazer a oficina e atividade no Projeto.

O que a atividade/oficina objetiva fazer para o atendido do Projeto?

E ih vamo lá, você perguntou aqui o que uma oficina e atividade objetiva levar para o atendido do Projeto. A intenção é poder agregar né Rejane. Pela comunidade que a gente vive é complicado deixar uma criança ou um adolescente refém daquilo que a gente vive hoje no momento e desde 95 que na comunidade o tráfico tem cooptado essa galera e as meninas têm se perdido também engravidando muito cedo. Então primeiro é apresentar uma oportunidade pras crianças de tá fazendo uma atividade. De tá tendo acesso a cultura e a outros lugares que cada oficina e atividade leva fora do Salgueiro conhecendo outros lugares. Que tem criança que não sai do Salgueiro. Primeiro conhecer um pouco da história do Salgueiro, conhecer quem foi o Canela, o fundador do Projeto e também proporcionar um uma atividade lúdica, um lazer com um viés de educação, educativo né. Tentar levar alguma coisa de educativo, educação pra essas crianças com intuito d ser lugares que elas vão tá desenvolvendo a sua parte cultural como também a sua parte de conhecimento do mundo. Porque fica só na comunidade também é não gera nenhum crescimento que possa desenvolver como cidadã e que possam sair dessa atividade como cidadã de bem.

Vocês agregam os ditos “diferentes” da comunidade?

Se a gente agrega os diferentes? A gente agrega sim. A gente tem o Cutinho que é portador de Síndrome de Down. Tem gente lá que é diferente no sentido de opção sexual, então a gente tenta agregar todo mundo é porque a gente acha que é nos grupos de da comunidade, da Igreja e outros a gente acha que tem essa exclusão. A gente prefere não fazer trabalhar assim. Agregar todos. Inclusive até na questão de dar aula, o oficineiro né. Até a pessoa que vai dar aula a gente tenta colocar de igual pra todo mundo possa tá aceitando tudo e todo, entendeu? Respeitando a opção e o credo religioso de cada um, a cor. Acho que isso faz diferença sim e a gente cresce com o grupo e num todo.

Qual a importância da Formação para os educadores? A que eles trazem e a que o Projeto faz?

Você pergunta também a questão da Formação lá dos oficinairos o que é bom. A formação é bom porque cada oficinairo traz a sua cultura, a atividade que ele desenvolve e a dificuldade que ele tem é em aplicar ela pra diferentes grupos e aí eu conto com ajuda da Pedagogia do Projeto que possa transpor pegar essa galera aí as ideias delas e a ideia deles e transformar numa forma lúdica, prática que vai agregar todo mundo e facilita aí o desenvolvimento da atividade acho que a formação ajuda nisso e também na dificuldade do professor em lidar com o aluno. Se tiver uma pessoa, um profissional com seu conhecimento melhor em cada aluno específico, ela vai poder tá orientando em como em como o oficinairo vai lidar com cada criança em cada particularidade dela, entendeu? Eu acho que a formação a intenção é ajudar a isso e também apresentar o Projeto pro oficinairo que tá chegando e qual a intenção do Projeto com as crianças pra poder é ele caminhar bem na atividade que ele desenvolve e procurar contextualizar isso pra atividade dele.

O que é o Ver Se Vendo?

No meu entendimento o ver se vendo é um projeto que surgiu depois que o P.A.S terminou o vídeo Mostrando o Salgueiro que o salgueirense não conhece, uma vez que, não só descobrimos a história da comunidade, mais as diferentes bagagem culturais dos moradores da mesma. Então vendo isso e a necessidade de influenciar de forma positiva a geração mais nova (crianças, adolescentes e jovens) surgiu o Ver se Vendo que levou esses cidadãos simples mais com sua vivência e cultura que saltavam os olhos a desenvolver dentro da sua área oficinas e atividades que levassem essa geração há não só ver, mas desejar fazer aquilo que estava sendo apresentado, aliado à isso tudo surge uma ocupação do tempo ocioso e a prevenção ao uso abusivo de drogas, com um jeito simples e que agrega valores que cada um tem onde o oficinairo ensina mais também aprende, ou seja, rola uma troca o tempo todo, onde todos crescem e o ver transcende só a atividade mais vira referência para outros que também estão desejosos de participar e aí você deixa de ver e passa a ser visto formando uma sucessão e uma continuidade ao projeto , nesse projeto a intenção é que todos que participam dêem frutos . Bem tentei explicar de forma diferente, não sei se deu pra pegar Rejane, se tiver faltando algo me questione que eu respondo.

Depoimento 4

O que é o PAS?

Bom, primeiro é boa tarde Regiane. O, o Projeto PAS que é Projeto Amo Salgueiro né que foi criado com um primeiro objetivo de resgatar o nome Salgueiro que se perdeu ao longo do tempo. É então as pessoas tinham um preconceito de falar que moravam no Salgueiro, que vivia no Salgueiro. Então, Jorge também achou essa necessidade de criar, e Jorge ia até sair do Salgueiro mas ele recebeu assim de Deus né pra ficar e fazer fazer a diferença foi aí que veio a quadrilha e as outras atividades, mas o primeiro objetivo do Projeto foi resgatar o nome e a cultura da comunidade que tava se perdendo.

Quem foi Jorge Canela?

Ah Jorge Canela foi além de ser um pai, de ser um amigo né das pessoas. Ele foi um grande líder comunitário né. E chegou a assustar as pessoas por causa do pensamento dele de sempre avançado de 10 anos e assustou também alguns líderes religioso né por ele pensar de uma forma diferente né. Era uma coisa assim pô quem é esse cara? Então isso assustou, mas Jorge ele conhecia. Jorge foi um grande amigo, era um psiquiatra da gente. Ele sabia agregar as pessoas. Jorge, sabia, Jorge conhecia o defeito de cada um e o acerto de cada um. Ele conversava diferente de como conversava com Torão. Ele sabia lidar com essas pessoas então pra mim Jorge além de ser um grande amigo, ele foi pai, foi educador social, foi pastor. Jorge ele é. Jorge conseguiu ser. Jorge conseguiu unir pessoas muito diferentes pra trabalhar dentro de um lugar né que não tinha visão de grana. Ele conseguiu unir 30 ou mais pessoas de uma forma muito simpres né e Jorge era um cara que falava muito, conversava muito e isso agregava. E Jorge agregou as pessoas e as pessoas se sentia bem com Jorge. Tinha uns que não mas Jorge pra mim foi um grande homem. Dentro disso tudo aí pai-filho, pai-irmão, amigo, educador, professor, é...pastor, líder e é isso.

O que é ser um educador social?

Primeiro é... educador social é trabalhar com amor né. E uma coisa que eu aprendi muito é... ensinado pelo Jorge , é fazer aquilo que você gosta é fazer aquilo que é... você gostar e ensinar né...é poder ensinar uma pessoa, poder educar é aprender com aquilo é é e ser educador social é você ter lá seu tempo de... eu acho que você aprende muito mais do que você ensina e principalmente é fazer as coisas com amor. É...não precisamos de diploma, não precisamos de de de tempo de coisa para ta fazer alguma coisa. O educador social ele faz pela experiência que ele tem, pela vivência que ele tem é e não porque ele é apto por fazer aquilo pelo um mérito que ganhou de um estudo, mas sim pelo que viveu, pelo que ele passou. Se ele teve uma boa educação isso pode passa pra uma pessoa e se torna educador social claro fazendo com carinho.

Por que o PAS existe há 20 anos e se mantém no Salgueiro?

Bom, porque na verdade a gente, o PAS ele viveu 20 anos por primeiramente é cada um que se depois que Jorge faleceu que ficamos aí com a equipe reduzida mas o que move a gente hoje é é muito daquilo que Jorge cativou em cada um. Cada um tem um sentimento diferente pelo Projeto e o seguinte se a gente se morrer o Projeto hoje todo sonho, toda luta que Jorge fez vai se perder e a gente não quer isso. A gente quer pelo carinho que Jorge sempre teve com a gente, por todos os momentos, é por todos os momentos de dor e mais odo os momentos de felicidade também com Jorge. Eu acho a gente tem que passar esses momentos pras crianças aqui também. E é isso o Canela ele é ...e também tem mais né...é o seguinte é é eu acredito que Deus deu isso aqui pro Jorge. Então Deus quer que a gente continue. Deus tá dando essa é como se fosse um grupo diferente. Se fosse outras pessoas isso aqui não existiria mais se não fosse por Jorge. Então eu acho que esses 20 anos é pelo Jorge. Pelo que Jorge fez pela gente e hoje é por mim e pelas crianças né. Hoje vamos manter o Projeto mais 40 fazendo sucessores, isso que Jorge ensinou pra gente.

Por que o PAS buscou financiamentos de instituições públicas e privadas?

Acho que o Itaú Unicef hein Rejane foi uma grande escola pra gente aprender certas coisas que a gente não tinha. Tipo nossas atividades que eu vou conversar contigo no sábado. É e quando a gente correu acho que em 2007 no Itaú Unicef então que a gente não conseguiu passar foi por isso. Porque a menina percebeu que a gente não

tava em aula e tava forçando uma coisa pra ter e que não era aquilo que ela ia chegar e ver uma aula acontecendo naquele momento. Então é, isso serviu pra gente. Que a gente fazia isso só que quando ela chegou a gente não tava tendo aula. As oficinas tinham parado porque não tinha direto como ta tendo hoje. Direto as oficinas, entendeu? E as atividades tinha parado. A quadrilha que tava acontecendo mas não era o dia da quadrilha. Então correr no...participar do Itaú Unicef foi tanto não foi só pelo financeiro. Eu acho que Jorge buscava mais né. Buscava mais. Até pelas parcerias com os colégios dentro como a gente aprendeu algumas coisas dentro o Itaú Unicef. Eu acho que tanto aprender o que a gente aprendeu e os computadores que veio quando a gente precisava. A gente não tinha. A gente como você sabe o PAS não tem ele não é ele não tem nenhum assim financeiramente é quem paga lá é a gente próprio e os comerciantes que ajudavam muito só a gente não tem um político por trás não tem uma instituição religiosa. Então acho que o Itaú Unicef foi pra gente tá dentro de um padrão de um projeto social e eles acabaram colocando a gente nesse padrão e num porte assim de ter uma secretaria, com carga horária de aula que a gente não tinha isso. A gente era um Projeto de fundo de quintal que onde a gente queria que as coisas acontecessem. Queria ajudar de alguma forma. Mas a gente tomou esse corpo e o Ponto de Cultura é lógico era a grana dos materiais que entrava mas também se não fosse o Itaú Unicef a gente não conseguiria estar dentro do quadro do Ponto de Cultura. Não sei se é isso que você quer que eu responda mas o que eu vejo no Projeto buscou financiamento, buscou esse Projeto pra gente é seguir como projeto social, como Ponto de Cultura seguir tanto nos colégios e ter e aquela verba, comprar a grana que ia vir as coisas que a gente comprou se a gente pudesse ter retorno daquilo e mantesse o Projeto porque a grande ideia de Canela é fazer o Projeto PAS se movimentar sozinho. Ele ter em relação o dinheiro. Ele gerasse dinheiro. Ele ter sua grana para que as coisas continue que exemplo hoje a gente tá com 3 contas devendo (risos). A gente não queria isso, entendeu? A gente queria que essa grana que ganhamos que essa parada que a Secretaria atendesse o Salgueiro. Se a gente tivesse uma gestão de aula formada. A gente não tem. Ainda mais com o afastamento de Jorge a gente perdeu isso. Eu creio que o Ponto de Cultura não foi só pelo dinheiro, mas sim por não isso pelo que o Itaú Unicef nos deu. Foi isso que a menina explicou a Jorge. Pô Jorge não é isso que a gente quer. A gente quer o projeto social dentro do parâmetro. Por exemplo, a gente quer um projeto social que atenda a comunidade de tal hora a tal hora. As crianças estão na escola mas estão dentro de um Projeto. As crianças não têm colégio mas tem projeto. É assim que eu entendo.

Depoimento 5

1 – Primeiro eu gostaria de saber o que pra você é o PAS?

Bom, o PAS é uma fonte de sabedoria, ajuda as crianças, os jovens e adultos a despertar mais é...o olhar educacional e o olhar cultural dentro da comunidade. Isso é o PAS. É uma escola de cultura dentro da comunidade.

2 – É e o que que você define como sendo um educador social; Que quer ser um educador social para você? Que participa do Projeto, que tem a oficina...é atividade, desculpa a atividade que é a atividade é permanente...atividade de capoeira e jongo?

Bom...é...isso pra mim só acrescenta o que eu aprendi na zona sul do Rio de Janeiro né que contribui até mesmo com a comunidade o que eu aprendi fora. Se tornou meio que uma obrigação da minha parte dividir e contribuir com eles.

3 – E quanto tempo que você já tá no Salgueiro, que você mora, que você tá no PAS?

35 anos. No PAS eu tenho mais ou menos uns 9, 10 anos se não me engano., 10 anos por aí.

4 – E o que você considera como cultura?

Bom a cultura é tudo aquilo que você...o avô, o tataravô, o bisavô passa para os filhos e aí vai né para poder manter a cultura, ou seja né, uma história familiar, um conto de uma avó de um avô. A cultura é mais ou menos isso pra mim, pelo menos que eu entendo né. Que tá dentro também da História do Brasil, né que é a cultura brasileira que tá enganchada de certa forma na história familiar.

5 – E como você vê a sua atividade como forma cultural no Salgueiro?

É uma integração social né, de responsabilidade cultural, informação e...como eu poderia dizer pra você...bom informação social, cultural, sócio-educativa.

6 – E quem foi Jorge Canela?

...Jorge Canela...Jorge Canela... a gente pra falar de Canela – toda entrevista que eu dou pro Marquinho eu falo a mesma coisa. Tento não se emocionar porque quando fala Jorge Canela se torna uma coisa muito forte. Tem que lembrar de Canela com a razão porque se for pela emoção a gente não consegue falar. O Jorge Canela foi o cara que começou tudo com o idealismo dele dentro da comunidade e...com a maneira de falar, com o jeito dele acabava cativando as pessoas e fazia a gente enxergar nele um líder, um espelho né. Então Jorge Canela é isso: emoção, razão, muito mais emoção do que razão. Jorge Canela...

7 – E você atribui a sua atividade alguma influência que o Jorge possa ter passado para você?

Com certeza é...eu quando comecei a dar aula no Projeto PAS, eu já dava aula em outras escolas né escolas particulares, clubes, essas coisas assim e nunca tinha minha mente voltada ao social. Quando eu conheci o Jorge Canela minha mente mudou. E na necessidade eu tive que reinventar as minhas aulas né...as atividades até a parte da linguagem também. Porque tem uma diferença da linguagem que eu tinha em convívio com o pessoal do Rio de Janeiro né Niterói...e na minha comunidade eu não sabia falar a minha linguagem. Então o que eu aprendi com Jorge que se eu quero que as pessoas entendam o que eu to falando eu tenho que estudar o que as pessoas falam também.

8 – E além disso, é eu percebo observando a atividade que a capoeira, ela tem é crescido muito no Projeto mais do que as outras atividades em questão de quantitativo. E observo também que a capoeira as crianças vão ficando. Que que você atribui isso? Que que tem diferente na capoeira que as outras atividades de repente não estão conseguindo cativar nas crianças?

Bom...é...eu não vejo por esse lado, mesmo porque quem faz a capoeira, faz as outras atividades também...mas assim é...a capoeira ela não é só uma luta, um esporte né... A capoeira é uma educação, uma integração social como eu disse antes, mas também é a formação de...sociedade. Formação de cidadãos. Então a capoeira dentro do Projeto PAS é um compromisso de formar bons cidadãos. Então assim é...eles ficam porque tem uma metodologia de...tem um porquê ficar, tem um futuro pra poder desbravar. Então eu acho que não é porque dão mais atenção pra uma atividade só e não dão das outras atividades não. Eu discordo até um pouco de falar que só a capoeira é atividade. Têm várias atividades aqui. Só que a capoeira é uma atividade pro mundo né. É uma luta que te ensina lutar pro mundo. Não lutar né de agressividade ou até na parte física mais né, mas a parte mental. Você conhecer, se

preparar pra conhecer o mundo lá fora. Mesma metodologia de ensino do Projeto PAS.

9 – E como é que você me explicaria essa metodologia; Entendi que você disse que tem uma metodologia diferenciada, mas como seria essa metodologia? E o que ela tem de diferente?

Não. Não é que a metodologia é diferenciada. A metodologia da capoeira com as outras atividades ou oficinas do Projeto PAS estão interligadas. Só que a capoeira tem a parte da disciplina. Então é a disciplina que faz eles ficar ligado na metodologia da capoeira. Metodologia de ensino que é de você conhecer é...o seu tataravô, o familiar que possa explicar quem foi...De você conhecer a cultura local, de você ter ânsia de aprendizado pra o mundo lá fora. Então a metodologia tá sempre andando de braços dados com a metodologia do Projeto PAS. É a mesma metodologia. A minha metodologia antes que pra comunidade estava errada; então que tive necessidade de modificar a minha metodologia de ensino de capoeira à comunidade.

10 – E o que você atribui o PAS ter dado uma modificada ao longo dos anos e ter é ido pros editais, né de “Mais Cultura”, “Cultura Viva”, “Prêmio Itaú Unicef”...o que se deve isso, essa mudança? A busca pelo financiamento do público e do privado?

O Canela sempre dizia né antes, lá no início...é o que o Chacrinha fala também né o velho guerreiro Chacrinha, apresentador de televisão: “Quem não se comunica, se trumbica”. O Canela eu acho que ele ensinou todos ali a lidar com um tipo de situação que cada ano pra gente é uma era diferente. É um modismo, é algo novo, então, o Projeto tem a necessidade de tá modificando, de tá buscando algo novo porque nada fica no passado né; Nosso passado está sempre presente no futuro, na cultura. Então há necessidade do Projeto tá se reinventando. Buscando coisas novas. É porque as coisas novas estão acontecendo, está chegando e não dá pra ficar na mesmice sempre.

11 – Existe uma formação pedagógica pra os educadores que você atribui, que contribui ou não contribui pra sua formação, pra oficina ou atividade?

Eu acho que toda formação que tem dentro do Projeto PAS ela contribui muito para capoeira e a capoeira contribui muito também. Por quê; Porque uma coisa com a outra tá sempre interligada. A gente acabou de citar aqui que a história da capoeira está entrelaçada com a História do Brasil né e falando de contribuição eu acho que ali...oficina, atividade se for colocar os pingos nos is, estamos dentro de um quilombo. É então assim, um quilombo todo mundo se ajuda porque ali é um quilombo. Como se fosse um time de futebol, um não gosta do outro, só torce pro mesmo time e o time não pode perder. Então assim é...acho que um ajuda o outro acaba ajudando um ao outro na área que ele exerce dentro do Projeto PAS. Elegantemente falando é claro. E uma área diferente mas acaba ajudando o outro de outra área.

12 – E por que você acha que o Projeto PAS ele perdura por quase já 21 anos? O que é que faz o Projeto PAS se manter na comunidade do Salgueiro por tanto tempo?

Essa é fácil. É fácil mas é meio esquisito e dizer tem um lance bem firme. Desculpe até se eu for meio grosso...Coração, tem lá aquele coração do símbolo né aquele símbolo ali como se fosse o arco-íris, aliança de Deus com o homem. Pro Projeto PAS é um símbolo como se fosse...não, eu acredito que sim aliança sim do negro de bem ou do branco de bem ou do amarelo de bem também que acredita na luta, acredita na causa. É o símbolo. É simples, mas não é...

13 – E por que vocês lutam? Por que vocês continuam nas oficinas formando as crianças?

É porque é meio complicado até dizer porque a luta do Zumbi que ele deixou pra que nós pudéssemos continuar a luta, mas não foi só o Zumbi que lutou. Teve outras personagens aí que lutaram também né. Então assim a luta pra gente aqui da comunidade é super importante porque senão se não lutar não tem vitória né e você é um espelho pra aquela criança que tá ali fazendo uma atividade, uma oficina é e outra coisa você tem que ser o espelho então se você já fazendo o que você faz e fazer bem, com tesão, bom já tá ensinando aquela criança que aquela luta é uma luta certa. São diversas lutas em todas áreas, mas cada um luta por um objetivo, por outra coisa, mas o objetivo metodologia de ensino, educando, que você possa lutar por um ideal que não vá prejudicar ninguém, isso é super importante. Se for botar os pingos nos is todo mundo do Salgueiro luta por alguma coisa né, Alguns poderes aí que pode dizer que assim elas lutam pelo que elas acreditam e nós acreditamos no nosso ideal que sempre foi a formação dos alunos do Projeto PAS de conhecer o Salgueiro que eles não conhecem e buscar lá fora mas não perder sua raiz de origem aqui que é o Salgueiro.

14 – E você acredita que sua oficina inclua todos os que são ditos excluídos dentro da comunidade?

Eu acho que não. Eu acho que a minha oficina ou atividade como você preferir é eu acho que pelo contrário. Acho que ela agloba essas pessoas apesar de ter necessidades de hoje em dia eu tenho uma forte necessidade de atender realmente quem precisa dentro da comunidade. A maioria das pessoas que fazem capoeira no Projeto PAS não tem a mesma necessidade de quando eu entrei na capoeira né. De quando comecei com a capoeira mesmo de vez no Projeto. Então tenho a necessidade de atender aquelas pessoas que não tem sequer pisaram dentro do Projeto PAS. Então eu acho diferente acho que agloba sim...

15 – E tem mais alguma coisa que você queria falar a respeito do PAS que eu não perguntei?

Bom o PAS é luta. O PAS é harmonia. O PAS não é só um sonho. A gente tamo sempre sonhando no Projeto PAS, mas sonhando com algo melhor e correndo atrás pra se tornar realidade. E sendo espelho pra quem tá chegando.

16 – E você vê o projeto como missão?

Hoje em dia pra mim, depois que o Jorge foi embora né se tornou uma missão. Uma missão de compôr uma música, de falar mais sobre ele. Porque a gente fala de Tiradentes, de Zumbi, de Marechal Deodoro da Fonseca, São Gonçalo, Zé Garoto, né. Então o Jorge também merece. Ele também merece tá. No meu ver tá no meio desses demais aí que eu falei.
Obrigada Piolho.

Depoimento 6

1- O que é o PAS?

O PAS é uma associação comunitária idealizada pelo saudoso Jorge Canela. Seu objetivo com a criação desse Projeto é o resgate do orgulho e da valorização da história desse povo, perdida com o tempo diante de tantos acontecimentos que “mancharam” a imagem desse lugar. O PAS busca além desse ponto de partida, trabalhar com crianças e adolescentes atuando nas áreas culturais, sociais, pedagógicas e artísticas, permitindo novas possibilidades a esses pequenos, visando com isso seu desenvolvimento, o ampliar de seus conhecimentos e o alicerce de um futuro melhor.

2 - Quem foi Jorge Canela?

Jorge Canela foi uma pessoa de inúmeras qualidades que fica difícil até de se pontuar em algumas linhas, mas é possível destacar algumas entre tantas que caracterizam esse homem visionário e especial. Pode se dizer que Jorge Canela era alguém que amava as pessoas, que incentivava essa prática, que desejava o respeito e a igualdade entre os homens, em especial, naqueles que encontravam-se a margem dessa sociedade. Canela, como assim muitos o chamavam, quebrava paradigmas, aproximava o excluído, “ajuntava os diferentes”, não fazia acepções, tinha prazer na felicidade e no sorriso de uma criança. Canela compreendia a necessidade do lugar, conhecia o que esse povo vivia, sentia e sofria. Entre tantas, podemos apontar que Canela nos ensinou o amor ao próximo, a igualdade entre os homens, o respeito entre os seres e sonhou com um “Salgueiro” que pudesse ter orgulho de ser Salgueiro.

3 - Por que o PAS continua vivo há 20 anos?

Acredito que o segredo dessa longevidade do PAS se da ao fato de que o PAS não foi “uma nave” que aterrissou nesse lugar sem conhecer a realidade desse povo, apenas como muitos outros fazem, vem, se apropriam, lucram e vão embora. Na verdade, o PAS nasceu nesse lugar, diante das demandas reais dessa gente e foi construído por pessoas daqui, indivíduos que ao mesmo tempo em que faziam, recebiam o retorno, seja na realização do trabalho, na resposta das pessoas e no resultado positivo que a associação comunitária possibilitava. O PAS é como uma “casa” dessa comunidade, não está, faz parte. O envolvimento das pessoas com a sede se da além do dia e do horário das atividades, é como que chegar ao PAS é chegar em casa, é estar a vontade, com respeito, mas com alegria e com motivação. O Projeto é feito por nós, com os nossos para os nossos.

4 - O que significa ser um educador social para você? Qual a importância dele para o PAS? Existe uma formação pedagógica desses educadores? Se sim, de que forma?

Ser Educador Social em minha opinião significa compreender que o processo educacional de uma criança ou adolescente se da para além de um espaço escolar, não começa e se encerra no período em que os mesmos encontram-se nesse lugar, e mais, é entender os fatores extras que contribuem ou dificultam a sua aprendizagem. É olhar para a criança ou adolescente trazendo não apenas um indivíduo, mas alguém cheio de questões, indagações, crises, sofrimentos, que muitas das vezes são “barrados” na entrada deste aluno, não sendo levados em consideração como aspectos cruciais para o desenvolvimento deste. O Educador Social busca não apenas a formação acadêmica de um aluno, mas visa também à formação cidadã deste sujeito. O Educador Social é de extrema importância para o PAS, pois ele é o que “está na ponta”, compartilhando a filosofia do Projeto, recebendo a demanda, interagindo com todos, colocando em prática com as crianças e com os adolescentes aquilo que é pensado e idealizado como objetivo da proposta de trabalho da Associação. A formação se dá através de capacitações que acontecem na própria instituição diante dos temas que buscam unificar os objetivos gerais e as questões sociais e comportamentais que emergem nas atividades e na própria comunidade. Outras formações se dão por meio de cursos, conferências e reuniões que ocorrem fora do PAS e que são incentivadas a participação de seus educadores tendo como objetivo a troca com outros profissionais e espaços, a obtenção de informações que estruturam e organizam o trabalho com crianças e adolescentes nos outros no social, assim como em outras áreas de atuação. Enfim, a formação é uma marca necessária para uma instituição que acredita num educador como peça fundamental para o desenvolvimento das atividades do Projeto.

5 - Por que o PAS buscou o financiamento de iniciativas públicas e privadas?

O PAS, assim como qualquer outra instituição que não possui recursos próprios e que desenvolve diversas demandas com um público tão amplo como crianças e adolescentes, compreende que é necessário ter um suporte financeiro para o desenvolvimento de suas atividades e funcionamento de sua rotina. Sendo assim, foi preciso buscar meio de custear e garantir a existência de suas ações. Meios esses que financiassem de maneira legal questões como alimentação, mobílias, bens materiais diversos, energia, água, telefone entre outros que sem um recurso não seria possível existir o Projeto.

6 - O que uma oficina objetiva levar para o desenvolvimento do Projeto?

As oficinas são os objetivos materializados do Projeto. É a possibilidade de oferecer o que propõe sua filosofia de trabalho e de ideal. As oficinas promovem o acesso de crianças e adolescentes ao Projeto e através de suas ações e criações movimentam o interesse e despertam o desenvolvimento de um povo, que através do que recebe nesta oficina constroem possibilidades de “ir além”, de um novo horizonte e , conseqüentemente, um novo sujeito se forma, consciente, crítico e reflexivo que visa devolver a sua vida e na sua comunidade aquilo que recebeu do Projeto.

7 - O PAS inclui os tachados de diferentes da sociedade? Se sim, de que forma?

O PAS é uma associação sem preconceitos, sem discriminações e sem acepções. É um espaço democrático, em que todos têm vez, voz e oportunidade, sem ser cerceado devido a alguma condição diferenciada. Seja na participação enquanto membro, educador, colaborador, como também participantes de suas oficinas e eventos. Acredito que o surgimento desse Projeto te se dado por pessoas de um lugar marginalizado, “desacreditado” e “mal falado”, seria impossível pensar numa instituição que não acolhesse ou respeitasse as diferenças.

8- O que é cultura para você?

Cultura em minha opinião é a história de um povo. É um conjunto de feitos, tradições e costumes que um grupo de pessoas desenvolve durante o tempo e que perpassa de gerações em gerações. Pode se dizer que cultura é a identidade, a marca histórica de um povo.

Depoimento 7

1 - O que é o PAS?

Projeto Amo Salgueiro. Um projeto sem fins lucrativos determinado a transferir carinho, educação, cultura e motivação com profissionais voluntários totalmente dedicados para integrar a criança, o adolescente e toda a comunidade.

2- Quem foi Jorge Canela?

Foi o idealizador, fundador, mestre, presidente, pai do Projeto Amo Salgueiro.

3- Por que o PAS continua vivo há 20 anos?

Porque somos uma família. Amamos o que fazemos, todos envolvidos no P.A.S tem alguma história pra contar... Cada voluntário se socializa com sua turma, se envolve, se dedica.

4- O que significa ser um educador social para você? Qual a importância dele para o PAS? Existe uma formação pedagógica desses educadores? Se sim, de que forma?

Ser Dedicado, socializar, educar, transferir conhecimento, gerar oportunidade e aprender o que ensina. É super importante o educador para o P.A.S pois ele motiva, socializa, conscientiza e além de tudo ele repõe uma parte do carinho nas crianças, adolescentes. Sim. Alguns são professores formados, e outros são totalmente qualificados pela experiências, vivências da vida.

5- Por que o PAS buscou financiamentos da iniciativa pública e privada?

Devido seu crescimento e determinação em querer dar um conforto aos seus usuários, melhorar sua estrutura para dar mais qualidade na educação e tecnologia visando também melhorar a condição dos voluntários.

6- O que uma oficina objetiva levar para o atendido do Projeto?

Carinho, conhecimento, aprendizagem e oportunidade de mercado.

7- O PAS inclui os tachados de diferentes da sociedade? Se sim, de que forma?

O P.A.S é muito transparente, verdadeiro, passa a informação de forma elegante e sincera.

ANEXO 4**ESTATUTO SOCIAL
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA PROJETO AMO SALGUEIRO****PROJETO AMO SALGUEIRO****CAPÍTULO I
NOME E NATUREZA JURÍDICA**

Art. 1º - Sob a denominação de ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA PROJETO AMO SALGUEIRO, ou pela forma de PROJETO AMO O SALGUEIRO, fica instituída esta associação civil sem fins lucrativos, e que regerá por estatuto, pelas normas legais pertinente – que atua historicamente desde 1995 -, por prazo indeterminado.

Art. 2º - As cores oficiais do P.A.S – Projeto Amo Salgueiro – AMARELO, VERDE, LARANJA E BRANCO. Simbolizadas em um CORAÇÃO, tendo ao centro a figura de uma CAIXA D' ÁGUA.

**CAPÍTULO II
Da Sede**

Art. 3º - O PROJETO AMO SALGUEIRO é uma Sociedade Civil, de direito privado sem fins lucrativos, sem caráter político partidário ou religiosos, de duração indeterminada, sede (provisória) e foro à Rua Francisco José da Cunha Nº 170 – Fundos, CEP 24475-010 no Município de São Gonçalo – RJ, que visa reunir moradores e amigos do Bairro do Salgueiro, sem distinção de cor, nacionalidade, ideais políticos, filosóficos ou religiosos para defender os interesses da região.

**CAPÍTULO III
Dos Objetivos**

Art. 4º - O PROJETO AMO SALGUEIRO tem por finalidade apoiar e desenvolver ações voltadas para socialização de crianças, adolescentes e adultos, através do estímulo ao desenvolvimento de suas aptidões artísticas, culturais e esportivas.

§ Único – Para a consecução de suas finalidades, o PROJETO AMO SALGUEIRO poderá sugerir, promover, colaborar, coordenar ou executar ações e projetos visando:

- I. constituir fórum para discussões, estudos, debates e pesquisas sobre arte, cultura, dança, música, esportes, vídeos e todas as formas de expressão, que direta ou indiretamente, estejam ligados às crianças, adolescentes e adultos e a sua situação no Município, Estado e União;
- II. desenvolver oficinas de percussão, dança, música, artesanato, serigrafia, "graffiti", ilustração e outras atividades que visem potencializar as formas de expressão cultural da criança, adolescente e adulto, como instrumento de construção da cidadania, socialização e profissionalismo;
- III. despertar a consciência de todos os setores da comunidade para as potencialidades sócio-culturais das crianças, adolescentes e adultos;
- IV. promover e incentivar campanhas de conscientização, programas ecológicos educativos, particularmente junto às instituições de ensino e pesquisa, empresas, veículos de comunicação e outras entidades, sobre as potencialidades, direitos e deveres da criança, adolescente e adulto;
- V. cooperar nas realizações desenvolvidas por órgãos governamentais, ou não, relativas às crianças, adolescentes e adultos e promover entendimentos com organizações afins de caráter nacional e internacional;
- VI. oferecer subsídios para a elaboração de políticas públicas para a promoção e desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos, fortalecendo os ideais de respeito mútuo e solidariedade;
- VII. zelar pelos interesses e direitos inerentes às crianças, aos adolescentes e adultos, fiscalizando e fazendo cumprir a legislação pertinente;
- VIII. empenhar-se na integração da criança, do adolescente e do adulto ao processo político e social através de manifestações de arte e cultura.

CAPÍTULO IV

Dos Direitos, seus Direitos e Deveres.

Art. 5º - O PROJETO AMO SALGUEIRO é constituídos por número ilimitado de sócios: efetivos, colaboradores e beneméritos.

Art. 6º - São sócios efetivos as pessoas físicas ou jurídicas, sem impedimento legal, que assinar os atos constitutivos da entidade e outros que venham a ser admitidos nos termos deste Estatuto.

Art. 7º - São sócios colaboradores, pessoas físicas e ou jurídicas, sem impedimento legal, que venha a contribuir na realização dos objetivos do PROJETO AMO SALGUEIRO.

Art. 8º - São sócios beneméritos, pessoas físicas e ou jurídicas que destacaram por trabalhos que condizem com os objetivos desta entidade.

Art. 9º - Os associados, qualquer que seja a sua categoria, não responde individualmente, solidária ou subsidiariamente pelas obrigações do PROJETO AMO SALGUEIRO, nem pelos atos praticados pela sua diretoria.

Art.10 - A admissão de novos sócios efetivos será efetuada mediante apresentação de ficha de inscrição. Disposto no capítulo VI, art. 20.

Art. 11 - Aos associados absolutamente incapazes na forma do Artigo 3º do Código Civil (p.ex., os menores de 16 (dezesesseis anos) será vedado o direito a voto, contudo poderão os referidos exercerem tais prerrogativas em assembléias que não produzem normas civis).

Art. 12 - São direitos dos associados:

- I. participar de todas as atividades associativas;
- II. propor a criação e tomar parte em comissões e grupos de trabalhos, quando designados para essas funções;
- III. ter acesso a todos os livros de natureza contábil e financeira, bem como a todos os planos, relatórios, prestação de contas e resultados de auditoria independente.
- IV. Requerer demissão, que será dirigida à Diretoria e submetida à Assembléia Geral.

§ Único - Os direitos sociais previstos neste Estatuto são pessoais e intransferíveis.

Art. 13 - São deveres dos associados:

- I. observar o estatuto, regulamentos, regimentos, deliberações e resoluções dos órgãos do PROJETO AMO SALGUEIRO;
- II. cooperar para o desenvolvimento e maior prestígio do PROJETO AMO SALGUEIRO e difundir seus objetivos e ações.
- III. Pagar a contribuição mensal estabelecida pela Diretoria Estatutária.

CAPITULO V Das Penalidades

Art. 14 - Por infração aos dispositivos deste Estatuto e do Regimento Interno os sócios incorrerão, conforme a gravidade das faltas, nas penalidades:

- I. Advertência;
- II. Suspensão;
- III. Exclusão;

Art. 15 - A pena de advertência será aplicada oralmente ou por meio de carta, reservada aos casos de ocorrências de natureza leve.

Art. 16 - A suspensão será aplicada ao associado que tenha praticado falta de natureza grave, atentatória aos interesses da associação e às normas constantes ao Estatuto e Regimento Interno.

§ Único - A pena de suspensão não poderá a ser superior a 06 (seis) meses.

Art. 17 - A pena de exclusão acarretará a perda definitiva da condição de sócio, sendo aplicada nos seguintes casos:

- I. desacato às determinações decididas em Assembléia Geral;
- II. procedimento incompatível e prejudicial aos interesses da Associação e prática de atos, fora;
- III. falta de pagamento das contribuições, conforme o exigido, ou atraso superior a 6(seis) meses, sem justificativa perante a diretoria.
- IV. a exclusão do associado só é admissível havendo justa causa, obedecido o disposto no estatuto; sendo este omissivo, poderá também ocorrer se for reconhecida a existência de motivos graves, em deliberação fundamentada, pela maioria absoluta dos presentes à assembléia geral especialmente convocada para esse fim.

§ Único - Da decisão do órgão que, de conformidade com o estatuto, decretar a exclusão, caberá.

Sempre recurso à assembléia geral.

Art. 18 - As penalidades serão aplicadas:

- I. pelo Presidente com o referendo da Diretoria, quando a pena exigir sanção imediata por sua natureza, a qualquer sócio e submetida à assembléia geral.
- II. pelo Conselho Deliberativo, quando a falta tenha sido cometida por Presidente ou demais membros da Diretoria, posteriormente, referida pela assembléia geral.

Art. 19 - As penalidades entrarão em vigor a partir da data e momento em que o sócio é notificado ou, no caso de recuso, imediatamente após o seu deferimento.

§ Único - Será comunicado aos sócios as respectivas penalidades que forem aplicadas aos seus dependentes.

CAPÍTULO VI Das Assembléias Gerais

Art. 20 - A Assembléia Geral é o órgão máximo do PROJETO AMO SALGUEIRO e é constituída pelos sócios efetivos.

Art. 21 - A Assembléia Geral reunir-se-á extraordinariamente sempre que for necessário e ordinariamente uma vez por ano, para deliberar sobre os seguintes temas:

- I. Apreciação e aprovação do balanço anual e demais relatórios financeiros do exercício anterior, e o orçamento e plano anual de trabalho para o novo exercício;
- II. Nomeação dos membros do Conselho Consultivo e Fiscal;
- III. Deliberar sobre a reforma e alterações do Estatuto;
- IV. Deliberar sobre casos omissos e não previstos neste Estatuto;

- V. Deliberar sobre a extinção do PROJETO AMO SALGUEIRO e a destinação de seu patrimônio social.
- VI. Destituição dos administradores.

§ Único - Para as deliberações que tratarem da **destituição de administradores e aprovação de alteração estatutária é exigido** o voto concorde de dois terços dos presentes à assembleia especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos associados, ou com menos de um terço nas convocações seguintes.

Art. 22 - As Assembleias Gerais serão convocadas pelo presidente, ou por carta assinada e por 1/5 (um quinto) dos associados.

§ - Primeiro - A convocação da Assembleia Geral Ordinária dar-se-á através de correspondência endereçada a todos os sócios e com antecedência de 15 (quinze) dias.

§ - segundo - A convocação da assembleia Extraordinária dar-se-á através de correspondência endereçada a todos os sócios com antecedência de 03 (três) dias.

Art. 23 - O quorum mínimo exigido para a instalação da Assembleia Geral Ordinária, a qualquer tempo, é de 1/3 (um terço) dos sócios efetivos.

Art. 24 - O quorum mínimo exigido para instalação da Assembleia Geral Extraordinária, a qualquer tempo, é de no mínimo metade mais um dos sócios, ressalvados os casos específicos.

§ Único - Terão direito a voto nas Assembleias os sócios efetivos.

CAPÍTULO VII Da Administração

Art. 25 - O PROJETO AMO SALGUEIRO SERÁ, será dirigido por sua Diretoria, eleita em Assembleia Geral por um período de 03 (três) anos, podendo ser reeleita. A administração caberá ao corpo diretor, o qual representará a associação em juízo ou fora dele, ativa e passivamente, bem como perante terceiros, em geral podendo nomear procuradores em nome da entidade, com poderes específicos e mandato em prazo determinado, o qual nunca ultrapassará a data do término do mandato do corpo diretor, que outorgou a procuração.

Art. 26 - O corpo diretor do PROJETO AMO SALGUEIRO será composto de Presidente, Vice-Presidente, Secretário-Geral, Tesoureiro e Diretor de Projetos, visando imprimir maior operacionalidade às ações da Associação, deverá assumir as seguintes atribuições:

- I. coordenar e dirigir as atividades gerais e específicas da instituição;
- II. celebrar convênios e realizar a filiação da associação às instituições ou organizações congêneres;
- III. representar a Associação em eventos, campanhas, reuniões e demais atividades do interesse da entidade;

- IV. contratar, nomear, licenciar, suspender, demitir funcionários administrativos e técnicos da Associação;
- V. adquirir, alienar ou gravar os bens imóveis da Associação;
- VI. elaborar o regimento interno e organograma funcional da Associação;
- VII. convocar o conselho fiscal sempre que julgar necessário;
- VIII. selecionar e escolher propostas, programas e projeto apresentado pelos sócios, deliberando sobre a execução;
- IX. exercer outras atribuições inerentes ao cargo e não previstas expressamente neste Estatuto.

§ Único - É vedado a qualquer membro da Diretoria ou qualquer associado, praticar atos de liberalidade às custas da Associação.

Art. 27 - compete ao Presidente:

- a) Representar ativa e passivamente, em juízo ou fora dele;
- b) Convocar Assembléia Geral;
- c) Abrir conta em banco, emitir cheque com o tesoureiro assinar todos os documentos relativos à movimentação de numerário, passar recibos, firmar escrituras e aceitar doações em nome do Projeto;
- d) Rubricar os livros sociais;
- e) Autorizar despesas sociais aprovadas pela Diretoria;
- f) Nomear Comissões Especiais em conjunto com o diretor da área, que estiver afeto à comissão;
- g) Nomear e destituir diretores, ouvida a Diretoria por maioria de seus membros, em decisão, fundamentada e escrita, que constará de Ata de primeira Assembléia que se verificar;
- h) Convocar reuniões do conselho Administrativo e da Diretoria;
- i) Instalar as sessões da Assembléia Geral;
- j) Resolver os casos de urgência, dando depois, conhecimento por escrito à Diretoria, em relatório fundamentado.

Art. 28 – Compete ao Vice-Presidente:

- a) Substituir o Presidente em suas faltas e impedimentos;
- b) Auxiliar o Presidente no desempenho de sua funções;
- c) Coordenar os trabalhos de comissões especiais quando estas tiverem afetadas à área de outro Diretor;
- d) Coordenar os trabalhos de agendamento de novos sócios.

Art. 29 - Compete ao Secretário – Geral, além de outras atribuições contidas neste Estatuto:

- a) Fazer registro de membros;
- b) Organizar e dirigir a secretaria;
- c) Organizar e ter sob sua guarda os arquivos do Projeto;
- d) Secretariar as reuniões da diretoria e lavrar em atas;
- e) Redigir e fazer redigir as correspondências e assina-la com o Presidente;
- f) Substituir em ordem sucessiva e com as mesmas atribuições o vice-presidente e o Presidente nos casos de acontecer um impedimento temporário dos mesmos;
- g) Organizar e manter fichário de todos os membros do Projeto.

Art. 30 – Tesoureiro:

- a) Ter sob sua guarda as responsabilidades do patrimônio da sociedade;
- b) Arrecadar as contribuições e demais rendas da sociedade, assinando os respectivos recibos;
- c) Assinar com o Presidente os cheques e demais papéis relativos ao movimento de valores;
- d) Ter sob sua guarda o livro-caixa;
- e) Elaborar o balanço anual e os inventários patrimonial;
- f) Fazer pagamentos autorizados pela Diretoria;
- g) Elaboração e preparação dos documentos necessários a contratação e pagamento de profissionais necessários à realização das atividades do Projeto Amo Salgueiro;
- h) Apresentar anualmente ou em extraordinário os documentos hábeis para Presidência da Associação.

CAPÍTULO VIII Do Conselho Consultivo

Art. 31 - Com objetivo de assessorar os sócios e funcionários do PROJETO AMO SALGUEIRO na consecução de seus objetivos estatutários e principalmente na elaboração, execução e implementação de suas ações, campanhas e projetos, os sócios efetivos indicarão à Assembléia Geral, na forma deste estatuto, pessoas de reconhecidos saber e idoneidade, nos campos de conhecimentos afins com suas atividades, para comporem o Conselho Executivo da Associação.

Art. 32 - O Conselho consultivo compor-se-á de no mínimo 03 (três) membros e no máximo de 05 (cinco) membros com mandato coincidente com o da Diretoria e reunir-se-á sempre que convocado pelo corpo diretor.

CAPÍTULO IX Do Conselho Fiscal

Art. 33 - Quando convocado nos termos deste Estatuto o Conselho Fiscal será fiscalizador da administração contábil e financeira, da Associação e se comporá de 03 (três) membros de idoneidade reconhecida.

Art. 34 - Os membros do Conselho Fiscal serão convidados pelos sócios efetivos e nomeados pela Assembléia Geral nos termos deste Estatuto. Com mandato de 3 anos, sendo permitida uma reeleição.

Art. 35 - Compete ao conselho Fiscal ou, ser for o caso, aos auditores:

- I. dar parecer formal sobre os relatórios e demonstrações contábil e financeira da Associação, oferecendo as ressalvas que julgarem necessárias;
- II. opinar sobre qualquer matéria que envolva o patrimônio da associação sempre que necessário;
- III. comparecer quando convocados as Assembléias Gerais, para esclarecer seus pareceres, quando assim julgarem necessário;
- IV. opinar sobre a dissolução e liquidação da entidade.

§ - Primeiro - Os membros do conselho Fiscal elegerão, por maioria simples, seu Presidente que coordenará os trabalhos do mesmo.

§ - Segundo - O Conselho Fiscal deliberará por maioria simples, cabendo ao seu Presidente o voto de qualidade.

§ - Terceiro - O Conselho Fiscal só será instalado e os seus membros convocados se a associação não contratar auditores externos ou se assim exigir por maioria simples a Assembléia Geral.

CAPÍTULO X Do Patrimônio

Art. 36 - O patrimônio da Associação será constituído por doações de pessoas físicas e/ou jurídicas, de direito público ou privado, nacionais ou internacionais.

Art. 37 - O PROJETO AMO SALGUEIRO não distribuirá qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas receitas a títulos de lucro ou participação dos resultados sociais.

CAPÍTULO XI

Da qualificação do PROJETO AMO SALGUEIRO como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público de acordo com a lei nº 9790, de 23 de março de 1999.

Art. 38 - PROJETO AMO SALGUEIRO não distribuirá entre seus sócios, associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores, eventuais excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participação ou parcelas de seu patrimônio.

Art. 39 - Aplicará integralmente suas rendas, recursos e eventual resultado operacional na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais no território nacional e/ou internacional.

Art. 40 - No caso de dissolução, aprovada a extinção pela Assembléia Geral, convocada especialmente para este fim, proceder-se-á ao levantamento do seu patrimônio, que obrigatoriamente será destinado a outras instituições legalmente constituídas, qualificadas como organização da sociedade civil de interesse público e sem fins lucrativos, que tenha objetivos sociais semelhantes.

§ - primeiro - no caso de dissolução a assembléia geral especialmente convocada, obedecerá ao quorum de maioria simples em primeira convocação, ou, com qualquer número de sócios, em segunda convocação, trinta minutos após.

Art. 41 - O PROJETO AMO SALGUEIRO adotará práticas de gestão administrativa necessárias e suficientes a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios ou vantagens pessoais, em decorrência da participação no respectivo processo decisório.

Art. 42 - Na hipótese do PROJETO AMO SALGUEIRO perde a qualificação instituída pela lei nº 9790, de 23 de março de 1999, o respectivo acervo patrimonial disponível, adquirido com recursos públicos durante o período que perdurou aquela qualificação, será transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos da aludida Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social.

Art. 43 - O Conselho Fiscal ou órgão equivalente terá competência para opinar sobre relatórios de desempenho financeiro e contábil, e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo parecer para os organismos da entidade.

Art. 44 - Haverá possibilidade de se instituir remuneração para os dirigentes da entidade que efetuem efetivamente na gestão executiva e para aqueles que a ela prestam serviços específicos, respeitados, em ambos os casos, os valores praticados pelo mercado, na região correspondente a sua área de atuação.

Art. 45 - O PROJETO AMO SALGUEIRO observará as normas de prestação de contas, que determinarão no mínimo:

- I. a observância dos princípios fundamentais da contabilidade e das Normas brasileiras de Contabilidade;
- II. que se dê publicidade por qualquer meio eficaz, encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo-se as certidões negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os à disposição para exame de qualquer cidadão;
- III. a realização de auditoria, inclusive por auditores externos independentes se for o caso, da aplicação dos eventuais recursos objeto do termo de parceria conforme previsto no regulamento;
- IV. a prestação de contas de todo os recursos e bens de origem pública recebidos pelas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público será feita conforme determina o parágrafo único do 70 da Constituição Federal.

Art. 46 - É vedado ao PROJETO AMO SALGUEIRO como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público a participação em campanhas de interesse partidário, sob quaisquer meios e forma.

CAPÍTULO XII
Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 47 - É expressamente proibido o uso da denominação social que envolva o PROJETO AMO SALGUEIRO em obrigações relativas a negócios estranhos ao seu objetivo, especialmente a prestação de avais, fianças e caução de favor.

São Gonçalo, _____ de _____ de 20____.

Maria Lúcia Ferreira Amaral Cruz

Presidente

Advogado

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL PARA FUNDAÇÃO, APROVAÇÃO DO ESTATUTO E ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA PROJETO AMO O SALGUEIRO.

Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de dois mil e cinco, às vinte horas, na sede provisória da Associação Comunitária Projeto Amo o Salgueiro, à rua Francisco José da Cunha, 170 / fundos - Salgueiro em São Gonçalo, RJ - CEP: 24.475-010 reuniu-se em Assembléia Geral: **JORGE LUIZ DA SILVA CRUZ**; **JÚLIO CÉSAR CRUZ CAROLINO**; **MARIA LÚCIA FERREIRA AMARAL CRUZ**; **ROGÉRIO GOMES**; **PAULO JOSÉ SAMPAIO**; **CARLOS ALBERTO DA SILVA GOMES**; **ITAJACYRA SABINO DE CARVALHO**; **MARIA JOSÉ PEREIRA DE ALMEIDA DE OLIVEIRA**; **ANDERSON DA MOTTA FERREIRA**; **OSMARINA DA CONCEIÇÃO VARGAS**; **PAULO LEANDRO DOS SANTOS ALMENIDA**; **GLEYDSON SOUSA DE OLIVEIRA**; **MIRIAM DA MOTTA REIS FERREIRA**; **SHEILA UIARA BRANDÃO DA ROCHA**; **ROBERTA DA VITÓRIA**; **THEREZA ROSA DE CARVALHO**; **GENILTON CONCEIÇÃO MUNIZ**; **WELLINGTON RIBEIRO MARQUES**; **LUCIANO ARAÚJO CARVALHO**; **JAQUELINE DA SILVA CRUZ**; **OSIAS QUIRINO SILVEIRA**; **REGINALDO SOUZA DE ALMEIDA** - fundação, aprovação do Estatuto e eleição da Diretoria Executiva de. Uma Entidade civil sem fins lucrativos, Associação Comunitária Projeto Amo o Salgueiro, doravante designada pela sigla P.A.S - Projeto Amo o Salgueiro. Por aclamação, foi eleito para presidente da Assembléia **MARIA LÚCIA FERREIRA AMARAL CRUZ**, que, aceitando e agradecendo a indicação, convidou **REGINALDO SOUZA DE ALMEIDA** para secretariar a sessão, que também accitou e agradeceu a indicação. O Presidente esclareceu o objetivo da reunião e concedeu aos interessados o uso da palavra. Ao término das explanações, o Presidente declarou oficialmente fundado o Projeto Amo o Salgueiro. Em seguida chamou a atenção dos presentes para o projeto de Estatuto do Projeto Amo o Salgueiro, que fora distribuído a todos, o qual leu, pedindo-lhes que apreciassem e sugerissem as alterações necessárias. Ao término da leitura do projeto do Estatuto, o Presidente submeteu-o à aprovação da Assembléia, sendo aprovado por unanimidade na forma proposta constante do texto. A seguir, o Presidente iniciou o processo de eleição da Diretoria Executiva. Foram apresentados os seguintes nomes para compor a Diretoria Executiva: candidato: **MARIA LÚCIA FERREIRA AMARAL CRUZ**, candidato a Presidente; **WELLINGTON RIBEIRO MARQUES**, candidato a Vice-Presidente; candidato: **REGINALDO SOUZA DE ALMEIDA**, candidato a Secretário; **ITAJACYRA SABINO DE CARVALHO**, candidato a Tesoureiro. Após a apresentação dos candidatos. Visto o resultado, que foi aprovado por unanimidade pelos presentes o Presidente, em nome da Assembléia, consagrou-os eleitos para um mandato de 3 (três) anos, com direito a uma reeleição. Sendo: Presidente: **MARIA LÚCIA FERREIRA AMARAL CRUZ**, Brasileira, casada, maior Secretária, RG nº 06.534.188-5 IFP/RJ, CPF nº 758.278.677-72, residente e domiciliada na Rua Francisco José da Cunha nº 170 - Salgueiro - São Gonçalo - RJ, CEP 24475-010; Vice-Presidente: **WELLINGTON RIBEIRO MARQUES**, brasileiro, solteiro, maior, Marceneiro, RG nº 11.974.596-6 Detran/RJ, CPF nº 053.015.337-89, residente e domiciliado na Rua Miguel Gustavo nº 45 - Salgueiro - São Gonçalo - RJ, CEP 24473-400; Secretário-Geral: **REGINALDO SOUZA DE ALMEIDA**, brasileiro, casado, maior, Vendedor Varejista, RG nº 12.511.250-8 Detran/RJ, CPF nº 090.396.797-97, residente e domiciliado na Rua José Reinaldo da Matta nº 441 - Recantos das Acácias - São Gonçalo - RJ, CEP 24474-540; Tesoureiro: **ITAJACYRA SABINO DE CARVALHO**, brasileira, solteira, maior, Assistente Administrativo, RG 067.697.45-8 IFP/RJ, CPF 804.480.117-00, residente e domiciliada na Rua Santo André nº 243 - Salgueiro - São Gonçalo - RJ, CEP 24473-440-. A sessão foi então interrompida pelo Presidente para que fossem apresentados os seguintes nomes para compor o Conselho Consultivo: candidato: Thereza Rosa de Carvalho, Nadia Mendella, Pedro Carlos de Oliveira Lima, Jorge Luiz da Silva Cruz e para compor o Conselho Fiscal: candidato: Rubens Menezes Costa, candidato: Adilson D'Ávilla Jr, candidato: Márcio Paes Selles. Após a apresentação dos candidatos. Visto que foi aprovado por unanimidade pelos presentes, em nome da Assembléia, consagrou eleitos para um mandato de 3 (três) anos com direito a uma reeleição. Sendo do Conselho Fiscal: **RUBENS MENEZES COSTA**; **ADILSON D'ÁVILLA JR**, **MÁRCIO PAES SELLES**; Conselho Consultivo: **THEREZA ROSA DE CARVALHO**; **NADIA MENDELLA**; **PEDRO CARLOS DE OLIVEIRA LIMA**; **JORGE LUIZ DA SILVA CRUZ**, bem como, foi apresentado a Assembléia o Sr Adilson D'Avilla Jr, como diretor de projetos que após a apresentação, o indicado foi aprovado por unanimidade pelos presentes e empossado com mandato de 3 (três) anos. Os mandado de todos os eleitos acima tem por início outubro 2005 e término outubro 2008. A sessão foi interrompida pelo Presidente para que fosse lavrada a presente ata. Reaberta a sessão, foi esta mesma ata lida e aprovada pelo Presidente e pelo Secretário, que assinam:

1º OFÍCIO-SG

Maria Lúcia Ferreira Amaral Cruz
 Maria Lúcia Ferreira Amaral Cruz
 Presidente da Assembléia Geral

1º OFÍCIO-SG

Reginaldo Souza de Almeida
 Reginaldo Souza de Almeida
 Secretário da Assembléia Geral

São Gonçalo 05 de Outubro de 2005

REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
 1º OFÍCIO
 Reg. nº 2149 Lvo. 188
 Data 9/10/2005

ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA PROJETO ABOUSALGUEIRO

LISTA DE PRESENÇA REALIZADA EM 05 DE OUTUBRO DE 2005.



Presidente: Maria Lúcia Ferreira Amaral Cruz
MARIA LÚCIA FERREIRA AMARAL CRUZ

Vice-Presidente: Wellington Ribeiro Marques
WELLINGTON RIBEIRO MARQUES

Secretário: Reginaldo Souza de Almeida
REGINALDO SOUZA DE ALMEIDA

Tesoureiro: Itajacyra Sabino de Carvalho
ITAJACYRA SABINO DE CARVALHO

Sócio-efetivo: Osmarina da Conceição Vargas
OSMARINA DA CONCEIÇÃO VARGAS

Sócio-efetivo: Anderson da Motta Ferreira
ANDERSON DA MOTTA FERREIRA

Sócio-efetivo: Carlos Alberto da Silva Gomes
CARLOS ALBERTO DA SILVA GOMES

Sócio-efetivo: Genilton Conceição Muniz
GENILTON CONCEIÇÃO MUNIZ

Sócio-efetivo: Gerson Pinto de Sousa
GERSOM PINTO DE SOUSA

Sócio-efetivo: Gleydson Sousa de Oliveira
GLEYDSON SOUSA DE OLIVEIRA

Sócio-efetivo: Jaqueline da Silva Cruz
JAQUELINE DA SILVA CRUZ

Sócio-efetivo: Jorge Luiz da Silva Cruz
JORGE LUIZ DA SILVA CRUZ

Sócio-efetivo: Julio Cesar Cruz Carolino
JULIO CESAR CRUZ CAROLINO

Sócio-efetivo: Luciano Araújo Carvalho
LUCIANO ARAÚJO CARVALHO

Sócio-efetivo: Paulo José Sampaio
PAULO JOSÉ SAMPAIO

Sócio-efetivo: Maria José Pereira de Almeida de Oliveira
MARIA JOSÉ PEREIRA DE ALMEIDA DE OLIVEIRA

Sócio-efetivo: Paulo Roberto da Silva Gomes
PAULO ROBERTO DA SILVA GOMES

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA PROJETO AMOOSALGUEIRO

Sócio-efetivo: Miriam da Motta Reis Ferreira

MIRIAM DA MOTTA REIS FERREIRA

Sócio-efetivo: Roberta da Vitória

ROBERTA DA VITÓRIA

Sócio-efetivo: Therza Rosa de Carvalho

THEREZA ROSA DE CARVALHO

Sócio-efetivo: Osias Quirino Silveira

OSIAS QUIRINO SILVEIRA

Sócio-efetivo: _____

SHEILA UIARA BRANDÃO DA ROCHA

Sócio-efetivo: Rogério Gomes

ROGÉRIO GOMES

CARTÓRIO DO 1º OF. DE SÃO GONÇALO-REG.PUB. DE PESSOA JUR.

Apres. no dia 02/10/2006 p/averbação ao Registro No 22119
protoc. sob No 9012, averbado sob No 1 ao referido registro.
São Gonçalo, RJ, 02/10/2006. INVALIDO SOMENTE COM
Oficial: _____ SELO DE FISCALIZAÇÃO
Reginaldo J. da S. Netto - Titular Luiz Carlos Marcellos - Substituto

CARTÓRIO 1º OFÍCIO S. GONÇALO
Paulo Damasceno de Lima
Escrivente Autorizado
Tels: 2712-3172 ou 2712-2044

CARTÓRIO 1º OFÍCIO S. GONÇALO
Paulo Damasceno de Lima
Escrivente Autorizado
Tels: 2712-3172 ou 2712-2044



ANEXO 5

Edital Prêmio Itaú Social Unicef

11ª Edição Prêmio Itaú-Unicef - 2015

Educação Integral: Aprendizagem que transforma

- [Imprimir](#)
- [Baixar](#)

1. 11º PRÊMIO ITAÚ-UNICEF

1.1. O Prêmio Itaú-Unicef (“**Prêmio**”) é uma iniciativa da Fundação Itaú Social e do UNICEF. Seu objetivo principal é identificar, reconhecer e estimular parcerias entre Organizações da Sociedade Civil (“**OSCs**”) e Escolas Públicas (“**Escolas**”), no desenvolvimento de projetos socioeducativos, com participação social, que contribuam com as políticas públicas de Educação Integral para crianças, adolescentes e jovens brasileiros em condições de vulnerabilidade socioeconômica (“**Projeto**”).

1.2. O **Projeto** deve ser destinado a crianças, adolescentes e/ou jovens entre 6 (seis) e 18 (dezoito) anos, em condições de vulnerabilidade socioeconômica e deve estimular o desenvolvimento integral e a participação na comunidade.

1.2.1. As ações socioeducativas, no contexto do Prêmio Itaú-Unicef, concretizam a Educação Integral por meio de projetos com intencionalidade educativa que desenvolvidos pela parceria entre organizações da sociedade civil e escolas públicas – articulados com outros espaços do território -, asseguram a aprendizagem e o direito ao desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, de 6 a 18 anos

1.3. A inscrição será feita por **Projeto**, podendo cada OSC concorrer com um ou mais **Projetos**, diferentes, desde que realizados em parceria com as **Escolas**.

1.4. A coordenação técnica do **Prêmio** ficará sob a responsabilidade do Cenpec.

1.5. O processo de análise, seleção e premiação do **Prêmio** ocorrerá durante o prazo de 9 (nove) meses, a contar de 12 de março de 2015.

1.6. Para os fins de entendimento e interpretação deste regulamento, as siglas e principais termos constantes de seu teor estão definidos no item 8 – Glossário.

2. COMO PARTICIPAR

Quem pode concorrer?

2.1. Poderão concorrer, gratuitamente, ao **Prêmio** as **OSCs** que executem o **Projeto** em parceria com as **Escolas**.

A **OSC** responsável pelo **Projeto** deverá:

- a. ser não governamental;
- b. ter fins não lucrativos;
- c. ser constituída no Brasil, de acordo com a legislação brasileira, com sede no território nacional;
- d. ser responsável direta pelo **Projeto** inscrito, cuja implantação tenha sido iniciada em data anterior a 12/03/2014.

Quem não pode concorrer?

2.2. Não poderão **concorrer** ao **Prêmio**:

A. Organizações que:

- a. sejam governamentais;
- b. ofereçam ensino fundamental e/ou médio, tais como escolas privadas ou comunitárias;
- c. sejam empresariais, ou seja, criadas e mantidas exclusivamente por empresas, fundações/associações empresariais ou, ainda, grupos empresariais.

B. Projetos que:

- a. não atendam os requisitos dos itens 1.1 e 1.2 deste Regulamento
- b. não desenvolvam **Ações Socioeducativas** como expressas no subitem 1.2.1;
- c. apresentem alguma desconformidade com a legislação aplicável, em especial o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- d. tenham sido premiados nacionalmente nas edições de 2011 ou 2013 do **Prêmio**;
- e. tenham mais de 30% (trinta por cento) de sua receita anual custeada pela Fundação Itaú Social e/ou

pelo UNICEF;

f. sejam desenvolvidos por qualquer das entidades integrantes do Sistema S (vide o item 8.18 do glossário);

g. sejam destinados exclusivamente a substituir a **Escola**, assim entendidos os projetos que ofereçam ensino fundamental e/ou médio;

h. ofereçam exclusivamente:

i. cursos preparatórios aos exames vestibulares;

ii. cursos de qualificação profissional

iii. tratamento clínico, de reabilitação e terapias para crianças, adolescentes e jovens.

i. tenham sido iniciados em data posterior a 12/03/2014.

j. ainda não tenham sido iniciados.

k. sejam desenvolvidos por pessoas físicas que assumam isoladamente sua execução.

3. INSCRIÇÕES

Como se inscrever?

3.1. O regulamento e a ficha de inscrição estão disponíveis no site premioitaunicef.org.br.

3.2. Para se inscrever, a **OSC** deverá preencher integralmente a ficha de inscrição no site acima mencionado.

3.2.1. A **OSC** que estiver impossibilitada de acessar a ficha de inscrição disponibilizada no site mencionado acima e tiver interesse em se inscrever deverá entrar em contato com a equipe técnica do **Prêmio**, no telefone 0800 701 7104, para receber as instruções de como efetivar a inscrição.

3.2.2. Não serão aceitas inscrições transmitidas por fax ou e-mail.

3.3. O período de inscrições terá início às 19 horas do dia 12 de março de 2015 e se estenderá até às 23h59 do dia 04 de maio de 2015.

3.4. A data de inscrição será informada no protocolo gerado e enviado no e-mail cadastrado pela **OSC**.

3.5. A Fundação Itaú Social, o UNICEF e o Cenpec poderão solicitar, a qualquer momento, durante o período de vigência do **Prêmio**, documentos e comprovações relacionados aos **Projetos** inscritos e às parcerias mantidas entre as **OSCs** e **Escolas**, bem como quaisquer outros documentos e materiais complementares necessários para subsidiar os trabalhos de análise e seleção a cargo das comissões mencionadas neste regulamento. Cumpra às instituições parceiras, assim compreendidas **OSCs** e **Escolas**, atender às solicitações que lhes forem formuladas no prazo e forma definidos pelos solicitantes.

3.6. Eventuais irregularidades relacionadas aos requisitos de participação e à apresentação de documentos, constatadas a qualquer tempo, implicarão inabilitação do **Projeto**.

3.7. A inabilitação será comunicada à organização responsável pela inscrição, por carta enviada por correio, a qualquer momento durante o prazo previsto no subitem 1.5.

3.8. A inscrição efetivada implicará concordância integral da **OSC** e das **Escolas** com todos os termos e condições previstos neste regulamento.

4. AVALIAÇÃO E SELEÇÃO

Como serão avaliados os Projetos?

4.1. Os **Projetos** serão avaliados levando-se em conta sua qualidade e a parceria entre a **OSC** e a **Escola**.

4.2. Para os fins do processo de seleção previsto neste regulamento, serão consideradas as seguintes áreas geográficas (Regionais):

1. Regional Belém: Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Roraima e Rondônia;

2. Regional Belo Horizonte: Estado de Minas Gerais;

3. Regional Curitiba: Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina;

4. Regional Recife: Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe;

5. Regional Goiânia: Estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins e o Distrito Federal;

6. Regional Ribeirão Preto: interior do Estado de São Paulo;

7. Regional Rio de Janeiro: Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro;

8. Regional São Paulo: Grande São Paulo e litoral do Estado de São Paulo.

Quais as etapas de seleção?

4.3. O processo de seleção dos **Projetos** ocorrerá em 6 (seis) etapas:

1ª Etapa – análise das fichas de inscrição – abril a junho de 2015.

a) Objetivo – verificar a habilitação das **OSCs** e dos respectivos **Projetos** inscritos de acordo com os critérios definidos neste regulamento.

b) Procedimento

As **OSCs** inscritas serão agrupadas entre as 8 regionais, conforme descrito no subitem 4.2, conforme o local de execução de cada projeto;

A Comissão Organizadora analisará os dados apresentados nas fichas de inscrição relativos às **OSCs**, aos respectivos projetos e às parcerias, e serão aceitas apenas as inscrições realizadas de acordo com este regulamento.

2ª Etapa – agrupamento das **OSCs** classificadas na primeira etapa, de acordo com o porte financeiro – junho e julho de 2015.

a) Objetivo – assegurar que as **OSCs** concorram, nas fases regionais, com outras **OSCs** que tenham perfil financeiro semelhante.

b) Procedimento

A Comissão Organizadora fará o agrupamento das **OSCs** de cada Regional, em ordem crescente, de recursos financeiros anuais, respeitando as características econômicas regionais e procurando manter número equivalente de **OSCs** em cada um dos seguintes grupos:

- Grupo 1 – **OSCs** de microporte;
- Grupo 2 – **OSCs** de pequeno porte;
- Grupo 3 – **OSCs** de médio porte;
- Grupo 4 – **OSCs** de grande porte.

As **OSCs** serão classificadas em 4 (quatro) grupos, por Regional, de acordo com seu porte de recursos financeiros.

3ª Etapa – seleção regionalizada dos **Projetos** semifinalistas – julho e agosto de 2015.

a) Objetivo – selecionar até 160 (cento e sessenta) **Projetos** semifinalistas em âmbito nacional

b) Procedimento – cada **Projeto** será analisado por 2 (dois) avaliadores da respectiva Comissão de Seleção Regional, de acordo com os aspectos indicados no subitem 4.1.

Serão selecionados até 5 (cinco) **Projetos** de cada um dos grupos formados na 2ª etapa, resultando em até 20 (vinte) **Projetos** por Regional, que comporão o grupo de até 160 (cento e sessenta) **Projetos** semifinalistas em âmbito nacional.

Neste momento, serão solicitadas cópias dos seguintes documentos das **OSCs**:

- a. ato constitutivo (Estatuto) da **OSC** e eventuais alterações, devidamente formalizadas;
- b. ata da eleição da atual diretoria;
- c. comprovante de inscrição e regularidade no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (cartão do CNPJ);
- d. inscrição no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente ou, nos municípios onde não houver o referido Conselho, a apresentação de declaração escrita nesse sentido para a dispensa do documento.

Às **Escolas** parceiras serão solicitados os seguintes documentos:

- a. Regimento Interno da Escola Pública;
- b. Ato de nomeação do Diretor;
- c. o projeto político-pedagógico.

As **OSCs** e **Escolas** deverão apresentar a documentação citada anteriormente, no prazo determinado pela Comissão Organizadora por ocasião da solicitação.

A não apresentação da documentação conforme especificações e prazos estabelecidos acarretará a **não continuidade do Projeto** no processo seletivo do **Prêmio**.

4ª Etapa – seleção dos **Projetos** finalistas em âmbito Regional – setembro de 2015

a) Objetivo – selecionar até 32 (trinta e dois) **Projetos**

b) Procedimento – cada um dos **Projetos** semifinalistas será reavaliado por no mínimo 2 (dois) profissionais do respectivo Comitê Técnico Regional.

Será indicado, em reunião do Comitê Técnico Regional, até um **Projeto** de cada porte, em cada Regional, totalizando até 4 (quatro) **Projetos** finalistas por Regional e até 32 (trinta e dois) **Projetos** finalistas.

O Comitê deverá indicar também 4 (quatro) **Projetos** suplentes por Regional, um de cada porte, no caso de desclassificação pela Comissão Técnica de Visitas, conforme previsto na 5ª etapa de seleção.

5ª Etapa – visitas técnicas aos **Projetos** finalistas – setembro de 2015

a) **Objetivo**: confirmar a indicação do Comitê Técnico Regional para escolha dos **Projetos** finalistas em âmbito nacional.

b) **Procedimento** – cada um dos até 32 (trinta e dois) **Projetos** finalistas será visitado por um profissional da Comissão Técnica de Visitas, que apresentará relatório com elementos que ratifiquem a indicação efetuada na 4ª etapa de seleção dos **Projetos** finalistas, bem como dados adicionais que subsidiarão a avaliação da Comissão Julgadora. A Comissão Técnica de Visitas poderá propor a desclassificação do **Projeto** após a visita técnica, caso sejam constatadas desconformidades com as disposições previstas neste regulamento. Nesse caso, o **Projeto** suplente será visitado, conforme indicação do Comitê Técnico Regional na 4ª Etapa.

Os **Projetos** finalistas ratificados pela Comissão Técnica de Visitas serão considerados vencedores regionais e informados da classificação no momento da premiação regional.

6ª Etapa – seleção dos **Projetos** vencedores nacionais – outubro de 2015

a) **Objetivo** – selecionar os **Projetos** premiados em âmbito nacional.

b) **Procedimento** – a Comissão Julgadora avaliará os até 32 (trinta e dois) **Projetos** vencedores regionais e escolherá os vencedores nacionais. As **OSCs** e **Escolas** responsáveis pelos **Projetos** vencedores regionais serão agrupadas, independentemente das Regionais a que pertencerem, em ordem crescente de seus recursos financeiros anuais, nos seguintes grupos:

- Grupo 1 – **OSCs** de microporte;
- Grupo 2 – **OSCs** de pequeno porte;
- Grupo 3 – **OSCs** de médio porte;
- Grupo 4 – **OSCs** de grande porte.

Serão selecionados até 4 (quatro) vencedores nacionais, um de cada grupo, e um grande vencedor, totalizando até 5 (cinco) vencedores nacionais.

5. PREMIAÇÕES

Como serão as premiações?

Premiações Regionais

5.1. Em outubro de 2015, em datas a serem oportunamente divulgadas, ocorrerão os eventos das premiações regionais.

5.2. Os **Projetos** socioeducativos vencedores regionais serão anunciados pela Fundação Itaú Social e pelo UNICEF nos eventos das premiações regionais.

5.3. Cada uma das até 32 (trinta e duas) **OSCs** e 32 (trinta e duas) **Escolas** responsáveis pelos **Projetos** vencedores regionais receberá, como prêmio, o valor de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais).

5.4. O prêmio em dinheiro será entregue às **OSCs** e às **Escolas** responsáveis pelos **Projetos** vencedores regionais nas condições e prazo comunicados nos eventos de premiação de que trata o subitem 5.2 acima, mediante a assinatura do respectivo Instrumento de Doação.

5.5. O prêmio em dinheiro deverá ser destinado, exclusivamente, (a) no caso da **OSC**, para a manutenção ou ampliação dos **Projetos** vencedores regionais, e (b) no caso da **Escola**, para o fortalecimento e ampliação de ações de educação integral nesta. A não destinação dos recursos à finalidade mencionada acarretará no dever de a **OSC** e a **Escola** terem que proceder à sua devolução.

Premiação Nacional

5.6. Os **Projetos** vencedores nacionais serão anunciados pela Fundação Itaú Social e pelo UNICEF, em evento de premiação que ocorrerá em novembro de 2015, em data a ser oportunamente divulgada, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

5.7. Cada uma das **OSCs** e **Escolas** responsáveis pelos até 4 (quatro) **Projetos** vencedores nacionais receberão, além do prêmio previsto no subitem 5.3, um prêmio no valor de R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

5.8. A **OSC** e a **Escola**, responsáveis pelo **Projeto** grande vencedor receberão, cada uma, além do prêmio previsto no subitem 5.3, um prêmio no valor de R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais).

5.9. Dentro do prazo de 15 (quinze) dias a contar da divulgação mencionada no subitem 5.6 acima, cada uma das **OSCs** e **Escolas** responsáveis pelos **Projetos** vencedores nacionais e

pelo **Projeto** grande vencedor, deverão apresentar à Comissão Organizadora o Plano de Utilização de Recursos vinculado ao respectivo.

5.10. No prazo de 30 (trinta) dias a contar da divulgação mencionada no subitem 5.6 acima e desde que o Plano de Utilização de Recursos tenha sido devidamente apresentado e aprovado, os prêmios em dinheiro serão entregues às **OSCs** e **Escolas** mencionadas no subitem 5.9 acima, mediante assinatura do respectivo Instrumento de Doação.

5.11. Os prêmios deverão ser destinados, exclusivamente, para as finalidades previstas no subitem 5.5 deste Regulamento, de acordo com o Plano de Utilização de Recursos aprovado, sob pena de a **OSC** e a **Escola** terem que proceder à sua restituição.

5.12. As **OSCs** e **Escolas** premiadas deverão apresentar, à Fundação Itaú Social, (relatórios de prestação de contas, devidamente acompanhados dos comprovantes fiscais, demonstrando a utilização de recursos recebidos e aplicados em favor de ações de Educação Integral de crianças, adolescentes e jovens.

6. DIVULGAÇÃO

6.1. A Fundação Itaú Social e o UNICEF e/ou o Cenpec, por si ou por terceiros, divulgarão o **Prêmio**, bem como seus resultados, em quaisquer locais e a quaisquer pessoas, desde seu lançamento e durante todo o seu processamento, inclusive após a divulgação de seus resultados e a distribuição dos prêmios, em todas e quaisquer mídias e meios de comunicação, a seu exclusivo critério, inclusive naquelas indicadas neste regulamento.

6.2. Diante do disposto no subitem 6.1 acima, cada uma das **OSCs** e **Escolas** inscritas concedem, em caráter gratuito, não exclusivo, irrevogável e irretroatável, à Fundação Itaú Social, ao UNICEF e ao Cenpec, o direito de utilizarem, isolada ou conjuntamente, total ou parcialmente, por si ou por terceiros, sob qualquer meio ou forma:

- a. sua denominação social, marcas e/ou sinais distintivos de sua titularidade e/ou por elas utilizados;
- b. imagens dos ambientes internos e externos de sua(s) sede(s)/filial(is) e locais de implantação dos **Projetos** inscritos;
- c. título(s) e descritivo(s) de seu(s) **Projeto(s)** de acordo com as respectivas fichas de inscrição no **Prêmio** (“Direitos”), com revisão realizada pela Fundação Itaú Social, UNICEF e/ou Cenpec.

6.2.1. A Fundação Itaú Social, o UNICEF e/ou o Cenpec poderão usar os Direitos, direta ou indiretamente, total ou parcialmente, em conjunto ou separadamente, de forma não comercial ou institucional, em todos e quaisquer materiais, mídias, meios, ações e/ou atividades que tenham por finalidade divulgar o **Prêmio**, bem como seus resultados, sem qualquer restrição ou limitação, inclusive de espaço, idioma, quantidade de exemplares, número de impressões, emissões, transmissões, retransmissões, edições, reedições, divulgações e/ou veiculações.

6.2.2 Para realizar os usos dos Direitos na forma prevista no subitem 6.2.1, a Fundação Itaú Social e o UNICEF e/ou o Cenpec poderão, por si ou por terceiros:

- (i) fixar e reproduzir os Direitos por meio de qualquer processo de captação de imagens e/ou sons ou em quaisquer suportes tangíveis, inclusive por meio de fotografia, áudio, obras audiovisuais ou processos assemelhados, inclusive em eventuais fotografias e/ou obras audiovisuais dos eventos de premiação e visitas técnicas referidas neste regulamento;
- (ii) divulgar, veicular e/ou exibir os Direitos, de forma privada ou pública, em todos e quaisquer materiais, ações ou atividades indicados no subitem 6.2.1, inclusive em quaisquer mídias, meios físicos, eletrônicos, virtuais, sonoros e/ou digitais, tais como na internet (inclusive no site indicado no subitem 3.1 e no www.educacaoeparticipacao.org.br, em quaisquer mídias, redes e comunidades virtuais), revistas, jornais e outras mídias impressas de qualquer natureza (inclusive nas referidas no subitem 6.1), rádio, televisão e cinema;
- (iii) distribuir, de forma não comercial, todos e quaisquer materiais, suportes, ações ou atividades nos quais os Direitos estejam incluídos, a quaisquer pessoas e em quaisquer locais; e
- (iv) armazenar os Direitos em computador ou em outro meio físico, para que se possa realizar os usos previstos no item 6 e em seus subitens, ou, ainda, para fins de arquivo.

6.3. A autorização de que trata o subitem 6.2.2 será válida no Brasil e no exterior, por todo o prazo de processamento do **Prêmio** e por mais 20 (vinte) anos, a contar de seu término.

6.4. A disposição, diagramação, ordenação, reordenação, compactação, edição, montagem e editoração dos Direitos ou de qualquer suporte em que eles estejam ou venham a ser incluídos serão realizadas pela Fundação Itaú Social, pelo UNICEF e/ou pelo Cenpec, por si ou por terceiros, a seu exclusivo

critério. Todos e quaisquer suportes, materiais, mídias ou outros meios indicados neste regulamento, inclusive nos subitens 6.2.1 e 6.2.2, poderão ser contratados, desenvolvidos e/ou criados pela Fundação Itaú Social, pelo UNICEF e/ou pelo Cenpec, por si ou por terceiros, e pertencerão a eles exclusivamente.

6.5. A Fundação Itaú Social, o UNICEF e/ou o Cenpec poderão autorizar o uso dos Direitos, total ou parcialmente, a quaisquer terceiros, inclusive a quaisquer empresas controladas, direta ou indiretamente, pela Itaúsa – Investimentos Itaú S.A., bem como a outras entidades ou fundações que tenham referidas empresas como mantenedoras, desde que para os fins de divulgação e implementação do **Prêmio**.

6.6. As **OSCs** e **Escolas** deverão (i) respeitar os direitos de qualquer participante dos **Projetos** a qualquer título, inclusive os direitos morais de todos e quaisquer autores de obras intelectuais e artistas intérpretes e/ou executantes que tenham participado dos **Projetos** relacionados ao **Prêmio**, (ii) fazer constar de seus **Projetos**, assim como de quaisquer materiais correlatos, o nome, pseudônimo ou sinal convencional das pessoas físicas que tiverem participado da criação de seus **Projetos** ou de qualquer obra intelectual/interpretação neles incluídas ou a eles relativas, fazendo referência às respectivas funções/atividades por elas desempenhadas, (iii) obter as autorizações e cessões necessárias para a inscrição dos **Projetos** no **Prêmio**, bem como para permitir sua divulgação na forma aqui prevista, e (iv) fornecer à Fundação Itaú Social e ao UNICEF e/ou ao Cenpec, sempre que solicitado, todos os nomes/pseudônimos/sinais convencionais das pessoas indicadas em (ii) acima, juntamente com suas respectivas funções/atividades desempenhadas, para que possam ser corretamente mencionados na divulgação do **Prêmio**, bem como de seus resultados.

6.7. As **OSCs** e **Escolas** deverão responder exclusivamente por todos e quaisquer danos causados à Fundação Itaú Social, ao UNICEF, ao Cenpec e/ou a terceiros em decorrência da violação de quaisquer direitos de terceiros, especialmente de quaisquer participantes dos **Projetos**, inclusive de direitos de propriedade intelectual e de personalidade.

6.8. A Fundação Itaú Social, o UNICEF e o Cenpec eximem-se de toda e qualquer responsabilidade relativa a qualquer uso indevido dos Direitos que seja realizado por quaisquer pessoas que tenham acesso a quaisquer materiais, inclusive de divulgação, relativos ao **Prêmio**, especialmente em sites como YouTube, Facebook ou comunidades virtuais de qualquer natureza.

7. DISPOSIÇÕES GERAIS

7.1. As **OSCs** e **Escolas** que tenham seus **Projetos** classificados, isto é, apresentem-se de acordo com as regras deste regulamento, serão convidadas a participar das ações de formação que ocorrerão em 2016.

7.2. A Central de Atendimento do **Prêmio** estará disponível durante o prazo de processamento mencionado no subitem 1.5 para prestar esclarecimentos de 2ª a 6ª feira, das 9h00 às 18h00, pelo número 0800 701 7104.

7.3. Os integrantes de qualquer das comissões que participem do processo de seleção dos **Projetos** não poderão ter nenhum vínculo com as **OSCs** e **Escolas** cujos **Projetos** sejam objeto da avaliação da comissão à qual pertencem.

7.4. As situações não previstas neste regulamento serão analisadas e decididas conjuntamente pela Fundação Itaú Social, UNICEF e Cenpec.

7.5. As decisões da Comissão Organizadora, assim como das demais comissões que compõem o processo de seleção do **Prêmio** serão soberanas, sendo vedada a interposição de recursos.

8. GLOSSÁRIO

8.1. 11º Prêmio Itaú-Unicef – edição que ocorre em 2015/2016.

8.2. ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais.

8.3. CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

8.4. Comissão de Seleção Regional – constituída em cada uma das Regionais, por representantes das áreas de Educação, Assistência Social, Cultura e de Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente prioritariamente, indicados pela UNDIME, CONGEMAS, Fundação Itaú Social, UNICEF e Cenpec.

8.5. Comissão Julgadora – constituída por representantes da Fundação Itaú Social, UNICEF, Cenpec, Undime, Congemas, Futura, Consed, Conanda, Ministério da Educação, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, GIFE, ABONG, Todos pela Educação, representantes de

universidades e personalidades de notável experiência na área dos direitos da infância e da adolescência.

8.6. Comissão Organizadora – constituída por representantes da Fundação Itaú Social, UNICEF e Cenpec.

8.7. Comissão Técnica de Visitas – composta por educadores e profissionais da equipe técnica do Cenpec.

8.8. Comitê Técnico Regional – constituído em cada uma das Regionais, por representantes de institutos, fundações, universidades, organizações governamentais e da sociedade civil, agências financiadoras e profissionais de reconhecida atuação nas áreas de Educação, Assistência Social, Esporte, Cultura e afins, indicados pela Fundação Itaú Social, UNICEF e Cenpec.

8.9. CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

8.10. CONGEMAS – Colegiado Nacional de Gestores Municipais da Assistência Social.

8.11. CONSED – Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação.

8.12. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990).

8.13. GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas.

8.14. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996).

8.15. OSCs – pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos que não distribui, entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores, eventuais resultados, sobras, excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e que os aplica integralmente na consecução do respectivo objeto social, de forma imediata ou por meio da constituição de fundo patrimonial ou fundo de reserva.

8.16. Parceria – é um compromisso compartilhado entre indivíduos e instituições, baseado em valores, visão e objetivos comuns para a realização de intervenções que contribuam com o desenvolvimento do potencial inerente a um grupo ou território.

8.17. Plano de Utilização de Recursos – documento a ser elaborado e apresentado pelas **OSCs** e **Escolas** responsáveis pelos **Projetos vencedores** nacionais e o grande vencedor, à Comissão Organizadora, o qual deverá conter, no mínimo, descrição e cronograma das etapas de aplicação dos prêmios em dinheiro nos **Projetos** vencedores e relato sobre os resultados esperados decorrentes do uso de tais recursos.

8.18. Sistema S – composto por entidades de direito privado, constituídas a partir de contribuições previstas em lei para empresas da categoria: SENAC, SESC, SENAI, SESI, SENAT, SEBRAE, SENAR, SEST, SESCOOP e outros.

8.19. Todos pela Educação – movimento que congrega a sociedade civil organizada, educadores e gestores públicos e tem como objetivo contribuir para que o Brasil garanta a todas as crianças e jovens o direito à educação básica de qualidade.

8.20. UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação.

8.21. UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.



- [Baixar](#)
- [Imprimir](#)

BOLETIM INFORMATIVO

Cadastre-se e acompanhe as informações da plataforma

ASSINAR

Extraído do site: <https://educacaoeparticipacao.org.br/premio-itaú-unicef-regulamento/>

ANEXO 6

Edital Ponto de Cultura do Estado do Rio de Janeiro

Edital: Chamamento e seleção de entidades para a ampliação da "Rede de pontos de cultura do programa Cultura Viva no Estado do Rio de Janeiro"

Valor: R\$ 6.120.000,00 (seis milhões cento e vinte mil reais)

Descrição: tem por objeto apoiar, por meio de repasse de recursos financeiros do Programa Cultura Viva - Pontos de Cultura no valor de R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais) a 34 (trinta e quatro) propostas de instituições da sociedade civil sem fins lucrativos, com atuação comprovada em atividades relacionadas ao objeto proposto. Para esta seleção serão priorizados projetos de instituições com atuação em municípios que não possuem Pontos de Cultura, ou que possuem poucos. As propostas encaminhadas serão avaliadas de acordo com os seguintes grupos de prioridade:

Grupos Prioritários	Metas de implementação
Grupo 1: Cidades que não possuem Pontos de Cultura	17
Grupo 2: Cidades que possuem de 1 a 3 Pontos	10
Grupo 3: Cidades que possuem de 4 a 12 Pontos	5
Grupo 4: Cidades que possuem acima de 12 Pontos	2
TOTAL	34 novos pontos

Antes de iniciar a sua inscrição, leia atentamente o EDITAL, finalizada a inscrição acompanhe o CRONOGRAMA das etapas previstas

A inscrição é gratuita e **aberta apenas a pessoas jurídicas**, sediadas no Estado do Rio de Janeiro, através do preenchimento dos formulários de inscrição disponíveis no sítio da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.

INSTRUÇÕES

Antes de iniciar sua inscrição no Sistema online dessa Chamada Pública, leia a CARTILHA DE ORIENTAÇÃO e conheça o modelo de Cadastro do Projeto.

MODELO DE CADASTRO DO PROJETO

Recomendamos que todas as informações necessárias à inscrição do projeto sejam previamente organizadas em um documento de texto (ex.: Libre Office, Note, Word) e depois copiadas nos campos do formulário on-line. Desta forma, a inscrição de seu projeto será feita de modo mais ágil e facilitado.

Antes de iniciar a inscrição, faça download dos modelos dos documentos obrigatórios à inscrição e preencha-os conforme orientação constante em cada um. Fique atento às instruções que estão no texto da Chamada Pública.

Inscrição do projeto em 10 passos:

- 01 - Tenha em mãos os dados do proponente e do projeto;
- 02 - Faça download dos arquivos Anexos Obrigatórios e preencha tudo antes de começar a inscrição online;
- 03 - Clique no botão "Inscreva-se";
- 04 - Preencha o cadastro de proponente de acordo com o Modelo de **Cadastro de Proponente** e, ao fim, clique em "Continuar";
- 05 - Preencha o **cadastro do projeto**;
- 06 - Anexe os Documentos Obrigatórios e a Documentação Complementar, se for o caso;
- 07 - Durante o preenchimento dos cadastros, utilize o botão "Salvar e Continuar Depois" para garantir o salvamento das informações lançadas;
- 08 - Clique em "Concluir" para enviar a inscrição do projeto somente após a conclusão dos cadastros, pois não serão aceitas modificações posteriores;
- 09 - Imprima o comprovante de inscrição e os cadastros do proponente e do projeto.

ANEXOS OBRIGATÓRIOS PARA A INSCRIÇÃO:

- Anexo I - Requerimento
- Anexo II - Formulário de inscrição (detalhamento)
- Anexo III - Plano Orçamentário
- Anexo IV - Plano básico de divulgação
- Anexo V - Relatório de atividades
- Anexo VI - Declaração do representante da instituição
- Anexo VII - Declaração de compromisso de entrega da documentação
- Anexo VIII - Modelo de atestado de funcionamento
- Anexo IX - Declaração sobre projeto similar
- Anexo X - Modelo de carta de chancela
- Anexo XI - Declaração sobre adequação de espaço
- Anexo XII - Carta de anuência do Comitê Gestor

FORMULÁRIOS COMPLEMENTARES

- Anexo XIII - Formulário de interposição de recurso

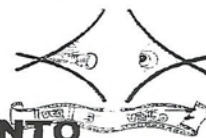
Para inscrição clique no botão abaixo:



Extraído do site: <http://www.cultura.rj.gov.br/editais/CP0052014.php>

ANEXO 7

Plano de Desenvolvimento Comunitário



PDC -PLANO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

O QUE É ?

É uma iniciativa do P.A.S– Projeto Amo Salgueiro e o Ver se Vendo, com o objetivo de conhecer e reconhecer as necessidades e anseios da comunidade em que moramos.

QUEM SOMOS ?

Somos um projeto sócio cultural educativo, que vem ao longo do tempo, trabalhando com arte, educação e prevenção, ecossistema, através de diversas atividades: teatro, dança, rua, grafite, capoeira, jongo, vídeo-fotos, artesanato, histórias infantis, quadrilha de salão, eventos culturais e regate as brincadeiras de rua.

O QUE PROPOÊ ?

.É um projeto que venha atender as necessidades da comunidade.
 .Que a própria comunidade sinta-se participante e que a sua voz tenha eco e possíveis resultados.
 .Tratar e retratar cada parte abordada na pesquisa .
 .Transformar essas informações coletivas em reivindicações as autoridades e instituições em todas as esferas(Municipal, Estadual e Federal).
 .Reivindicar ou canalizar recursos públicos para reais carências da mesma.

A QUEM SE DESTINA ?

.A todos os moradores destas comunidades desfavorecidas, não carentes.
 .Aos Responsáveis, sabemos que nem todas as crianças tem uma família formal (pai, mãe,avó etc.). Acreditamos que inuitas vezes o pai pode ser o avô, ou o irmão mais velho, tio, a mãe pode ser a avó, uma tia, irmã ou até uma vizinha que toma conta.
 . A Líderes seculares e religiosos, que tem uma missão nesta comunidade.
 .Comerciantes que investem no progresso e crescimento da comunidade.
 .Mulheres guerreiras, crianças, adolescentes, jovens e idosos.
 .Os profissionais que vem de fora trabalhar e contribuir com a mesma.

O QUE ESPERAMOS

.Unidade de pensamentos nas necessidades e anseios.
 .Mais respeito mútuo nas adversidades: religiosas, políticas, cor, sexo etc.
 .Oportunidade da Comunidade em Ver e se Ver no outro.

.....
Acreditamos que potencializamos pessoas para de fato apresentar e representar a mesma, como merece ser apresentada, pelo que é, e tem, o que faz e o que podemos fazer.

Sede do P.A.S -Rua Francisco José da Cunha 170- parte – Salgueiro – São Gonçalo –RJ- 24.475010 - Tel. 3710 1516
 Email: pamosalgueiro@bol.com.br Site: www.pas-projetoamosalgueiro.com



P.A.S
PROJETO AMO SALGUEIRO
São Gonçalo - RJ
Fundado em 1999



CARDAPIO: FEIJOADA
Dia 14 de Junho
Horário: 12:00 às 14:00 hs

Uma Deliciosa Feijoada

Espaço Cultural Jorge Canela
End: Rua Francisco José da Cunha nº 170 parte - Tel: 3710-1516



EVENTO PAS NA RUA – FAMÍLIA E COMUNIDADE



GINCANA DA CAPOEIRA



SAMBA DE RODA - CAPOEIRA



MACULELÊ



EVENTO PAS NA RUA – FAMÍLIA E COMUNIDADE



DANÇA DE SALÃO



ATIVIDADE JONGO



FUNDADOR DO PROJETO AMO SALGUEIRO

ANEXO 9

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulado(a) *O estudo de caso do Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ): A associação da Sociedade Civil e da Pedagogia da Margem em 20 anos de História*, conduzida por Rejane Baptista do Nascimento. Este estudo tem por objetivo entender a trajetória cultural de 20 anos de história do PAS.

Você foi selecionado(a) por ser participante desta trajetória. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Sua participação na pesquisa não será remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista de no máximo uma hora no local que for mais conveniente (sede do PAS, casa do participante, local de trabalho, estudo e o registro será feito por meio de áudio

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Rejane Baptista do Nascimento, celular 98423-4879, e-mail rejanebaptista0501@gmail.com, de modo a facilitar a comunicação.

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524 – sala 7.003-D, Maracanã, Rio de Janeiro, CEP 20559-900, telefone (21) 2334-0235, ramal 108. E-mail: cep-ims@ims.uerj.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

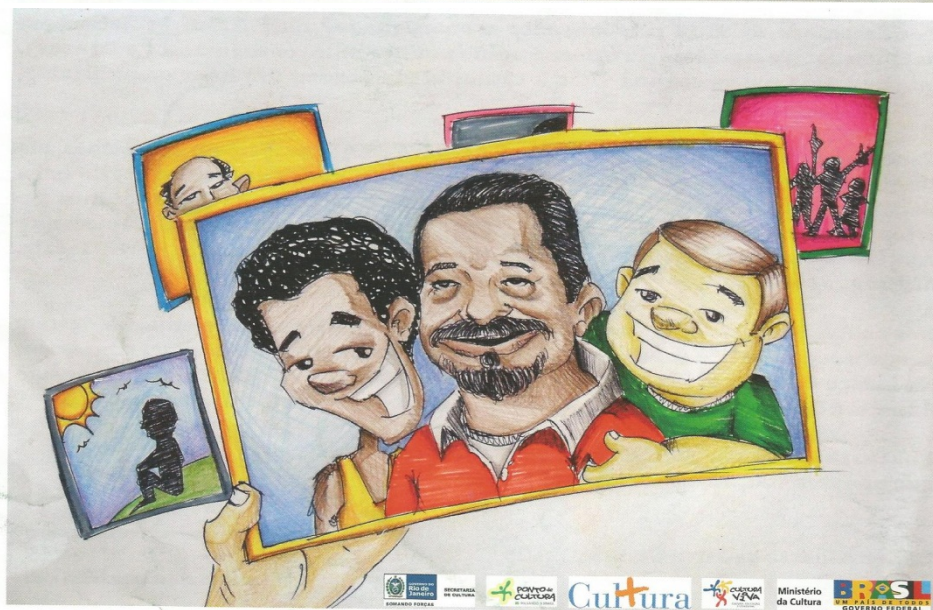
Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) : _____

ANEXO 10

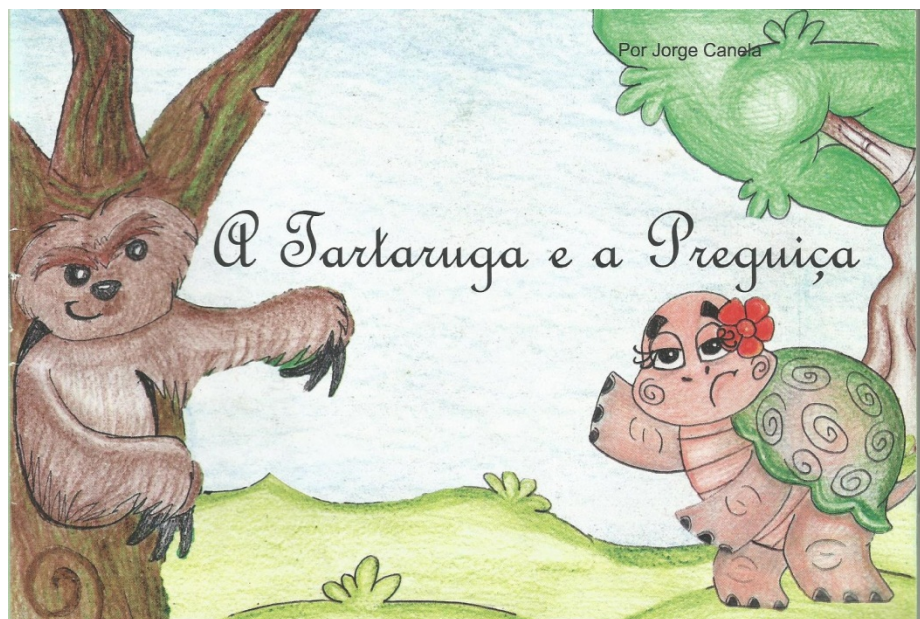
LIVRETOS DO PONTO DE CULTURA – PRODUTO PARA O ESTADO



Legenda: Livro do 1º ano do Ponto de Cultura – conta a história do Salgueiro sob o ponto de vista do seu mais ilustre Salgueirense, o educador Jorge Canela. Este livreto era usado na escola municipal parceira para trabalhar a história do lugar nos conteúdos de História do currículo.



Legenda: Livro do 2º ano do Ponto de Cultura – conta a história dos bichos que existiam no Salgueiro e agora estão extintos. Este livreto era usado nas oficinas do PAS para recontar a história da fauna do lugar.



Legenda: Livro do 3º ano do Ponto de Cultura – Reconta uma fábula traduzindo-a para a realidade do Salgueiro. Este livreto era usado nas oficinas do PAS para recontar a história da flora e da fauna do lugar.

ANEXO 11**LETRAS DAS MÚSICAS QUE SEMPRE APARECEM NOS VÍDEOS DO PAS****Velha Cicatriz – Paulinho da Viola**

Nós convidamos essa massa aí
Pra ser feliz ao menos uma vez
Pra escolher a sua direção
E obedecer somente ao coração

Nós convidamos essa massa aí
Pra de uma vez tomar o seu lugar
E nunca mais deixar escapulir
O tempo de sorrir
O tempo de cantar

Nós convidamos essa massa aí
Pra esquecer a velha cicatriz
E entoar bem forte essa canção
Soltar de vez a força da paixão

Nós convidamos essa massa aí
Pra defender as emoções reais
Plantar a paz para colher amor
Deixar crescer a flor de nossos ideais

Dê o seu melhor – Raiz Coral**Pare um minuto, olhe ao seu redor**

Perdemos tanto com medo de sorrir
Porque há tão pouca emoção
Se um sorriso amigo faz outro existir

É tempo de se estender a mão
Pois buscamos juntos a mesma solução
Não devemos desanimar, um mundo melhor
Só depende de nós

Dê o seu melhor,
Isso é o que Deus quer
Faça alguém feliz
E alguém também,
Fará por você

Pessoas vão sem direção
Nenhum ombro amigo
Um pouco de atenção
Mas devemos ver com o coração
Que dar é bem melhor que receber

Dê o seu melhor,
 Isso é o que Deus quer
 Faça alguém feliz
 E alguém também,
 Fará por você

Dê o seu melhor,
 Isso é o que Deus quer
 Faça alguém feliz
 E alguém também, por você

E alguém também fará por você

E Jesus já fez
 Por você

Eu sou Favela – Seu Jorge

A favela, nunca foi reduto de marginal
 A favela, nunca foi reduto de marginal

Ela só tem gente humilde Marginalizada e essa verdade não sai no jornal

A favela é, um problema social
 A favela é, um problema social

Sim mas eu sou favela
 Posso falar de cadeira
 Minha gente é trabalhadeira
 Nunca teve assistência social
 Ela só vive lá
 Porque para o pobre, não tem outro jeito
 Apenas só tem o direito
 A salário de fome e uma vida normal.

Rap do Salgueiro - Claudinho & Buchecha

Eu sou pobre, pobre, pobre, pobre de marré
 Mas sou rico, rico, rico, rico de mulher
 Eu sou pobre, pobre, pobre de marré de si
 Eu sou Mc Claudinho, sou Buchecha estou aqui

REFRÃO

Olê, Olá
 Salgueiro vem com pira e a
 Força vai chegar iê
 Eu quero ver, abalar, sacudir a massa
 Arrepiar
 Agitar o mundo, vamos navegar
 O Salgueiro Força e Pira, ninguém pode parar

A curtição do funk, cada vez melhor
 A massa se reúne, em um motivo só
 Dançar a dança do canguru e da cabeça
 E dançar a dança da bundinha não se esqueça
 Salgueiro, Força e Pira aplaudem essa emoção
 De corpo e alma, na palma da mão
 Levando as galeras a lutarem com firmeza
 Pela paz nos bailes que curtir é uma beleza
 As mulheres lindas que tem no Brasil
 Fonte de riqueza, quem provou já viu
 Que não existe nada igualável no país
 Nem ouro nem a prata, faz o homem mais feliz

REFRÃO

No jogo do pecado eu vou arrebentar
 Nesse trem fantasma eu vou me acabar
 E cada momento nesse dia eu lembrarei
 Toda a importância, eu vou me sentir um rei
 Faz bem curtir a vida com a razão de ser
 Zoa na moral. Deixo o Funk te envolver
 Por isso agora quero ver animação
 Trazendo a alegria de viver com emoção

REFRÃO

Um homem consciente age sempre na moral
 Com uma mina do lado, num clima divinal
 É hora do funkeiro demonstrar o seu valor
 Anunciar ao mundo a nobreza do amor
 As galeras irão se unir diante do prazer
 Solte essa riqueza que existe em você
 A massa acha resposta quando encontra um negão
 Zoando rebolando suando no salão
 Neste exato momento me aproximo da razão
 No escuro levo a paz como iluminação
 Menina me envolve com o seu febril olhar
 Balança teu corpinho no salão que eu vou passar
 REFRÃO

Boassú, Boa Vista, Young Flu
 Vianna e Madama, Paiva, Trovão Azul
 Martins, Catarina, Jóquei, Arsenal
 Cruzeiro, Pecado, Caçador, Central
 Responsas do outro lado que provocam
 Eclosão
 Irmãos lá da Mineira, Salgueiro é sangue bom
 Galeras que agitam com união
 Massa Funkeira arrebentação,
 Oh Yes

ANEXO 12

O logotipo do PAS



P . A . S
PROJETO AMO O SALGUEIRO

São Gonçalo - RJ
Fundado em 1995

ANEXO 13

REPORTAGEM - VIOLÊNCIA EXPLODE

BELTRAME: 'TEM GENTE DA PM QUE NÃO QUER A UPP'**Área de Niterói e São Gonçalo teve maior aumento de mortes. Secretário de Segurança diz que números são 'péssimos'.**

SÃO GONÇALO ■ NITERÓI ■ ITABORAÍ

extra.globo.com

RIO DE JANEIRO
QUINTA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 2016
ANO XIX NÚMERO 7.205

EXTRA
18 ANOS

ISSN 1135-5147
9 772174 514005

RS 1,25

'A OSTENSIVIDADE DAS ARMAS É OBSCENA'

VIOLÊNCIA EXPLODE

BELTRAME: 'TEM GENTE DA PM QUE NÃO QUER A UPP'

Área de Niterói e São Gonçalo teve maior aumento de mortes. Secretário de Segurança diz que números são 'péssimos'. **PÁGINA 3**

Secretário reconhece problemas em áreas pacificadas

	HOMICÍDIO DOLOSO	ROUBO DE CELULAR	ROUBO À PEDESTRE	ROUBO DE VEÍCULO
Abril de 2015	339	890	5.551	2.690
Abril de 2016	471	1.461	6.797	3.263
Diferença	38,9%	64,2%	22,4%	21,3%

Lava Jato condena Dirceu a 23 anos de cadeia

Punição a ex-ministro é a maior aplicada pelo juiz Moro. Defesa fala que pena é 'prisão perpétua'. **PÁGINA 8**

ENTREVISTA

JOSÉ MARIANO BELTRAME

'Tem gente na PM que faz corpo mole'

Diante do aumento de crimes, secretário reclama de parte da polícia que não quer as UPPs

Rafael Soares
rafael.soares@extra.net.br

José Mariano Beltrame está preocupado. Segundo avaliação do próprio secretário de Segurança do estado do Rio, os indicadores de segurança de abril, que ele recebeu esta semana do Instituto de Segurança Pública (ISP), estão "péssimos". Em relação a abril do ano passado, os homicídios dolosos (com intenção de matar) aumentaram 38,9% e os roubos de rua, 29,4%. Já é o terceiro mês seguido de piora nos principais índices. Em seu gabinete no Centro Integrado de Comando e Controle, na Cidade Nova, Beltrame afirmou, em entrevista ao EXTRA, que a polícia está desmotivada pelos atrasos nos pagamentos dos agentes, reconheceu "problemas" nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e reclamou que "tem gente na PM que não abraçou" as UPPs.

Há problemas de gestão nas polícias?

Claro que tem. Numa série de lugares, tínhamos um olhar, agora temos que ter outro. Os números aumentaram muito em São Gonçalo, Queimados, Rio das Ostras, Campos. São Gonçalo sempre foi um problema, mas agora extrapolou. Mas nesses outros lugares, vimos ter que mudar nossa estratégia de policiamento. Não vão mudar as pessoas, mas vamos olhar de forma diferente. Nesse momento, representantes das polícias Civil e Militar estão reunidos para estancar esse pico nos indicadores.

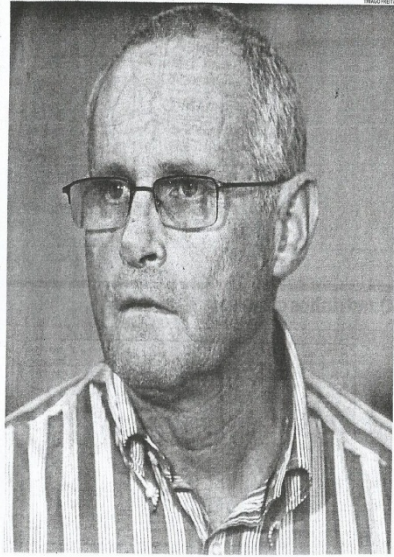
Tireteiros são diários em áreas com UPPs, sete anos depois do início do projeto. Por quê? Nóstemos lugares com problemas no Jacaré, no Chapéu-Mangueira e na Providência. Nos dois últimos, a situação está controlada, mas ainda há traumas do nosso trabalho ali. Mas vou te dizer algo: se ninguém

O senhor acredita que a polícia não realiza alguns projetos propostos pela secretaria?

Eu acho que pode acontecer. Qualquer instituição tem grupos. Não é toda a PM que abraçou o projeto das UPPs. Tem gente na PM que não quer UPP. Uma maioria, que já subi morro, que já trocou tiro, que já enterrou companheiros, quer. Mas tem gente que faz corpo mole. Isso acontece em todo serviço público, mas acaba prejudicando a polícia e o serviço. Quanto maior a união, melhor o resultado.

«Uma maioria (de policiais) quer (UPP). Mas tem gente que faz corpo mole»

O senhor ainda acredita nas UPPs? Acha que o projeto sobrevive ao seu período no secretário? Acredito, porque o Rio não vai ter outra alternativa, a não ser sedimentar esse programa. Só se, algum dia, esses locais também passarem a ser amplamente patrulhados. Enquanto esses lugares não forem abertos, o Rio não tem outra alternativa a não



«Um aspecto forte é a desmotivação dos policiais, que não recebem em dia»

Os principais indicadores pioraram no estado. Por quê? A crise econômica atingiu bastante a segurança. Temos uma diminuição de efetivo policial sem o pagamento do RAS (Regime Adicional de Serviço), de 300 a 400 homens a menos por dia. Quase um terço da frota da Polícia Civil não sai para os ruas por economia de combustível. Mas um aspecto forte é a desmotivação dos policiais, que não recebem em dia, não receberam o 13º, pararam de receber o RAS e estão há três meses sem receber pelo sistema de metas. Isso faz uma diferença enorme.

vou te dizer algo, se imagina persuadir a juventude, deixar a juventude ocupada, se outros poderes não entrarem ali, esses problemas vão voltar, tudo vai acontecer de novo.

Há três semanas, o EXTRA mostrou que dois terços dos tiros dados pela polícia em áreas consideradas pacificadas são de fuzil. Por que essa situação se mantém?

Não vou garantir que não vai ter fuzil nessas áreas. Não há como dizer isso. Não há como dizer que não vai ter tiro no Alemão, na Rocinha, no Fallet. O que há é a falta de PMs em certos lugares. Temos carência de policiamento em algumas UPPs, mas vamos tentar recuperar com a formatura dos praças que estão no curso de formação. Mas não tem como dizer que não vai ter mais arma nesses lugares.

Beltrame culpa crise econômica, falta de investimento social e até de iluminação por criminalidade

Em entrevista recente, o senhor disse que "prender não adianta mais". O que adianta, então?

Fazer com que as penas tenham caráter exemplar; O que adianta é o preso passar por processos de ressocialização que realmente socializem. A prisão não impõe mais respeito. É difícil falar isso. Não falar que o Beltrame está tirando a responsabilidade dele. Absolutamente. O que eu estou vendo é que a gente prende pessoas, e o crime aumenta proporcionalmente ao número de prisões. Algo está errado. As pessoas dizem: "A polícia não funciona". Mas temos resultados operacionais até bastante altos. Isso não está bastando.

Beltrame culpa crise econômica, falta de investimento social e até de iluminação por criminalidade

A menos de três meses das Olimpíadas, há uma guerra de facções na Zona Norte. É possível impedir isso?

É muito difícil, porque é um problema ideológico das facções. A ocorrência desse tipo de coisa é só mais um motivo para continuarmos com o projeto das UPPs. O Playboy (Celso Pinheiro Pimenta, ex-chefe do tráfico do Complexo da Pedreira, morto em 2015) fez o que fez em área que não era pacificada. O programa não pode parar, mesmo que ainda se tenha o tráfico. Sempre disse que o tráfico não era o nosso problema. Nosso problema é a ostensividade obscena das armas, que, de certa forma, estamos neutralizando. No Juramento, a população está à mercê de uma luta de dois imperadores, o estado não está lá.

Na semana passada, o senhor prometeu como solução para a quantidade de assaltos na Linha Amarela algo que já havia proposto em 2010. Por quê? O projeto Garupa fui eu quem trouxe para o Rio. Trouxe policiais de Goiás, onde o projeto existia, para

o Rio, comprei as motos. Mas o que aconteceu: com seis motos rodando 12 horas por dia, muitas motos não estão em condições de circular. Agora, estou arrumando essas motos, comprando outras e 20 motociclistas estão sendo capacitados para fi-

car na Linha Amarela. Além disso, eu fui ao local onde a Ana Beatriz (Frade) foi morta. Ali é um breu, o mata é alto. Infelizmente é assim, no Rio é assim, tem esses lugares que propiciam que isso aconteça. Os números ruins dos últimos meses desmotivam? Não estou aqui para aparecer, para sair como vitorioso. Estou aqui porque acredito no que eu faço. O que fizemos melhorou a vida das pessoas. Estamos enfrentando problemas muito sérios. Se encaramos esses nove anos como um filme, para mim o filme é muito bom. Mas se você pegar só as fotos, só alguns momentos, você vai pegar fotos ruins. A foto de hoje é ruim.

Explosão de violência

As estatísticas de violência de abril deste ano, obtidas na íntegra em primeira mão pelo EXTRA, revelam um cenário preocupante. Entre os principais índices, considerados pela Secretaria de Segurança para a distribuição dos prêmios por desempenho aos policiais, todos apresentaram aumento de pelo menos 20% na comparação com o mesmo mês do ano passado — veja os dados completos no infográfico ao lado.

O quadro mais grave é o de letalidade violenta, que compila os casos de homicídio doloso, latrocínio (roubo seguido de morte), autos de resistência e lesão corporal seguida de morte. Foram 565 ocorrências no último mês, contra 423 em abril de 2015 — uma alta de 33,6%.

A situação é semelhante quando analisados os roubos de veículo (salto de 2.690 para 3.263, ou 21,3%) e de rua — soma dos

registros de roubos a pedestre, de celular e em ônibus —, cujo crescimento foi de 29,4%, partindo de 7.077 para 9.158 casos. Considerando todos os tipos de roubo, foram 15.526 ocorrências ao longo de abril, em um aumento de 27,8%, o equivalente a uma vítima a cada menos de três minutos.

A análise isolada dos índices de letalidade violenta mostra ainda que a região de Niterói e São Gonçalo e o interior do estado foram as áreas mais atingidas pela escalada da violência. No primeiro caso, levando em conta o total de ocorrências entre janeiro e abril, o aumento foi de 34,2% na comparação com o mesmo período do ano passado, enquanto no interior a subida foi de 28,%. r

CRIMINALIDADE ASCENDENTE

